



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**MIGUEL BERNARDO ROQUE**

**A COMPREENSÃO DA MORTE: UMA VISÃO ÉTICA A  
PARTIR DA CULTURA LOMWE**

**Dissertação Final**

**sob orientação de:**

**Prof. Doutor Gonçalo Martim V. Pereira Diniz**

**Lisboa**

**2026**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero expressar a minha gratidão a Deus Pai, pelo dom da vida e em seguida agradeço aos meus familiares na pessoa dos meus pais o senhor Bernardo Roque e a dona Alina Faustino, pela vida e educação que recebi desde a tenra idade até nos dias atuais; aos meus saudosos dois irmãos mais velhos Felisberto Bernardo Roque e Rogério Bernardo Roque, que tanto ajudaram-me com os bens materiais e incentivaram a estudar e a fazer o esforço, digo muitíssimo obrigado e que as vossas almas continuem descansando na paz de Cristo.

Meu apreço vai para todos os meus professores que ajudaram no meu percurso acadêmico em diversas escolas por onde passei. Agradecimento especial vai para o meu orientador Professor Doutor Gonçalo Martim Vieira Pereira Diniz, Op. que incentivou-me a prosseguir com os estudos mesmo no tempo em que fiquei na família biológica impossibilitado de estudar e sem saber o que fazer e de que maneira podia retomar com os estudos, foi ele que durante as nossas conversas demonstrou prontidão em dar o apoio necessário para que eu possa terminar o curso. Realmente o meu orientador continuou fazendo o seu melhor para ajudar na minha pesquisa com objetivo único de terminar o curso. Digo que para mim, não foi fácil mas com a vossa disponibilidade Professor Doutor Gonçalo, fiquei motivado em lutar e até nesse momento.

Após um momento de paragem nos estudos, tive a oportunidade de conhecer uma família de boa-fé que prontificou em dar hospedagem para poder terminar os estudos, refiro-me da Maria Teresa Rocha, ao qual chamo carinhosamente por mana Teresa; da mesma forma agradeço a tia Felícia com quem moro até então. Que Deus vos cumule de minhas bênçãos e vos compense.

Estou grato pelo apoio moral daqueles que de perto ou de longe se empenharam a dar os conselhos e motivações para não desistir do curso, refiro-me do senhor padre Ricardo José da Rocha Teixeira, Scj e os padres que fazem parte da SAM do Centro de Espiritualidade de Betânia- Porto e o padre Basílio António Uahica, Scj e da ACJPD- Alto Molócuè- Moçambique. Não quero deixar de agradecer aos docentes da Universidade Católica Portuguesa que também desempenharam um papel crucial para a minha formação académica.

A todos que mencionei e aos que não mencionei digo muitíssimo obrigado por tudo que têm feito para o meu crescimento intelectual e humano. Que o Senhor vos retribua com frutos abundantes.

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	2
RESUMO.....	5
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
<b>CAPÍTULO 1: DA CONCEPTUALIZAÇÃO À CONTEXTUALIZAÇÃO DA MORTE .....</b>	<b>11</b>
1.1 A morte no pensamento ético: eutanásia e o suicídio assistido .....	12
1.2 A morte a nível clínico.....	17
1.3 A morte é um mal a ser experimentado por todos .....	19
1.4. A noção da separação da alma do corpo .....	21
2. A morte segundo a Sagrada Escritura e o Magistério .....	25
2.1 A morte para o Antigo Testamento é consequência do pecado herdado em Adão e Eva .....	26
2.2 A morte no Novo Testamento.....	29
2.3 A sepultura e os locais onde decorriam .....	31
2.4 O culto da invocação dos mortos .....	33
3.A crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo esperança do povo de Deus.....	35
4. A glória de Cristo .....	40
<b>CAPÍTULO 2: O CONCEITO E A ORIGEM DA MORTE NA CULTURA LOMWE E OS RITOS FUNERÁRIOS .....</b>	<b>42</b>
2.1 A morte segundo o povo lomwe é uma viagem sem retorno.....	44
2.2 A compreensão socio-cultural da morte: moribundo- morte- funerais.....	45
2.3. Os ritos e práticas funerárias: realidade comunitária em ligação com os antepassados.....	49
2.3.1 Os ritos após o sepultamento .....	53
2.3.1 Período de conformação com o sucedido .....	55
2.3.2 Momento conclusivo do luto .....	57
2.3.3 A morte, tempo de demonstração da solidariedade com os que choram .....	59
2.3.4 A morte é um processo de passagem para todos.....	59
3.Classificação da morte e a eutanásia tradicional .....	60
3.1 Noção e concetualização de defunto e antepassado.....	62
3.2 O espaço dos antepassados na cultura africana.....	64

3.3. O processo de culto aos antepassados.....	65
3.3.1 Funções e finalidades do culto aos antepassados.....	66
3.3.2 Os instrumentos e locais usados no culto dos antepassados.....	67
3.3.3 O antepassado na tradição lomwe: uma análise a partir do distrito de Alto Molócué- Zambézia .....	68
3.3.4 Os elementos essenciais na preparação do sacrifício grande.....	70
3.3.5 Algumas práticas do culto dos antepassados .....	71
4.A cultura e a religião: duas asas que conduzem o povo lomwe .....	73
<b>CAPÍTULO 3: CONTRIBUTOS DA CULTURA LOMWE PARA REFLEXÃO MORAL E TEOLÓGICA SOBRE A MORTE.....</b>	<b>76</b>
3.1 Os valores fundamentais da compreensão lomwe da morte numa tensão com as questões bioéticas contemporâneas sobre a morte.....	77
3.2. Da ética relacional e comunitária da cultura lomwe a uma teologia moral da morte de matriz comunitária (normas morais).....	80
3.2.1 Dedicar a oração aos defuntos .....	81
3.2.2 Os Santos Intercedem junto do Pai .....	85
3.2.3 As exéquias fúnebres e a cremação dos corpos .....	86
4.A emergência de uma ética teológica da morte a partir da cultura lomwe.....	88
4.1 Duma possível aplicabilidade do legado dos diversos campos de estudos sobre a morte na cultura lomwe. ....	89
4.2 Evangelho na cultura lomwe: uma análise crítica- contributiva para mudança do comportamento e abandono das práticas concernentes a morte .....	90
4.2.1 O local da veneração dos antepassados vs adoração de Deus Pai .....	92
4.2.2 Veneração dos antepassados na cultura lomwe vs veneração dos santos e dos mártires .....	93
5.Cristo é único mediador entre Deus e a humanidade .....	96
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>99</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>103</b>

## RESUMO

O nosso estudo, intitulado “*A Compreensão da morte: uma visão ética a partir da cultura Lomwe*” pretende estudar a realidade da morte, numa perspectiva ética a partir da cultura lomwe. O trabalho está dividido em três capítulos, onde partimos de uma conceptualização e contextualização da morte, passando pela compreensão na Sagrada Escritura e no Magistério recente da Igreja, para finalmente assentar-nos na vivência cultural. No limite que nos impõe esta pesquisa chegamos à conclusão de que a morte é um problema que está presente em todas as culturas do mundo, nisto deve ser encarada e assumida como algo que está no meio da humanidade, e que só falta o dia em que a nossa vida termina para passarmos deste mundo visível para o mundo invisível. Por sua vez, cada campo de estudo traz o seu pensamento concernente a morte, mas única coisa que deve ficar claro é de que cada um de nós chegará o seu dia de partir deste mundo, ou seja, todos nós morreremos. Entretanto, apesar da morte que nos entristece, no pensamento bíblico, teológico temos a esperança na ressurreição dos mortos no último dia. Sendo assim, a veneração dos antepassados não é apenas a situação que é vivida na cultura lomwe, mas também em todas as culturas, mas é pertinente a tomada de consciência de que o único Mediador entre Deus e os homens é Jesus Cristo.

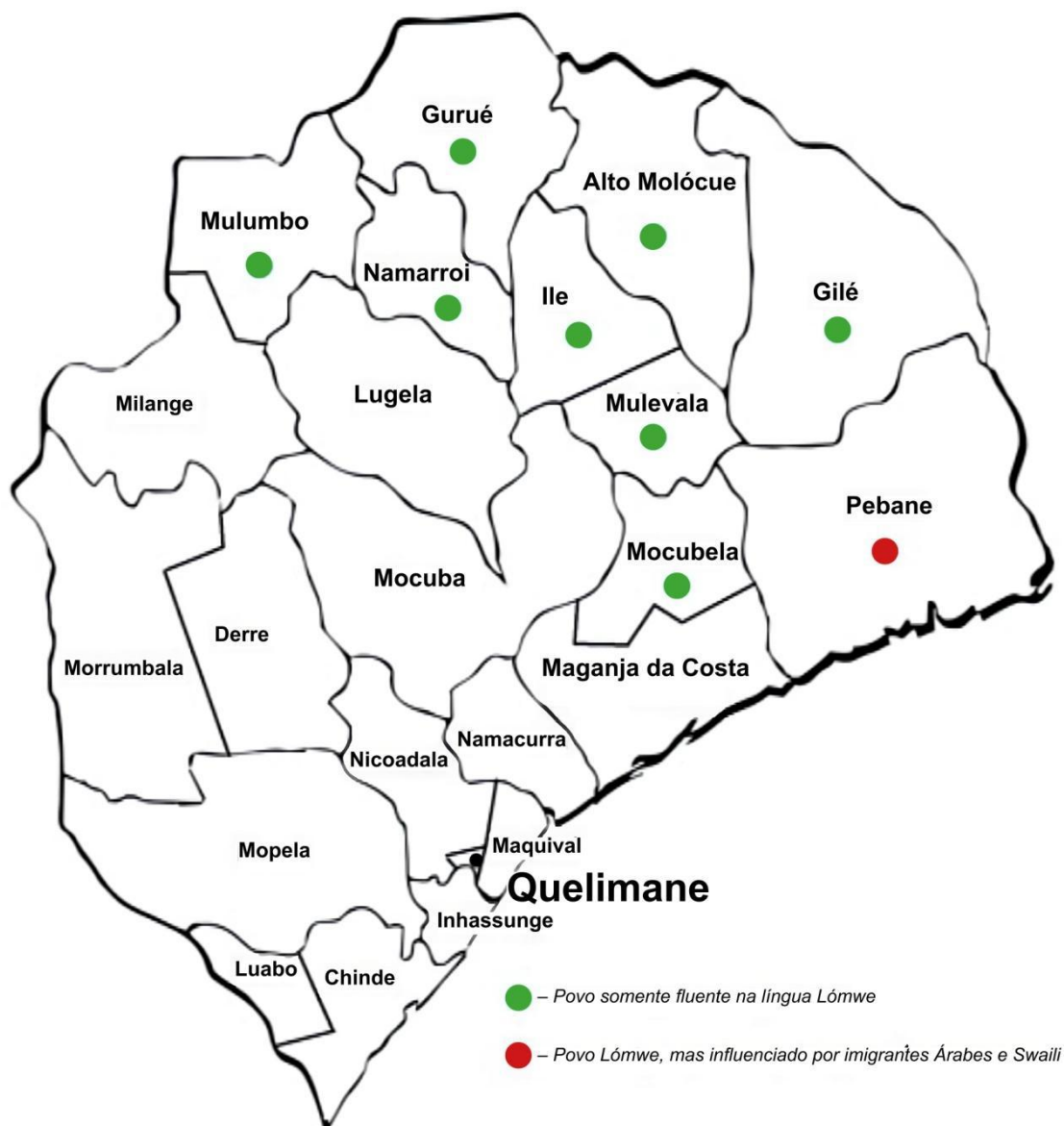
**PALAVRAS- CHAVES:** Morte, ritos, veneração, antepassados, ressurreição, cultura lomwe.

## ABSTRACT

Our study, entitled "The Understanding of Death: An Ethical View from the Lomwe's Culture" aims to study the reality of death in the lomwe's culture, from an ethical-theological perspective. Subdivided into three chapters, we start from a conceptualization and contextualization of death, passing through its understanding in Sacred Scripture and in the recent Magisterium of the Church, to finally settle on its understanding and experience in the Lomwe's culture. To the extent that such an investigation is required of us, we have come to the conclusion that Death is a problem that is present in all cultures at this stage on Earth. It must be faced and accepted as something that is part of humanity and that the only thing missing is the day when our life ends and we pass from this visible world to the invisible world. In turn, each field of study brings its own thoughts concerning death, but the only thing that is clear is that each of us will reach the day when we leave this world, that is, we will all die. However, despite the sadness that death brings us, in biblical and theological thought we have hope in the resurrection of the dead on the last day. Thus, the veneration of ancestors is only a situation that is experienced in the Lomwe culture and other cultures, but it is pertinent to be aware that the only Mediator between God and men is Jesus Christ.

**KEYWORDS:** Death, rites, veneration, ancestors, resurrection, Lomwe culture

MAPA ILUSTRATIVO DA PROVÍNCIA DA ZAMBÉZIA ONDE O POVO LOMWE ESTÁ PRESENTE<sup>1</sup>



<sup>1</sup>Cf. Patrício D. T. J; Alexandre, A e Jorge, A. D. *O Povo lomwe, sua expansão e a influência da modernização nos seus hábitos costumes*, Vol. 3, nº2, 2023. Acedido aos 26 de junho de 2025, <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1312/1061>.

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

a.C- Antes de Cristo

ACJPD- Associação Centro Juvenil  
Padre Dehon

Ap- Livro do Apocalipse

AT-Antigo Testamento

CEP- Conferência Episcopal Portuguesa

CIC- Catecismo da Igreja Católica

Cl- Clossenses

Dt- Deuterónimo

Ecl- Eclesiásticos

Ef- Efésios

Esd- Esdras

Fl- Da epístola a Filémon

Gn- Génesis

GS- Gaudium et Spes

Is- Isaías

Jb- Job

Jo- Evangelho de São João

Jr- Jeremias

Js- Josué

Lc- Evangelho de São Lucas

LG- Lumen Gentium

Mc- Evangelho de São Marcos

Mt- Evangelho de São Mateus

NT -Novo Testamento

Pr- Livro dos Provérbios

Rm - Epístola aos Romanos

SAM- Serviços de Apoio às Missões

Sb- Do Livro da Sabedoria

SCJ- Sacerdotes do Coração de Jesus

SIDA- Síndrome de imunodeficiência  
adquirida

Sl- Salmos

Tg- Tiago

Tm- Timóteo

UCP- Universidade Católica Portuguesa

1 Sm- Primeiro Livro de Samuel

2 Cor- Segunda Epístola aos Coríntios

2 Reis- Segundo Livro dos Reis

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o título: “*A Compreensão da morte: uma visão ética a partir da cultura Lomwe*”, que visa estudar a morte partindo da perspectiva ética. Este tema tem como objetivos gerais: estudar a morte como problema universal; identificar a origem da morte; estabelecer a relação de cada campo de estudo concernente a morte. A problemática neste trabalho é a seguinte: Até que ponto a cultura lomwe compreende a morte e quais os seus contributos numa perspectiva ético-teológica perante os desafios atuais da morte e da vivência do luto? De que maneira a cultura lomwe reconhece os seus antepassados? Estas questões responderemos ao longo dos capítulos.

No que tange a metodologia, a pesquisa seguirá o tipo documental e empírico. Pesquisa documental, que consiste na análise de documentos do Magistério da Igreja, livros, artigos eletrônicos, manuais e bibliografias da reflexão teológica da cultura lomwe, moral africana e ocidental e outras fontes escritas; por sua vez a pesquisa empírica, tem como ponto de estudo a coleta de dados de fontes diretas, como é o caso das entrevistas feitas via telefónica para o aprofundamento do tema em estudo, concretamente no segundo capítulo, e a fonte oral.

Ora, a questão da morte é debatido em vários campos de estudos desde os tempos mais antigos e na atualidade, no campo religioso assim, como a nível de cada cultura. Desta forma é importante apresentar uma reflexão sobre o assunto em destaque. Esta pesquisa é constituída por três capítulos:

O primeiro capítulo, é da conceptualização à contextualização do termo morte, para darmos o ponto de partida na etimologia, destacaremos a morte no âmbito ético como é o caso das situações atuais: eutanásia que consiste em provocar a morte numa determinada pessoa, por meio de um pedido da pessoa, muitas vezes por situações desesperadora da vida, como é o caso da doença prolongada; e outra questão ética diz respeito ao suicídio assistido. De referirmos que ao longo de vários anos havia algumas dúvidas de como explicar a nível clínico sobre a morte. Neste caso, Marciano Vidal apresenta os critérios que podem- nos ajudar a considerar que esta pessoa está clinicamente morta, contrariando o elemento da paragem do coração que era tomado como suficiente para declarar que alguém está clinicamente morta, mas com os avanços dos estudos essa teoria da paragem do coração como elemento suficiente caiu por terra ficando a morte cerebral como aquela teoria que é aceite a nível mundial até nos nossos dias. Na filosofia a morte é um mal para todos os seres humanos e sem distinção. Nesta vertente Aristóteles, ao em vez de usar o termo morte prefere falar de separação da alma do corpo, visto que um corpo sem alma é sem dúvida um corpo morto.

Entrando no pensamento bíblico é notável que à morte origina do pecado, que é o fruto da desobediência do homem a Deus. A seguir temos a reflexão teológica e o Magistério da Igreja.

O segundo capítulo, é de estudar a morte na cultura lomwe que é o objeto de estudo nessa pesquisa, porém, a cultura lomwe no que concerne a matéria da morte tem

adquirindo algumas mudanças e alterações ao longo dos séculos. Ao nos referir que mudou completamente, significa que a sua transição é notada em duas vertentes: por um lado há uma transição em termos de idade, isto é, as práticas típicas da cultura vem cada vez mais tendo algumas alterações e as influências vindas do cristianismo. É importante dizer que há muitos elementos que no tempo dos nossos ancestrais eram estáveis, mas nos dias atuais vem perdendo o seu valor moral, e alguns pontos da cultura lomwe precisa de serem examinados e refletidos com tanto cuidado; há uma transição em termos da mentalidade ética no que diz respeito a morte.

O povo lomwe, geograficamente localiza-se no centro de Moçambique, na província da Zambézia. É a região conhecida por alta Zambézia, com as montanhas mais altas da região, como é o caso do Monte Namúl com cerca de 2419 metros de altura, zona rica para a prática da agricultura e a pastorícia. Segundo o mito da criação na cultura lomwe, sublinha-se que o Povo Lomwe e Macua, tem a mesma origem no monte Namúl. A região foi evangelizada pelos missionários Jesuítas, mais tarde pelos Dehonianos e Capuchinhos, com a participação dos Irmãos Maristas, Irmãos de São João de Deus (na leprosaria de Gafaria- Chapala) e algumas congregações femininas. O povo da alta Zambézia tem como a fonte de alimentação a prática da agricultura. E para a organização social é feita por clãs (*Mahimo*), chefes das aldeias *Mamwenes*.

O tema acima citado, a problemática que se coloca tem a ver com a origem da morte e a maneira como os mortos são sepultados e mais tarde invocados na cultura lomwe. A pertinência deste tema, reside na tomada de consciência da existência da morte, que ela sempre está presente nas nossas vidas, onde assistimos a morte do outrem, nele nos compadecemos, aparecendo desta forma a vivência do luto num ambiente social e comunitário. Estes valores morais são transmitidos de geração em geração por meio de: tradições, crenças, ritos, contos, etc, como podemos verificar na cultura lomwe. Neste sentido, é notável que alguns princípios morais podem ser aplicados numa área e noutra não, isto tudo tem a ver com a diferenciação do contexto cultural, estrutura social, como é o caso da morte de um chefe da aldeia, bem como as mudanças que acontecem em cada sociedade e em cada povo.

Para a cultura lomwe, a religião é o que orienta a vida de cada indivíduo desde o nascimento até a morte. A religião é o que orienta todos os momentos públicos ou privados. O povo lomwe em estudo, Deus existe e é Criador de tudo o que há no Céu e debaixo da terra. Nisto veremos o objetivo da religião que é de recriar um mundo bem organizado, com possibilidade de interpretar o fenómeno da morte que aflige a sociedade. Por esta razão, a morte na atualidade tem origem nas doenças (naturais e aquelas que são provocadas por *mukwiri*= feiticeiro, *Olowa*- ser feitiçada), suicídios, guerras, luta contra a fome, e a realização dos ritos fúnebres depende das regras da cultura, tradições, costumes, tabus e leis que o povo lomwe se espelha. Isso tem moldado comportamentos adequados para a vivência desse momento de luto. Na nossa conclusão, além de fazermos as convergências e divergências, fica uma questão aberta para o aprofundamento desse estudo.

Acabando de apresentar o tema central, seguimos para o terceiro capítulo que constitui um momento de consolidação entre o que estudamos nos dois capítulos, isto é, o contributo da cultura lomwe para reflexão moral e teológica sobre a morte. Na cultura lomwe a morte é o caminho que nos conduz para uma outra vida, é um novo nascimento para a vida eterna. Na mesma instância encontramos na teologia a morte sendo essa via que nos conduz ao encontro com Deus. Outro ponto é sobre os valores fundamentais da compreensão lomwe da morte numa tensão com questões bioéticas contemporâneas sobre a morte, que é o caso da eutanásia e o suicídio assistido. Da ética relacional e comunitária da cultura lomwe a uma teologia moral da morte de matriz comunitária (normas morais), em que para a cultura lomwe vive o momento da morte de forma comunitária, se alguém morre na sociedade, todos os residentes deixam os seus trabalhos diários, para se unirem a família enlutada.

Na cultura lomwe pratica-se a veneração dos antepassados, acompanhado com sacrifícios e orações tradicionais. Neste sentido no cristianismo encontramos as orações que os cristãos fazem para honrar aqueles que durante a vida partilharam os seus momentos conosco, porém, já partiram para junto do Pai. A veneração dos defuntos, não é uma questão só da cultura lomwe, mas sim de todas as culturas. Somente é importante que se eduque o povo a evitar exageros e a reconhecer os mortos apenas por terem vivido conosco.

Enquanto a cultura lomwe possui os seus elementos, como é o caso dos ritos fúnebres tradicionais, a teologia também apresenta as normas para a celebração das exéquias fúnebres de todos os cristãos.

Por conseguinte, seguimos com a questão da aplicabilidade do legado dos diversos campos de estudos sobre a morte na cultura lomwe que culmina com a mudança do estilo de vida e o modo de ver as realidades culturais influenciadas com o cristianismo. Depois de todo estudo, é de salientar que não são os antepassados, que são mediadores. A teologia nos ensina que Jesus Cristo é o Único Mediador entre Deus e toda a espécie humana.

## CAPÍTULO 1: DA CONCEPTUALIZAÇÃO À CONTEXTUALIZAÇÃO DA MORTE

De referirmos que a palavra “morte” em latim é “*mors*”, deriva da raiz indo-europeia *mor*, que quer dizer “morrer”. O termo é aplicado em frases como “*moment mori*” (“lembre-se da morte”), que outrora era usado pelos filósofos estóicos para recordar da finitude da vida, ou seja, da morte.

E em grego (*θανατος*= *thanatos*), é usado nas Escrituras para descrever: a) separação da alma (a parte espiritual do homem) do corpo (a parte material). O último cessar de funções e a volta para o pó (por exemplo, Jo 11,13. Em Ap 13, 3-12 “ferida de morte”). Para além desse termo *thanatos*, usa-se outros termos como é o caso de *Αποκτεινω*- *apokteino* que significa (matar) indica uma extinção violenta da vida; e *teleutão* que significa chegar ao fim, terminar e, portanto, morrer<sup>2</sup>.

Por sua vez a morte na mitologia grega era considerado por *Hades*, que é o deus do submundo e dos mortos, que governa o reino subterrâneo. Ele é um dos três irmãos (juntamente com Zeus e Poseidon) que dividiram o mundo após derrotarem o pai Titã Cronos. *Hades*<sup>3</sup> tem a missão de governar o reino dos mortos, Zeus o céu e a terra e Poseidon os mares. O nome “*Hades*” também se refere ao próprio mundo inferior, onde as almas dos mortos habitam. Enquanto para a mitologia hebraica, a morte é vista como a separação da alma do corpo, um evento que ocorre quando Deus, o doador da vida, decide retirar o sopro vital. O mundo dos mortos é chamado de *Sheol*<sup>4</sup>, um lugar sombrio e silencioso para onde todos vão após a morte, embora sem conotação de tormento eterno. O judaísmo moderno explora a ideia de um aperfeiçoamento da alma após a morte, muitas vezes comparando o sono à morte.

---

<sup>2</sup> Cf. The New International *Dictionary of New Testament Theology*, United States of America: Vol. 1. Editor: Colin Brown, 1971, 429.

<sup>3</sup> Hades, é o termo que é usado para designar o mundo do inferior e dos mortos. Esse termo grego veio a ser usado no Novo Testamento para designar o mundo dos mortos ou local de espera para o julgamento final. Este lugar corresponde ao que no Antigo Testamento, a cultura hebraica denominava por *Sheol*, que sem dúvida o lugar de silêncio e de muita calma a espera de juízo final, por esta razão tanto o grego quanto o hebraico tem um sentido similar.

<sup>4</sup> Falar de *Sheol*, em hebraico, é sem dúvida o lugar de enterro dos mortos, de forma geral é o local onde vão todos os mortos quer justos ou injustos. É preciso tomar cuidado para não confundir com aquilo que os cristãos chamam de inferno, visto que é local de tanta escuridão, onde os mortos esperam a vida futura.

## 1.1A morte no pensamento ético: eutanásia e o suicídio assistido

Ética- a palavra ética vem do grego *ethos*<sup>5</sup>, originalmente tinha o sentido de “morada”, “lugar em que se vive” e posteriormente significou “caráter”, “modo de ser” que se vai adquirindo durante a vida. O termo moral procede do latim *mores* que originariamente significava “costume” e em seguida passou a significar “modo de ser”, “caráter”. Por esta razão a ética e a moral têm um sentido quase idêntico<sup>6</sup>. E a ética tem tripla função: 1) esclarecer o que é a moral, quais são seus traços específicos; 2) fundamentar a moralidade, ou seja, procurar averiguar quais são as razões que conferem sentido ao esforço dos seres humanos de viverem moralmente; 3) aplicar aos diferentes âmbitos da vida social os resultados obtidos nas primeiras funções, de maneira que se adote uma moral crítica em vez da subserviência a um código.

A morte é um problema que tem vindo a ser debatido em vários campos de estudos, nisto cada campo de estudo desempenha um papel crucial a fim de trazer aos leitores interessados em conhecer esta matéria na sua generalidade, embora seja a única via que todo o ser humano terá que passar, continua abalar os corações de todos. Os campos de estudos têm como escopo encontrar as reais causas, nisto é importante apresentar a reflexão que a ética, tem a oferecer sobre a morte.

A morte origina de várias formas, como é o caso daquelas situações, em que o ser humano não compreende as reais causas, por exemplo, às doenças que aparecem na vida do ser humano de forma inexplicada. E por conseguinte, é pertinente realçar que temos a morte que é fruto das ações humanas, tais como, guerras, suicídio, entre outras.

A realidade da morte aparece em muitos temas da ética. Por exemplo está ligada a realidades como: violência, guerra, terrorismo, tiranicídio, doenças, e outras situações. Por outro lado, existem agressões diretas à vida humana que dão origem à realidade da morte: suicídio, homicídio, greve de fome, etc. Outras vezes, pretende-se justificar ética juridicamente a morte imposta: é caso da pena de morte. Nestas e noutras situações existe uma consideração ética da morte. Mas existem outras duas considerações da

---

<sup>5</sup> *Ethos*- é uma palavra de origem grega que quer dizer caráter, costumes, hábitos e modo de ser. Esse termo é aplicado em dois campos de estudos: na filosofia, como aquela base da ética que tem como objeto de estudo os hábitos e virtudes que moldam o caráter moral de uma determinada pessoa e um povo. Enquanto na retórica, tem como centro a credibilidade e a autoridade que um orador tem para enfrentar e convencer o seu público.

<sup>6</sup> Cf. Adelia, Cortina e Emílio Martínez, *Ética*, Trad. Roque Junge, São Paulo: Ed. Loyola, 2005, 3.

morte relativamente à ética que revestem uma característica especial. São aquelas em que a morte é vista em si mesma.<sup>7</sup>

Neste sentido Marciano Vidal apresenta dupla perspectiva, para identificar a morte:

- A primeira perspectiva denomina-se “*a morte como estrutura antropológica*”. Onde a morte equivale à condição finita da existência humana. Este significado da morte, enquanto tomada de consciência e apropriação, pelo ser humano, da sua condição finita, possui diversas implicações para a ética. Estas implicações da representação (consciencialização e apropriação) da morte podem-se entender como uma «ética fundamental da morte»;
- A segunda perspectiva sublinha “*a morte enquanto ação humana*”, isto é, como um momento supremo e o mais decisivo da existência livre e responsável. Enquanto tal, a morte já não é «representação», mas um objeto de decisão. A esta consideração da morte corresponde um tratamento ético específico: Como tornar humana a ação de morrer, isto é, «humanizadora<sup>8</sup>»

Por sua vez Olegário González diz que se o homem é para a vida, mas está na morte. Além disso, ele passará a ser definido como um ser para a morte, como o ser que sabe da sua morte e que, portanto, ao contrário dos animais, não perece, mas a morte no sentido estrito da palavra. O homem é um ser pessoal, uma soma de biologia e biografia, de natureza e liberdade, envolvido em ações e situações sempre particulares, mas vivendo sempre de uma antecipação do absoluto e do universal. A morte põe em causa a vida e a pessoa, o futuro num sentido e o presente noutra. Tudo está fechado pela morte e encerrado na morte<sup>9</sup>.

- Segundo Marciano Vidal diz que o conteúdo ético de morrer resume-se na realização destes dois valores, a saber: *1º o respeito ético pela vida humana; 2º a exigência ética de uma morte digna da pessoa*. Estes são os dois valores que devem iluminar eticamente as decisões que tendem, por um lado, a abreviar a vida do doente (real ou virtual) na sua fase final; e por outro, prolongar a vida humana na fase terminal. Desta forma, a síntese ética consistirá em manter em

---

<sup>7</sup>Cf. Marciano, Vidal, *Diccionario de Ética Teológica*. Estella –Navarra: Editorial Verbo Divino, 1991, 405.

<sup>8</sup> Ibidem, 406

<sup>9</sup> Cf. Cardedal, Olegario González, *Sobre la muerte*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, 70

equilíbrio, muitas vezes agónico, os dois valores apresentados. Assim, nota-se a situação ideal da ortotanásia<sup>10</sup>. A morte para a ética já menciona esses dois pontos que nos referimos acima.

#### **a) Eutanásia é o alívio da dor do moribundo**

A palavra “eutanásia”, de origem grega εὐθανασία (euthanasía), significava originalmente uma morte boa e honrosa. Na linguagem médica, durante séculos, significou qualquer tipo de cuidado que o médico dispensava ao paciente moribundo para aliviar o seu sofrimento e diminuir a sua dor e angústia. Só no século XX é que esta palavra benévola passou a significar a ação direta e indolor de um doente que, sem perspectivas de recuperar a saúde, pode desejar esta forma de morte imediata<sup>11</sup>.

Na visão de Maria Julia Kovács, a eutanásia era apontada na sociedade greco-romana, sendo o direito de morrer reconhecido, como também era permitido que os doentes desesperados pudessem pôr fim a uma vida de sofrimento. Por sua vez Francis Bacon apontou que a eutanásia passava a ser um assunto médico, tendo a conotação de aliviar o sofrimento de doentes terminais<sup>12</sup>. Como dado histórico sublinhou-se que em 1999 na França discutiu-se a polémica do direito de matar e o direito de morrer. Na Grécia, os espartanos jogavam do alto do monte os recém-nascidos defeituosos e os idosos. Em Atenas, era o Senado que tinha o poder absoluto de decidir sobre a eliminação dos idosos e incuráveis. Em Roma, César autorizava o término da agonia de gladiadores feridos, com um movimento dos dedos. Por sua vez, na Índia, as pessoas com doenças incuráveis eram jogadas no Ganges e a sua boca e narinas eram vedadas com a lama sagrada. Na Idade Média, os guerreiros feridos mortalmente tinham direito ao punhal, reconhecendo-se seu uso como ato misericordioso, para evitar o sofrimento prolongado. Assim, a eutanásia era admitida na Antiguidade, tanto para eliminação dos imperfeitos, quanto como forma de aliviar o sofrimento, ficando estes dois sentidos

---

<sup>10</sup> Ortotanásia é um termo utilizado pelos médicos para definir a morte natural, sem interferência da ciência, permitindo ao paciente morte digna, sem sofrimento, deixando a evolução e percurso da doença. Neste sentido evitam-se métodos extraordinários de suporte de vida, como medicamentos e aparelhos, em pacientes irrecuperáveis e que já foram submetidos a suporte avançado de vida.

<sup>11</sup> Cf. Häring, Bernhard, *Moral y medicina: Ética médica y sus problemas actuales*, Madrid: Editorial PS, 1972, 142.

<sup>12</sup> *Ibidem*, 130.

misturados durante muito tempo. Já nas práticas de eugenia, no nazismo, há prevalência do primeiro. A eutanásia divide-se em:

- *A eutanásia ativa*- ação que causa ou acelera a morte;
- *Eutanásia passiva*: a retirada dos procedimentos que prolongam a vida. Esta modalidade, na atualidade não é considerada como eutanásia, desde que diante de um caso irreversível, sem possibilidade de cura e quando o tratamento causa sofrimento adicional. A interrupção dos tratamentos, neste caso, recebe o nome de *ortonásia*, ou seja, a morte na hora certa;
- *Eutanásia voluntária*- a ação que causa a morte quando há pedido explícito do paciente;
- *Eutanásia involuntária*- ação que leva à morte, sem consentimento explícito do paciente. Neste caso, não deveria ser chamada de eutanásia, e sim, de homicídio; com a atenuante de que é executada para aliviar o sofrimento, possivelmente dos cuidadores, familiares ou profissionais.

#### **b) Reação crítica da eutanásia, nos dias atuais**

Várias instituições apresentaram- se contra essa posição da eutanásia. Uma das reações vem da Conferencia Episcopal Portuguesa (CEP), que afirma que: “eticamente é inaceitável qualquer forma de eutanásia, isto é, qualquer ação ou omissão que, por sua natureza e nas intenções, provoca a morte. Nem sequer o objetivo de eliminar o sofrimento ou livrar a pessoa de um estado penoso pode legitimar a eutanásia, tanto mais que a medicina e a sociedade dispõem de outros meios para socorrer os pacientes em fase terminal. Equivalente à eutanásia, do ponto de vista ético, é qualquer forma de ajuda ao suicídio, também designado suicídio assistido”.

A eutanásia é concretização de um desejo que o homem contemporâneo tem de se apoderar da morte, antecipando- a para a situar no momento que ele próprio determina, resultado de um medo angustiante e desesperado perante o sofrimento. A eutanásia é frequentemente apresentada como um gesto de humanidade ou de compaixão que pretende respeitar a dignidade com que cada ser humano quer viver. Na realidade,

porém, e numa linha de princípio, qualquer forma de eutanásia constitui uma renúncia a acompanhar a pessoa doente, traduz a falta de empenho de uma sociedade em procurar meios que permitam viver dignamente todas as fases da existência humana. É, por isso, uma violação, ainda que consentida, da dignidade fundamental que se deve reconhecer a cada ser humano. A eutanásia ou ajuda ao suicídio são formas desumanas de lidar com a pessoa que vive o seu processo de morrer, constituem “uma ofensa à dignidade da pessoa humana, um crime contra a vida e um atentado contra a humanidade<sup>13</sup>”.

### c) **Suicídio assistido**

*Suicídio*- ação que o sujeito faz contra si próprio, e que resulta em morte.

*Suicídio assistido*- quando há ajuda para a realização do suicídio, a pedido do paciente. Esta situação é considerada crime, do ponto de vista legal.

O termo suicídio assistido apareceu em 1990, envolvendo Jack Kervokian, médico do estado Oregon, que relata o caso de uma paciente Janet Atkins, portadora da doença de Alzheimer. O suicídio assistido, neste caso, foi proposto como forma de driblar a solidão que ela sentia. No geral, a proposta de Kerkovian sustenta que o suicídio assistido é uma forma de morte planejada, como possibilidade de se assumir tanto a vida como a própria morte com dignidade<sup>14</sup>.

*Suicídio passivo*- deixar de fazer alguma ação, podendo resultar em morte; por exemplo, não tomar medicação. Esta é uma situação muito difícil de ser comprovada. Falar em suicídio sempre implica na necessidade de uma cuidadosa investigação, já que vários fatores podem estar envolvidos nesta ação.

Kervokian desenvolveu o *mercitron* uma máquina que provoca suicídio “piedosos” (*merciful*), segundo suas palavras. A máquina tem três seringas e uma agulha com um dispositivo para ser acionado; na primeira seringa existe uma solução salina, cuja função é deixar uma veia aberta; na segunda, um poderoso relaxante

---

<sup>13</sup>Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, Cuidar da vida até à morte: Contributo para a reflexão ética sobre o morrer, 2009.

<sup>14</sup>Cf. Maria Julia Kovács, *Bioética nas questões da vida e da morte*, Instituto de Psicologia-USP, 2003,150.

muscular, que pode ser manipulado pelo paciente, quando este quiser iniciar o processo; e na terceira, cloridrato de potássio, que provoca parada cardíaca imediata. Quando o paciente aciona a segunda seringa, imediatamente inicia o processo da sua morte. Este é o exemplo clássico de suicídio assistido porque, de alguma forma, implica na vontade e ação do paciente<sup>15</sup>. Existem, outros termos usados quando se refere a questão de morrer com dignidade, que dizem respeito aos temas como eutanásia e suicídio assistido.

Fédon (Sobre a Alma) no capítulo VI, Sócrates fala da questão do suicídio voluntário: «diz-nos então, Sócrates, em que princípio é que se pode basear quando pretendem que suicídio não é permitido. Da minha parte, para voltar à tua pergunta de há pouco, já ouvi dizer a Filolau, na altura em que se encontrava entre nós, e também a muitos outros, que ninguém tem o direito de se matar. Mas nunca houve quem desse qualquer precisão a propósito<sup>16</sup>».

Tantas pessoas decidem pedir para morrerem porque notam que a sua vida é um peso para si e para a família. Estão lutando para a vida internados por longo período nos hospitais, abandonados ou mesmo desesperados devido a doença prolongada como é o caso de Sida e o cancro. Para além desses problemas da morte, é preciso destacar a questão do aborto que constitui a morte prematura, quer espontâneo ou provocado.

## 1.2 A morte a nível clínico

Antes de falarmos propriamente da morte clínica é importante dizer que considera-se “morte” a supressão de toda a manifestação de vida do organismo no seu conjunto, enquanto a extinção duma determinada parte do corpo denomina-se «necrose». Marciano Vidal, define a morte clínica como um conceito que corresponde à realidade do limite no processo degenerativo da vida humana, limite para além do qual não é possível o regresso ou uma revivificação. Portanto, a irreversibilidade é a nota formal que caracteriza fundamentalmente a morte clínica<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Cf. Maria Julia Kovács, *Bioética nas questões da vida e da morte*, Instituto de Psicologia-USP, 2003, 152.

<sup>16</sup> Cf. Platão, *Diálogos III Apologia de Sócrates, Crítón e Fédon*, Trad. Fernando Melro, Mira Sintra: 1982, 75

<sup>17</sup> Cf. Vidal, Marciano. *Diccionario de Ética Teológica*. Estella –Navarra: Editorial Verbo Divino, 1991, 407.

Alguns anos atrás tomava-se como fim de uma vida a partir do último palpito do coração. Desta forma a paragem cardíaca, a interrupção da atividade do coração era o parâmetro decisivo da morte. Assim, ao longo dos anos, e com os avanços da ciência, principalmente com a realização das transplantações do coração, ficou claro que não é este parâmetro que define basicamente a morte clínica. A paragem do coração perdeu o valor significativo da irreversibilidade que é da própria morte clínica, ou seja, a teoria da paragem do coração como ponto central para se declarar a morte, caiu por terra.

Atualmente define-se o momento da morte clínica tomando como parâmetro não o coração, mas o cérebro. Considera-se uma pessoa morta clinicamente quando nela se produziu uma degenerescência irreversível da massa cerebral. Verificada a morte irreversível do cérebro, o homem é considerado clinicamente morto. No entanto, através de ações reanimadoras podem ser reativadas certas funções do organismo restabelecendo a circulação e a respiração. Pode-se então falar de «vida vegetativa» dum sujeito clinicamente morto<sup>18</sup>.

Ficando comprovado o conceito da morte do ser humano como morte do cérebro, torna-se necessário ter em conta um conjunto de critérios para comprovar a perda irreversível e total do funcionamento do cérebro. Certamente foi isso que levou a formular uma nova definição legal da morte clínica recordamos o que afirma a legislação espanhola: considera-se falecida uma pessoa na qual se fez «prévia comprovação da morte cerebral, baseada na verificação e concorrência, durante trinta minutos, pelo menos, e na persistência, seis horas depois do começo do coma, Marciano Vidal apresenta os seguintes sinais<sup>19</sup>:

-ausência de resposta cerebral, com perda absoluta de consciência;

-ausência de respiração espontânea;

-ausência de reflexos cefálicos, com hipotonia muscular e midríase;

-eletroencefalograma plana, demonstração de inatividade bioelétrica cerebral.

Os sinais referidos não serão suficientes perante situações de hipotermia induzida artificialmente ou de administração de drogas depressoras do sistema nervoso central».

---

<sup>18</sup> Ibidem, 407

<sup>19</sup> Ibidem, 407

### 1.3 A morte é um mal a ser experimentado por todos

No pensamento filosófico é pertinente a tomada de consciência de que a morte é um mal a ser percorrido por cada ser humano, cada qual no seu devido momento e nas respetivas circunstâncias que o conduzirão a este fim trágico. Nisso, fica claro que a vida está para a morte. Como prova disso é o que encontramos no mais célebre dos silogismos que enuncia, o seguinte:

Todos os homens são mortais.

Sócrates é um homem.

Logo, Sócrates é mortal

Todos os homens são seres finitos e sujeitos a morte. Nisso é óbvio sublinhar a morte sofrida pelo grande filósofo Sócrates, e observar as abordagens que nos são oferecidas perante essa situação. De referir que os factos de condenação de Sócrates à morte, começaram em março de 339 a.C, quando um jovem de nome Mérito, apresentou queixa que pesava sobre Sócrates: «Sócrates é culpado de não reconhecer os deuses da cidade e nela introduziu novos deuses; é também culpado de corromper a juventude. E a pena exigida foi a morte. Porém, muitos convenceram-no a escapar dessa condenação. Mas Sócrates recusou as diversas propostas de livrar-se das acusações e da morte. E afirma que:

Prefiro morrer depois de semelhante apologia a viver por um preço desses! Nem no tribunal e nem na guerra é lícito a alguém, a mim ou a outra pessoa, recorrer a todos os meios para escapar à morte. Efetivamente, todos sabem que é muitas vezes fácil evitar a morte em combate, lançando fora as armas e dirigindo súplicas aos perseguidores. Da mesma maneira, em todos os outros perigos, há muitos processos de uma pessoa escapar à morte, desde que esteja resolvida fazer e a dizer tudo. Talvez não seja, por isso, difícil, Atenienses, evitar a morte, muito mais difícil é conseguir não praticar o mal. E o mal persegue-nos mais rápido do que a morte<sup>20</sup>.

Nessa vertente Sócrates, dá a entender aos seus discípulos a necessidade de enfrentar o caminho da morte, ao em vez de escapar dela. Visto que a morte é o único percurso que todos teremos que passar. Por esta razão, perante a condenação de forma

---

<sup>20</sup> Platão, *Éutifron- Apologia de Sócrates (XXIX)- Críton*, Trad. M. Oliveira Pulquério, Lisboa:1972, 102

injusta, temos que optar no que tranquiliza a nossa alma, aliás, próprio Sócrates dá a relevância ao cuidado da alma.

A morte desapareceu do horizonte da vida, como se não precisasse de contar para que tivéssemos de contar com ela. Por isso, quando ela aparece, ninguém sabe o que fazer com ela, como reagir, como se preparar para morrer e, menos ainda, como fazer o luto, seja no choro consciente, na rejeição violenta ou no espanto que revela repressões e silêncios<sup>21</sup>.

A vida do filósofo é, toda ela, uma preparação para a morte. Ele trabalha por separar-se, tanto quanto possível, do corpo, para só se ocupar da alma. Esse pensamento de Sócrates revela coragem em enfrentar a morte, como ele mesmo afirmou: “Eis porque a morte me não aflige. Espero que para os homens, haja alguma coisa ainda para além desta vida, e que, lá os bons tenham melhor acolhimento do que os maus<sup>22</sup>”.

É conveniente afirmar que «os que filosofam estão em agonia de morrer», «purificando o contacto da alma com o corpo na esperança de que Deus mesmo venha romper as ataduras que os unem». E narra então como Sócrates «tomou cálice (de cicuta) em seus lábios, e o bebeu com uma tranquilidade e uma doçura maravilhosa».

Aristóteles, afirma que o homem dado à reflexão, pelo contrário, de nada disso carece, pelo menos para o exercício da sua atividade. Para ele, tudo isso não passa, por assim dizer, de entraves, pelo menos para a reflexão. Mas, na medida em que o homem vive com muitos outros, empenha-se resolutamente na prática de ações ditadas pela virtude, pelo que terá necessidade do concurso de tais coisas, de molde a poder viver uma vida humana<sup>23</sup>.

Na *Apologia XVI*, é notável o discurso de Sócrates e Cebes onde os dois debatiam o meio-termo para que Sócrates se livrasse da condenação à morte, Sócrates diz que: «Estamos, pois, uma vez de acordo em que os vivos nascem dos mortos, tal como os mortos nascem dos vivos. Sendo assim, julguei ter encontrado nisto uma prova

---

<sup>21</sup> Cardedal, Olegario González, *Sobre la muerte*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003,72

<sup>22</sup> Platão, *Fédon, Diálogo sobre a alma e a morte de Sócrates*, Trad. Ângelo Ribeiro, Porto:1919, 29.

<sup>23</sup> Aristóteles, *Ética a Nicómaco: Edição bilingue*, Trad. Dimas de Almeida, Porto: Edições Universitárias Lusofonas, 1178 b 3-8, 2012.

bastante de que as almas dos mortos existem forçosamente algures, de onde regressam à vida».

É neste sentido que Sócrates apresenta o seu argumento a fim de dar a entender que o homem que trabalhou a vida inteira nos pensamentos filosóficos, deve morrer com coragem, e na firme esperança de fruir bens finitos, ao deixar essa vida.

#### **1.4. A noção da separação da alma do corpo**

Durante as abordagens de Aristóteles, ele não fala propriamente da morte senão a nova linguagem que dá conta que ao evitar dizer morte, fala da “separação da alma do corpo”. Visto que o corpo sem alma, não tem vida, a alma é o que tem por missão animar o corpo, nisso um corpo sem alma é sem dúvida morto.

Por sua vez Platão, nos anos anteriores já tinha formulado uma antropologia dualista para dar a entender a morte. E de afirmar que a sua característica principal é a que denominamos de pessimismo em relação à condição do ser humano. Desta forma a tese platónica é a seguinte: “A alma deve ser separada, tanto quanto possível, do corpo”. O corpo é o cárcere da alma, nisso a alma deve-se libertar do corpo para alcançar a perfeição.

Este mesmo aspeto de dualismo vem sendo repisado por Aristóteles ao afirmar que «Há em nós dois elementos: o primeiro é a alma, o segundo é o corpo. O primeiro comanda, o segundo obedece, o primeiro utiliza, aquele que comanda e utiliza é conferido o uso daquilo que obedece e do instrumento»<sup>24</sup>. O alcance desta afirmação do Protréptico será precisado numa afirmação paralela da *Ética a Nicómaco* (VIII, 13, 1161 a 32-35).

Assim, Aristóteles olha a alma e o corpo duas realidades que se complementam, visto que se a alma e o corpo são duas coisas, uma destas coisas- corpo –é feita para outra – a alma – e, está distante de ser um obstáculo à sua tarefa, ela é o instrumento que

---

<sup>24</sup> Cf. Gauthier, René Antoine, *Introdução à moral de Aristóteles*, Trad. Maria José Ribeiro, Portugal: Publicações Europa- América, 22.

a torna possível. O corpo é feito para o bem da alma, como afirmamos acima que o corpo serve de proteção da alma.

Finalmente após uma longa discussão sobre a parte racional da alma e as suas duas funções e no que refere ao intelecto especulativo e o intelecto prático, na *Ética a Nicómaco* (X, 7, 1117 a 14-15), Aristóteles definiu verdadeiramente a parte mais importante da alma. O intelecto ou a parte racional como «aquela que, segundo todos, por natureza comanda, dirige e tem por missão pensar aquilo que é belo e divino».

«A alma só atingirá realmente a verdade, quando liberta da sua prisão corpórea. Esta libertação só se alcança pela morte»<sup>25</sup>. Para Sócrates, o corpo opõe mil obstáculos a esse trabalho de investigação, pela necessidade que temos que sustentar, pelas enfermidades a que é sujeito. Além disso, provoca em nós mil desejos, receios, imaginações e toda sorte de tolices, de modo que nada há mais verdadeiro que a afirmação, que habitualmente se faz, de que nunca o corpo nos leva à sabedoria. Nisso fica claro que se pretendemos saber verdadeiramente alguma coisa, temos de abandonar totalmente o corpo, para que só a alma examine o objeto que se almeja conhecer.

Este mesmo tema já no cristianismo primitivo tinha sido referido pelo Padre da Igreja, teólogo e apologistas, referimos de Tertuliano porque embora seja inconsequente, conseguiu colocar a alma e o corpo no início da existência e no desenvolvimento da vida, no momento da morte não permite que a alma, enquanto imortal, pereça juntamente com o corpo. A simultaneidade da separação, e é sobre este facto que o africano insiste<sup>26</sup>.

Platão ao falar do dualismo, aborda a existência de dois mundos diferentes e separados, ou seja, o das ideias Mundo sensível é o mundo dos fenómenos e acessível aos sentidos; por sua vez o Mundo (inteligível), diz respeito das essências imutáveis, que o ser humano alcança.

Com a apresentação desses dois mundos, Platão vem superar o pensamento dos pré-socráticos, como Heráclito ao falar do *devenir* essencial do ser e a posição de Parménides que evoca a permanência das coisas.

---

<sup>25</sup>Cf. Platao, Fédon, *Diálogo sobre a alma e a morte de Sócrates*, Trad. Ângelo Ribeiro, Porto:1919, 39.

<sup>26</sup>Cf.Salvador Vascano, *Un cuerpo destinado a la muerte*, Madrid:Estudios y ensayos, 2006, 64.

No entanto, Platão para explicar daquilo que era a sua teoria, criou no livro VII, 514 na obra intitulada “*A República*”, o famoso “*Mito da Caverna*”, onde estão os homens acorrentados desde a infância, de tal forma que não podem se voltar para a entrada e apenas vêm a parede ao fundo. São projetadas as sombras das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. Platão diz que se um dos homens conseguisse se libertar e ver a luz do dia, e todas as maravilhas que há em sua volta, ao contar tais descobertas aos companheiros seria dado como louco. Este mito pode associar de que os homens presos conhecem apenas o mundo sensível, já o liberto conheceu a verdadeira essência das coisas, ou seja, o Mundo das ideias (inteligível)<sup>27</sup>.

Relativamente o tema da morte é como Platão afirma nesse texto dito o mito da caverna, em que podemos comparar aqueles homens acorrentados são todos os seres vivos, que somente a única realidade que conhecem é o mundo sensível, por tudo aquilo que nessa vida experimenta, como é o caso das doenças e dos males que cá passam. Enquanto o homem que morre esse na verdade alcança o que referimos o Mundo das ideias (inteligível), porque atingiu a plenitude. Se em algum momento reanimar-se ou ressuscitar, ao contar a experiência que teve referente a morte, será dito como louco. Platão, ao apresentar esses dois mundos separados dá relevância entre a vida terrena e a vida que alcançamos depois de passarmos para a outra vida a que denominamos, Mundo das ideias ou inteligível.

Este tema também foi tratado pelo filósofo cristão Santo Agostinho na sua obra intitulada «*Cidade de Deus (Livro XIII, Cap. XVI)*», “onde considera a separação da alma e do corpo como um castigo. No seu entender a alma só, efetivamente, atinge a perfeição da beatitude quando se despoja totalmente do corpo para regressar a simples, só e, por assim dizer, a Deus<sup>28</sup>”.

Podemos afirmar que só conheceremos a verdade quando a alma, se libertar do cárcere. Esta libertação, esta separação da alma e do corpo, é o que Sócrates refere-se à morte. Sócrates afirma que, depois da morte do homem, a sua parte visível, o corpo que fica exposto a nossos olhos, e que chamamos cadáver, ao qual convém o dissolver-se, o dissipar-se, não sofre imediatamente qualquer destes acidentes, mas permanece inteiro por algum lapso de tempo, sobretudo se o morto era belo e estava na flor da idade.

---

<sup>27</sup>Cf. Platão, *A República*, Trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949, 315.

<sup>28</sup>Cf. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Trad. B. Dombart e A. Kalb, Lisboa: Volume II, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, 2011, 1191.

Por conseguinte, “Se a alma existe anteriormente a esta vida, deverá também subsistir após a morte. Devemos ensinar a criança que existe em cada um de nós a não temer a morte, como se teme um fantasma<sup>29</sup>”

A alma, sendo da natureza das ideias ou essências, não poderá dissolver-se, e será tanto mais pura quanto mais liberta do corpo e dos hábitos e paixões. As almas, que não tenham conseguido esta libertação errarão por este mundo, não querendo abandonar os corpos que lhes pertenceram, ou viram habitar nos corpos dos animais: *a metempsiocose*.

Para Santo Agostinho «O corpo corruptível entorpece a alma». Ao acrescentarem corruptível (*corruptibile*) assinalam que não é qualquer corpo que se tornou um fardo para a alma mas o corpo que tal se torna em castigo do pecado<sup>30</sup>.

A separação é, para a alma, uma morte: sem o corpo, ela não pode continuar a realizar a *ordo vitae* por si mesma. Por todas estas razões, o fim da vida humana é também para a alma um fim efetivo da vida; tal como a morte marca uma *dispunctio vitae* (τελευτη), também podemos falar de uma *anima dispuncta*, porque é então que o seu percurso humano chega ao fim<sup>31</sup>.

Na medida em que a alma separa-se do corpo, significa que o ciclo vital termina, porque a alma é como o combustível que guia o ser humano em todas as suas atividades. A alma é que anima o corpo.

---

<sup>29</sup>Cf. Platao, Fédon, *Diálogo sobre a alma e a morte de Sócrates*, Trad. Ângelo Ribeiro, Porto:1919, 68.

<sup>30</sup> Cf. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Trad. B. Dombart e A. Kalb, Lisboa: Volume II, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, 2011, 1191.

<sup>31</sup>Cf. Salvador Vascano, *Un cuerpo destinado a la muerte*, Madrid: Estudios y ensayos, 2006, 64.

## 2. A morte segundo a Sagrada Escritura e o Magistério

Morte é a cessação da vida e, na Escritura, separação da alma do corpo. Não vem de Deus, foi introduzida no mundo como pena do pecado ( Gn 3,3; Sb 1,13; 2, 24; Rm 5, 12). Por longo tempo viveu Israel no temor da morte, pois era a descida ao *Sheol*, sombria mansão dos mortos onde não se pode louvar a Deus<sup>32</sup>. O mesmo pensamento é repetido por Karl Rahner, ao afirmar que a morte é consequência do pecado (Rm 6,23; Ef 2,1). Os primeiros seres humanos foram criados por Deus com a possibilidade de não morrer<sup>33</sup>. O ser humano morre porque seus primeiros pais se afastaram voluntariamente da vontade de Deus, perdendo assim a justiça original e com ela a possibilidade da imortalidade.

Pensar a morte, pensar a vida: a morte só pode ser vivida em «primeira- mão», ela toca-nos porque está presente em outrem que amamos, e daí nos chama à responsabilidade, à nossa condição de criaturas. Estar às portas da morte significa aproximar-se de Deus. Significa também saudação de despedida àquele que parte. No «adeus» separamo- nos do mundo onde fomos acolhidos e é sempre a outrem, ao começar pelos familiares e amigos, que devemos essa lembrança. A morte é sempre vivida por quem permanece vivo, como experiência misteriosa que abre as portas do infinito, porque quem parte, esse rosto agora transformado em máscara, por força de uma ausência que dói, de uma partida sem retorno, abre- nos ao mistério e à transcendência<sup>34</sup>.

A Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: A Igreja no mundo atual, afirma que “a Igreja tem a ousadia de instruir os cristãos, de que por causa do pecado original, o homem está sujeito a padecer a morte corporal, esse mal só seria evitado se o homem não cometesse o pecado” (cf. GS 18)<sup>35</sup>. E LG 48, expressa o sentido da morte como o término do tempo que Deus concede a cada ser humano a fim de realizar um determinado projeto na face da terra<sup>36</sup>.

---

<sup>32</sup> Cf. Albert Vicent, *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Edições Paulinas, 1968, 356.

<sup>33</sup> Cf. Rahner, Karl, *Sentido teológico de la muerte*, Barcelona: Herder, 1965, 38.

<sup>34</sup> Cf. AA. VV. *Morreste- me: a morte e a esperança cristã*, Porto: 2010, 49.

<sup>35</sup> Concílio Vaticano II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, Braga: 10ª edição, Editorial A. O, 1987, 356.

<sup>36</sup> Cf. Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Braga: 10ª edição, Editorial A. O, 1987. 102.

Para o CIC 1010 diz que graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo, como afirma Paulo “Para mim, a vida é Cristo e morrer é lucro” (Fl 1,21). É neste sentido que na morte Deus chama o homem a si. Com este ponto o cristão pode sentir, em relação à morte, um desejo semelhante ao de São Paulo: “O meu desejo é partir e ir estar com Cristo” (Fl1,23)<sup>37</sup>.

O cristão deve olhar a morte como aquele caminho importante que nos ajuda a ter um encontro com Deus face a face, ou seja, a morte é a via que nos aproxima a Deus, que é o resultado da missão cumprida na terra.

## **2.1 A morte para o Antigo Testamento é consequência do pecado herdado em Adão e Eva**

No Antigo Testamento, encontramos o contributo de que desde a criação do mundo, o Homem foi premiado com um paraíso onde tinha tudo ao dispor para a sua alimentação. Foi realmente por causa da desobediência que o pecado entrou no mundo, e a consequência do pecado é a morte que apoquent a toda sociedade.

Para dizer que no Antigo Testamento, via-se a morte como sendo o castigo de Deus por causa do pecado. Deus, destinou o homem para à vida, (Árvore da Vida Gn 2s), em caso da desobediência do mandato de Deus, o castigo com a morte seria posto em prática: “*podes comer todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás porque o dia em que dela comeres terás que morrer* (cf.Gn 2,17)”. O Diabo enganou o homem a desobedecer a Deus e “*foi por inveja do Diabo que a morte entrou no mundo* (Sb 2, 24)”, a morte está presente no mundo por causa de Diabo. “A morte que o Diabo faz entrar no mundo é a morte espiritual, com sua consequência a morte física (cf. Sb1, 13)”.

Ao afirmar que a morte é consequência do pecado, Rahner considera que antes da queda (Gn 3), o ser humano não tinha necessidade de morrer. Porém, a fé da Igreja não nos diz que se não houvesse pecado teria prolongado indefinidamente sua vida terrena. Segundo Rahner, o ser humano teria permanecido na sua forma corporal, mas a sua vida chegaria a um ponto de consumação e plena maturidade desde dentro. Sem

---

<sup>37</sup>Cf. Catecismo da Igreja Católica, <https://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/m/morte.html>, acedido no dia 30/09/2025.

sofrer a separação de corpo e de alma o ser humano teria passado a uma consumação da sua existência aberta ao mundo, o que agora é aguardado no momento escatológico da ressurreição da carne<sup>38</sup>.

A primeira nota pertencente à formalidade da pena é que ela seja conseqüente à culpa: alguém é justamente punido quando padece um «mal» por algo que aconteceu. E a *traditio fidei*, segundo São Tomás de Aquino diz precisamente que nenhuma criatura racional pode sofrer qualquer padecimento, nem quanto à alma, nem quanto ao corpo, nem quanto às coisas exteriores, se não houver um pecado precedente, pessoal ou de natureza. Tem de haver, antes de tudo a pena, um mal moral, por isso, o mal original, no processo bíblico- teológico de inocentização de Deus, é pecado original<sup>39</sup>.

Santo Agostinho no (Livro XIII, Cap. III), diz que «deve-se reconhecer que os primeiros homens, na verdade, foram criados para não sofrerem a qualquer género de morte se não tivessem pecado. Mas tendo-se tornado os primeiros pecadores, foram punidos com a morte e, além disso, todos os que dão sua estirpe viessem devam doravante sofrer esse castigo. E que deles nada podia nascer diferente. Realmente, a magnitude da sua falta acarretou uma sanção que alterou para o pior a sua natureza: o que não passava de uma pena para os primeiros homens pecadores, tornou-se natureza para todos os seus descendentes<sup>40</sup>»

Na noção bíblica de pecado há que revelar três notas fundamentais: a) o realismo do pecado (evidenciando mais pela categoria do “pôr-se perante Deus” do que pelo «exame de consciência»); b) o aspeto comunitário ou de corpo do pecado (não redutível à culpa individual e comunitária “nós pecadores”); c) pecado como potência que aprisiona, como mistério de iniquidade<sup>41</sup>.

A morte prematura é um castigo pelo pecado como se observa em Jb 15, 32; 22,16 e em Jr 17,11 e como expressa o versículo 55,24 dos Salmos “*E tu, ó Deus, tu os*

---

<sup>38</sup> Cf. Karl, Rahner, *Sentido teológico de la muerte*, Barcelona: Herder, 1965, 39

<sup>39</sup> Cf. AA.VV, Santo Agostinho: *O Homem Deus e a Cidade*, Leiria: Centro de Formação e Cultura, 2005, 102.

<sup>40</sup> Cf. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Trad. João Dias Pereira, Lisboa: Volume II, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, 2011, 1161.

<sup>41</sup> Cf. AA.VV, Santo Agostinho: *O Homem Deus e a Cidade*, Leiria: Centro de Formação e Cultura, 2005,103

*fazes descer para o poço profundo, estes homens sanguinários e impostores, antes da metade dos seus dias. Quanto a mim, eu confio em ti*". No entanto o contrário da ideia anterior encontra-se no livro da Sabedoria no versículo 4,7 nos seguintes termos o "*justo, ainda que morra cedo, terá repouso*". A morte como castigo pelo pecado, adquire aqui um sentido muito amplo e espiritualizado e não se limita à morte do corpo. Do mesmo modo, a ideia de vida não contempla unicamente a vida corporal, mas sim tudo o que é dado ao justo como recompensa pela sua virtude. Por outro lado, a morte designa o estado de inimizade com Deus como consequência do pecado e por isso perdurará igualmente no além sem descanso (cf. Pr 7,27)<sup>42</sup>.

Nas *Retractationes* Agostinho retoma a afirmação anti-maniqueísta da juventude: «o pecado não se deve procurar senão na vontade». Por isso, e agora contra os pelagianos, o pecado original das crianças «é dito em absurdidade voluntário, porque foi contraído na sequência da vontade má do primeiro homem e, portanto, ele é em certa medida hereditário», ou ainda: o pecado pelo qual somos implicados na culpa de Adão é obra da vontade<sup>43</sup>.

O relato adâmico revela-nos algo muito profundo: eu inauguro o mal através de um ato livre, ou seja, *livre arbítrio* (o que é bem visto por Pelágio é o que Agostinho não nega), mas também o encontro em mim, diante, fora e antes de mim (o que é mais bem visto por Agostinho e que Pelágio nega). O mito coloca na história do primeiro homem, os traços bíblicos: a) o realismo do pecado (anterior a tomada de consciência), b) dimensão comunitária do pecado (irreduzível à responsabilidade individual); c) impotência da vontade<sup>44</sup>. O pecado original é o pecado do mundo em que pelo nascimento, todos estamos submetidos.

---

<sup>42</sup> Cf. Delgado, António, *Uma visão etnológica da arte da morte na Bíblia*, Leiria, ESAD, 2014,5.

<sup>43</sup> Cf. AA.VV, *Santo Agostinho: O Homem Deus e a Cidade*, Leiria: Centro de Formação e Cultura, 2005,103.

<sup>44</sup> *Ibidem*, 104

## 2.2 A morte no Novo Testamento

No Novo Testamento prevalece a ideia de que Adão e Eva sejam os promotores da morte: “*Eis porque, como por meio de um só homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte e assim a morte passou a todos os homens, por quanto todos pecaram (Rm 5,12-14)*”. Para Paulo, expressa a ideia de que a morte é a consequência do pecado do primeiro homem. São João chama sempre ao Diabo de homicida desde o princípio “*Vós sois do Diabo, vosso pai, e que quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não se manteve na verdade, porque nele não há verdade (Jo 8,44)*<sup>45</sup>”.

O Novo Testamento transmite a imagem da morte no seu aspeto fisiológico. Nisto a pessoa que morre entrega o seu espírito (Mt 27, 50), e quando uma pessoa ressuscita, o seu espírito volta a ela (Lc 8,55); o corpo sem espírito é morto (Tg 2,26). Neste Novo Testamento os termos *Neuma e Alma combinam* melhor com o atual termo de alma, e os defuntos podem ser designados com espíritos (1Pedro 3, 19).

Segundo a Bíblia, concretamente nos Evangelhos, são notáveis os três milagres operados por Jesus Cristo, que dizem respeito a ressurreição dos mortos, nomeadamente: o filho da viúva de Naim (*Lc 7, 14-15*); Lázaro (*Jo 11, 43-44*) e por fim a ressurreição da filha do Jairo, que está patente nos Evangelhos Sinóticos (*Mt 9, 18-26; Mc 5, 21-43; Lc 8, 40-56*).

Para H. U. Von Balthasar sublinha que no idealismo de Mateus 28, 19-20 (discurso missionário), contém alguns circunstanciados e realistas pormenores da execução, no qual apresenta o aforismo sobre o cordeiro e o lobo para dar lugar as duas séries de enunciados entre si entrançadas: uma série surge depois da advertência: «Tende cuidado!», e contém as predições mais severas: 10,17.18.21.22.34.35.36; a outra depende do imperativo: «Não vos preocupeis», e contém as mais belas promessas: 10, 19-20.26.28.31.40.42<sup>46</sup>.

Estas duas passagens apresentam contradição. No que diz respeito as advertências, tem-se sempre em vista, de modo explícito ou implícito, a situação da morte. Ela foi exposta com toda clareza no monte no que refere o cordeiro e o lobo.

---

<sup>45</sup> Delgado, António, *Uma visão etnológica da arte da morte na Bíblia*, Leiria, ESAD, 2014, 5

<sup>46</sup> H.U. von Balthasar, *Cordula Ovverosia il caso serio*, Brescia: Ed. Quiriniana, 1968, 22.

Jesus fala por sua vez da morte onde o irmão entregará à morte ao irmão, o pai o filho, os filhos os progenitores. É preciso diferenciar da morte do corpo e à morte da alma que só a Deus incumbe, por meio da condenação, como afirma Mateus: «*E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma, temei antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto alma como corpo*» (cf. Mt 10, 28-33).

Cristo, pelos pecadores, tomou sobre si a morte a eles devida, tomou-a com radicalidade última, com uma intensidade dramática, que levou-o não só a ser abandonado expressamente por todos os homens, não só a ser rejeitado pelos poucos que a ele aderiram, mas ainda a entregar explicitamente nas mãos do Pai divino o vínculo eterno de união que a Ele ligava, o Espírito Santo, para sofrer até ao extremo abandono total também por parte do Pai. Toda a variedade do amor deve ser acolhida e simplificada neste ponto de união para que, dele fluindo, se possa ter, como reserva, uma fonte eterna<sup>47</sup>.

Por conseguinte, quem opta no seguimento de Cristo, escolhe a cruz como lugar para onde o morrer não é uma eventualidade, antes uma certeza plena.

Em primeiro lugar o homem perderá a sua vida terrena, o mais tardar, na morte, enquanto no segundo a perderá de modo mais radical e doloroso, porque essa síntese arbitrária, em sentido mau e estéril, está morta, e com base nela não se pode levar nem uma vida boa mundana nem uma vida boa cristã. «Aquele que perder a sua vida por causa de mim, há-de salvá-la» (cf. Mt 16,25; Mc 8,34-35; Lc 17,33)<sup>48</sup>.

É o ponto em Jesus Cristo, e por ele em nós, em que da morte brota a vida; em que da redenção dimana o Espírito Santo: «Mas, quando vos entregarem, não vos preocupeis nem como haveis de falar nem com o que haveis de dizer; nessa altura, vos será inspirado o que tiverdes de dizer. Não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai é que falará por vós» (Mt 10, 19-20)<sup>49</sup>

Finalmente, no Novo Testamento, a morte indica ainda a passagem do “estado de pecado” ao “estado de justiça” através do batismo. Por ele o homem morre (Rm 6,8;

---

<sup>47</sup> Cf. H.U. von Balthasar, *Cordula Ovverosia il caso serio*, Brescia: Ed. Quiriniana, 1968, 34.

<sup>48</sup> Cf. *Ibidem*, 25.

<sup>49</sup> Balthasar, cita o pensamento de Josef Schmid que resume o conteúdo do discurso com bela simplicidade: «O pensamento principal e dominante é que o sofrimento nas suas várias formas, a separação das pessoas mais queridas, a perseguição e, por fim, o martírio fazem parte do destino do discípulo.

Cl 2,20); na Epistola aos Romanos (6,4). São Paulo fala do batismo que é o renascer: “*Portanto pelo batismo nós somos sepultados com Ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova*<sup>50</sup>”.

Assim, se o mal se situa ao nível da geração (um sentido mais simbólico que factual), a conversão só poderá acontecer por regeneração. Para se pertencer a Cristo é preciso, portanto, nascer de novo. Recorde-se que Jesus é o doutor da graça e não do pecado original. Por isso, é preciso obter a graça batismal de Cristo. Como em Paulo, Adão é apenas antítipo de Cristo, também em Agostinho o pecado original é o antítipo da graça.

### **2.3 A sepultura e os locais onde decorriam**

Na Sagrada Escritura é notável a forma como outrora aconteciam os enterros. Os mortos eram sepultados no mesmo dia em que ocorria a morte (At 5,6), talvez umas oito horas depois. Nos enterros dos reis queimava-se grande quantidade de perfumes. Ao rei Asá <sup>51</sup>“*Estenderam-no num leito repleto de aromas, perfumes e unguentos* (2Cor 16,14). As escavações feitas na Palestina têm demonstrado que os defuntos eram enterrados com toda a classe de utensílios: pratos, vasos, jarras, lâmpadas, armas, etc. os nobres eram enterrados com objetos de ouro e de prata como afirma Job “*como os nobres que amontoaram ouro e prata nos seus mausolús* (Jb 3,15).”

Apesar disso não se pensava em Israel que os defuntos necessitassem destes objetos no além, já que “*no Sheol não existe obra, nem reflexão, nem com conhecimento nem sabedoria* (Ecl 9,10)”. Enquanto os cananeus e os babilónios estavam persuadidos de que os defuntos necessitavam destes objetos no *Sheol* e em particular de água<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup>Cf. Delgado, António, *Uma visão etnológica da arte da morte na Bíblia*, Leiria, ESAD, 2014, 5.

<sup>51</sup> “Asá, rei de Judá (...) merecedor de uma aprovação moderada de (1Rm 15,14) por ter eliminado alguns ídolos; No entanto a sua aliança com Damasco desagrava como descreve o cronista (2Cor 16,9) quem lhe prometeu um castigo divino”.

<sup>52</sup>Cf. Delgado, António, *Uma visão etnológica da arte da morte na Bíblia*, Leiria, ESAD, 2014, 7

Mais tarde, a quantidade de objetos diminui e são substituídos por símbolos. Nisso na época helénica era notável a colocação de avultadas quantidades de lucernas de barro. No período greco-romano era costume pôr-se um diadema de ouro na cabeça do defunto ou cobria-se a frente ou a boca com uma lâmina do mesmo metal. Que tinha por vezes uma inscrição. Apesar de a Bíblia não mencionar estes casos, eles foram muito comuns igualmente entre os hebreus<sup>53</sup>

Em caso dos condenados à morte eram sepultados na mesma tarde em que se efetuou a execução: *“Se um homem, culpado de crime que merece a pena de morte, é suspenso a uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite: tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é maldito de Deus. Deste modo não tornarás impuro o solo que YHWH teu Deus te dará de herança (Dt 21,22).”*

Naquele período era notável grandes quantidades de pedras amontoadas sobre a sepultura dos injustiçados, como por exemplo Absalón (2Sm 18, 16-18), serviam provavelmente para protege-los contra a profanação dos animais selvagens. Jezabel, outra justicada, foi comida pelos cães: *“Quando chegaram para sepultá-la, só encontraram o crânio, os pés e as mãos (2Reis 9,35).*

O sangue derramado, cobria-se, talvez, porque ficando à vista despertava constantemente a recordação do crime cometido e incitava à vingança. O sangue derramado clama efetivamente ao céu *“Caim se lançou sobre seu irmão Abel e o matou. Deus disse a Caim: “onde está teu irmão Abel? Ele respondeu: “Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?” Deus disse: “Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim! (Gn 4,10)<sup>54</sup>”.*

Na Sagrada Escritura encontramos patentes situações em que alguém foi sepultado numa gruta em terreno próprio. Abraão comprou um terreno a Efron o hitita, em Hebrón (Canaã), onde se encontra a gruta de Macpela e estão enterrados o próprio Abraão, Sara, Isaac e Jacob (Gn 23). É mencionado no livro de Deuterónimo (Dt 3,11) as dimensões da sepultura de Og que foi rei de Basá<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup>Cf. Delgado, António, *Uma visão etológica da arte da morte na Bíblia*, Leiria, ESAD, 2014, 8.

<sup>54</sup> *Ibidem*, 8.

<sup>55</sup> *Ibidem*, 8.

Podemos afirmar que para além dessas sepulturas, a Bíblia destaca algumas que estão situadas na montanha (2 Reis 23,16). Diz-se que algumas pessoas foram sepultadas na montanha. Por exemplo, Josué foi sepultado na montanha de Efraím em Siquén (Js 24,30).

Outro local, que era usado para sepultar os mortos é o debaixo de uma árvore, como é o caso do carvalho, a palmeira e o terebinto. Como podemos notar que: Débora foi enterrada debaixo do “Carvalho-dos Prantos” em Betel (Gn35,8). Por sua vez Saúl e os seus filhos foram enterrados debaixo de uma tamareira nas montanhas na cidade de Jabes (1Sm 31, 13). Outras sepulturas eram feitas na própria casa, ou seja, na propriedade do defunto. Por exemplo, Samuel foi enterrado na sua casa, quer dizer na sua propriedade em Ramá (1Sm 25,1).

No Novo Testamento, podemos acompanhar episódios semelhantes, como por exemplo, a sepultura de Jesus Cristo, onde foram pedir a Pilatos, o corpo de Jesus para o sepultarem: *“Havia um jardim, no lugar onde era crucificado e, no jardim, um sepulcro novo, no qual ninguém ainda fora colocado”*(cf. Jo19,41-42).

De uma forma geral as escavações arqueológicas comprovam que os enterramentos, faziam-se, com frequência dentro da própria urbe; os reis de Judeia tinham as suas sepulturas em Jerusalém. Não obstante, supõe-se que o mais frequente era enterrar os mortos fora da cidade como se depreende deste versículo: Jesus *“Ao se aproximar da porta da cidade, coincidiu que levavam a enterrar um morto, filho único de uma mãe viúva; e grande multidão da cidade estava com ela* (Lc 7, 12).

#### **2.4 O culto da invocação dos mortos**

O culto da invocação dos mortos, não constitui novidade, aliás, é uma prática que já vem desde os anos anteriores e está presente em todas as culturas a nível mundial.

Apesar da lei condenar e proscriver o costume de invocar os mortos tal como transcrevemos (Lv 20,6): *“Aquele que recorrer aos necromantes e aos adivinhos para se prostituir com eles, voltar-me-ei contra esse homem e o exterminarei do*

*meio do povo.*” Como se pode deduzir tal prática era considerada abominável perante Deus (Dt 18,11), no entanto este costume era praticado com frequência em Israel como se depreende pelo profeta Isaías. “*Se vos disserem: “ide consultar os espíritos e os adivinhos cochichadores e balbuciantes , não consultará o povo os seus deuses, a favor dos vivos? À instrução e ao testemunho! Se eles não falarem de acordo com esta palavra, certamente não nascerá a aurora (Is 8, 19-20)*”<sup>56</sup>”.

Ao dizer que os mortos eram invocados para consultar o futuro é algo provável; até porque certas passagens da Bíblia indicam que os mortos não sabem nada deste mundo (Jb 14,21). Possivelmente a evocação dos mortos não tinha outro objetivo senão o de comunicar com os entes queridos ou tentar saber da sua sorte no outro mundo.

Se os Israelitas invocaram realmente os mortos para consultar o futuro, os textos citados sobre a situação de os mortos no *Sheol* e a proibição da invocação servem de provas suficientes para indicar que este costume se tratava de uma prática considerada como pagã, e que não pertencia ao âmbito socio- cultural hebraico: talvez viesse de fora de Canaã ou Egipto<sup>57</sup>. Esta situação era abominável diante de Deus, e nada nos permite supor que aqueles que invocavam os mortos conseguissem ter êxito. É possível que na mentalidade popular se acreditasse de boa- fé que se podia entrar em comunicação com os mortos ou talvez os invocadores enganassem de propósito pessoas crédulas.

Para a Bíblia, o *Sheol* é a terra do esquecimento onde reina uma densa obscuridade (Jn 10,21), os seus moradores não veem nunca a luz. Por sua vez J. G. Frazer diz este antigo culto existia entre os hebreus, porque desde o tempo muito arcaico estes o praticavam: “*incisões no corpo e cortava-se o cabelo em honra dos seus familiares e amigos falecidos, podemos tranquilamente inclui-los entre os numerosos povos e nações que numa época ou noutra praticaram um culto aos antepassados; um culto que, entre todas as formas de religião primitiva, teve provavelmente uma grande popularidade e exerceu uma grande influência no género humano*”<sup>58</sup>”.

---

<sup>56</sup>Cf. Delgado, António, *Uma visão etimológica da arte da morte na Bíblia*, Leiria, ESAD, 2014, 8.

<sup>57</sup> Ibidem, 12.

<sup>58</sup> Ibidem, 13.

O mitólogo Robert Graves sustenta igualmente aquela ideia baseando-se nas histórias do Génesis. Para ele, “Os mitos indicam que a religião primitiva de Israel era uma transição entre o culto aos antepassados e o culto a um deus da guerra e da fertilidade da tribo *anamea*, não muito diferente do culto de *Moab* ou *Amón*, cujo poder só podia ser suficiente no território ocupado pelo seu povo<sup>59</sup>”.

A nosso ver as ofertas sepulcrais podiam ser consideradas como parte desse culto aos mortos ou também um hábito que, segundo os princípios israelitas, se tinha de seguir funeral.

No Egipto, na Babilonia, e talvez em Canã, deixava-se aos mortos comida e bebida na sepultura. No Egipto existia a ideia de que morto subsiste no sepulcro e necessitava desses cuidados. Na Babilonia predominava a ideia de que os espíritos dos defuntos que não tinham sido enterrados, ou cuja paz fora perturbada ou a quem os vivos não ofereciam comida e bebida suficientes, “a falta de água na sepultura era um dos males mais temível podia sofrer o defunto”. Estes saíam do reino dos mortos e caminhavam errantes pela terra, usando todos os meios para intimidar os vivos “*assustando-os sobre a forma de temíveis espectros*”, para obrigá-los a cuidar devidamente dos seus cadáveres<sup>60</sup>. Os babilónios também acreditavam que o destino do defunto no reino dos mortos dependia da provisão de comida e bebida.

Mas para a Bíblia, em Israel, não aparece a ideia de que a sorte dos mortos no *Sheol* dependia do estado do cadáver, da comida e da bebida que se depositavam na sepultura, nem que os defuntos pudessem abandonar o reino dos mortos.

### **3.A crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo esperança do povo de Deus**

O Filho do Altíssimo humilhou-se até à morte de cruz, este é sem dúvidas sinal de obediência a Deus, Pai Criador, conduzido pela sua liberdade divina, em virtude da sua existência destinada à morte, afigurando-se como objeto do seu amor oblato, filial e eterno para com o Pai.

---

<sup>59</sup> Cf. Delgado, António, *Uma visão etnológica da arte da morte na Bíblia*, Leiria, ESAD, 2014, 13.

<sup>60</sup> Cf. *Ibidem*, 14.

Hans Urs von Balthasar sublinha que a cruz é, antes de tudo, execução do julgamento divino relativamente ao pecado que se concentrou, tornou-se visível e foi suportado no Filho (2 Cor 5, 21). Podemos afirmar que toda missão do Filho realiza-se na carne pecadora, a fim de que Ele pudesse julgar o pecado na sua carne (Rom 8,3)<sup>61</sup>.

Jesus Cristo morre, assumindo a carne humana para salvar os homens que estão sujeito ao pecado. Cristo vem libertar o ser humano da sua escravidão de pecador. Para que no dia da morte mereça alcançar a vida eterna.

Hans Urs von Balthasar, na sua abordagem, recorre a São Boaventura, que afirma: “a visão beatífica de Deus não impede que as partes espirituais da alma de Cristo sejam incluídas também no sofrimento, pois é «toda alma pecadora que deve ser salva». Ele usa duas expressões nomeadamente: paixão e compaixão, esta última é vista como «padecer-com». Quanto à dor de paixão, Cristo sofreu na sua sensibilidade, e quanto à dor de compaixão Ele sofreu na parte espiritual. Quanto mais forte é o amor, tanto mais dolorosas são as feridas da compaixão<sup>62</sup>.

A vida ativa implica um uso; com efeito, é o ferreiro quem executa o freio, mas quem o utiliza é o cavaleiro. (1219 b 5) além disso encontramos também confirmação em opiniões segundo as quais não há felicidade de um dia apenas, nem de infância, nem de uma determinada idade, Sólon, está, pois, certo quando aconselha nunca chamar ninguém de feliz enquanto vive, mas quando já alcançou o seu fim, pois nada incompleto é feliz a não ser um todo<sup>63</sup>.

A doutrina católica sobre a ressurreição dos mortos foi consignada, nos Símbolos de fé e em documentos do Magistério, em três aspetos: primeiro, no fim do mundo, todos ressuscitarão com os seus próprios corpos; segundo, terá lugar o juízo final, terceiro, Cristo entregará o Reino ao Pai<sup>64</sup>.

Na Tradição Patrística são notáveis alguns textos que ajudam a refletir sobre a ressurreição:

---

<sup>61</sup>Cf. H.U. von Balthasar, *Mistério Pascal in Mysterium Salutis*, Vol.6, Petrópolis: Ed. Vozes, 1974, 80.

<sup>62</sup> *Ibidem*, 68

<sup>63</sup> Cf. Aristóteles, *Ética a Eudemo*, Trad. J. A. Amaral (Livros I e II) e Artur Morão (Livros III, VII, VIII e notas), Lisboa: . II, Cap. I, (1219 a 5, 2005, 31

<sup>64</sup>Cf. Maria de Carvalho, *A consumação do homem e do mundo*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004, 174.

Como é o caso de Justino que justifica a ressurreição só pela mão de Deus, tal como pode formar o homem de uma semente assim também pode ressuscitar e revestir de incorruptibilidade o seu corpo dissolvido e espalhado na terra como semente. Da mesma forma Taciano explica como, apesar das transformações sofridas com a morte. Santo Ireneu demonstra que o mundo dos corpos é domínio do Verbo de Deus, e que a matéria é suscetível de salvação<sup>65</sup>.

A ressurreição é dom de Deus, que é verdadeiramente o poder da sua justiça. É obra do seu poder na medida em que os nossos corpos não ressuscitarão devido à sua natureza, mas sim ressuscitarão por meio do poder de Deus. O corpo que participou nas ações benéficas com a alma terá o seu prémio.

Karl Rahner, diz que a morte dos justos e dos pecadores leva- o a alcançarem, em Cristo, sua definitividade, como é apresentado no relato da paixão do Evangelho São Lucas. Neste relato, um dos homens crucificados com o Senhor consegue enxergar na morte de Cristo sua própria morte e pede para Ele: *Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino* (Lc 23,42). Esse homem moribundo compreendeu o sentido da sua morte, e Jesus que compartilhava sua mesma condição sentiu compaixão dizendo-lhe: *hoje estarás comigo no paraíso* (Lc 23, 43)<sup>66</sup>. No entanto, para o outro homem Jesus não disse nada. As trevas e o silêncio mortal da sua parte nos advertem que a morte pode ser também aurora de morte eterna. Os cristãos no meio do temor perante o fim são chamados a acolher a morte do Senhor como Boa Nova que oferece uma vida que não conhece o caso. O mistério que envolve a morte do ser humano aponta sacramentalmente para o mistério de Cristo. Por essa razão, cada cristão pode celebrar na liturgia da própria vida o mistério da morte redentora do Senhor.

A esperança da ressurreição, encontrada pela primeira vez em Isaías 26,19 e Daniel 12,2 e depois formulada com a ajuda de ideias iranianas, torna ainda mais possível uma fé de que, mesmo para as gerações anteriores, a morte será vencida por um ato divino de nova criação. Os justos entrarão na vida eterna, os injustos na morte eterna (2 Esd 7,31). A doutrina da ressurreição continuou sendo um assunto controverso. O que os fariseus defendiam, eram contestados pelos saduceus. Havia também opiniões divergentes sobre esse assunto, onde se dizia que apenas os israelitas ressuscitarão, ou também os gentios,

---

<sup>65</sup> Cf. Maria de Carvalho, *A consumação do homem e do mundo*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004, 177.

<sup>66</sup> Cf. Rahner, Karl, *Sentido teológico de la muerte*, Barcelona: Herder, 1965, 88.

mas ficou claro que os justos ressuscitarão, enquanto os injustos serão conduzidos ao julgamento<sup>67</sup>.

A fé na ressurreição apoia-se, pois na Escritura, quer nas palavras de Jesus aos saduceus quer nos atos que mostram o poder divino, como é o caso das curas realizadas por Cristo. Mas, do que tudo, é a ressurreição de Cristo que fundamenta a nossa<sup>68</sup>.

A partir do século IV, alguns padres confessam o dogma da ressurreição dos corpos, sem especularem sobre ele. É o caso de Santo Atanásio. Ocupado principalmente com as questões trinitárias, deixa contudo perceber o que pensa da ressurreição futura, quando põe na boca de Santo Antão moribundo estas recomendações:

*Ponde o meu corpo no túmulo, cobri-o de terra [...], receberei esse mesmo corpo, incorruptível, na ressurreição dos mortos, do meu Salvador, dele próprio<sup>69</sup>.*

Para João Crisóstomo, põe a questão de saber como é que o corpo confiado à terra pode ressuscitar. E responde que é Deus que sabe reencontrar os elementos dissolvidos na terra.<sup>70</sup> Enquanto São Cirilo de Jerusalém consagra a sua 18ª Catequese à ressurreição dos mortos. Lembra, antes de mais, que o dogma nos ensina a conservar o corpo puro de todo o pecado. Depois, que os corpos ressuscitados serão espiritualizados: o corpo ressuscitará mas não será como era, porque o dos justos revestirá propriedades sobrenaturais, e o dos maus tornar-se-á capaz de arder eternamente.

Com este pensamento, dá a entender que os corpos daqueles que viveram dignamente serão transformados em corpos celestes e não mortais, enquanto o corpo dos maus ressuscitados serão conduzidos para as chamas eternas. A ressurreição é um poder de Deus, neste sentido não importa as partes que constituem o corpo ressuscitado.

O Filho de Deus, vencendo, na natureza humana a Si unida, a morte, com a Sua morte e ressurreição, remiu o homem e transformou-o em nova criatura (cf. Gal 6,15).

---

<sup>67</sup> Cf. The New International *Dictionary of New Testament Theology*, United States of America: Vol. 1. Editor: Colin Brown, 1971, 434.

<sup>68</sup> Cf. Maria de Carvalho, *A consumação do homem e do mundo*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004, 177.

<sup>69</sup> *Ibidem*, 177.

<sup>70</sup> *Ibidem*, 178.

Pois comunicando o Seu Espírito, fez misteriosamente de todos os Seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o Seu Corpo<sup>71</sup>.

Kasper afirma que a antropologia é, por assim dizer, a gramática de que Deus se serve para se exprimir, mas a gramática, enquanto tal, permanece aberta aos enunciados mais diversos e só encontra a sua determinação concreta na vida de Jesus Cristo. É pelo homem que Jesus Cristo se interessa, e é o homem que Ele veio salvar<sup>72</sup>. Assim a encarnação é toda como necessária, visto que, ela tem como pressuposto o pecado que introduziu a morte no mundo.

“Cristo, Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem no-lo deu a conhecer” (cf. Jo 1,18); “é o mediador do Pai que salva e unifica o universo” (cf. Col 1,20) “é a «Sabedoria» o «Espírito» que penetra e reúne todas as coisas” (cf. Sb 7, 24-27); “é o primogénito de todas as criaturas” (cf. Col 1, 18); “é cabeça da Igreja que é o seu corpo” (cf.1, 22-23). Deste modo, o mistério da salvação de Deus é o mistério de Cristo e o mistério da Igreja.

Vemos como todos os evangelhos são caracterizados pelo «dever», uma vida situada sob o dever de padecer muito (Mc 8,3; Lc 17, 25), mas que é ao mesmo tempo (Mc 8, 3; Lc 17, 25), e que possui tempo de liberdade soberana (Jo 10, 18) e a hora que está para chegar. “A cruz constitui o objeto final da encarnação de Deus<sup>73</sup>”.

Balthasar afirma que a revelação de Deus não é algo para se observar, mas sim a sua própria ação para o mundo que pode corresponder, então a vida terrena de Jesus foi um arrastar da humanidade consigo para o drama da cruz, restaurando-a no horizonte da beleza que a envolve.

A própria encarnação do Verbo prova a nossa ressurreição futura, pois, se tornou carne, foi para a salvar. E, tal como a cabeça do Corpo ressuscitou, os membros ressuscitarão também. A ressurreição estabelecerá uma identidade pessoal e será universal<sup>74</sup>.

---

<sup>71</sup>Cf. Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Braga: 10ª edição, Editorial A. O, 1987, 7.

<sup>72</sup> Cf. Kasper, Walter, *Gesú il Cristo*, Bréscia: Ed. Queriniana, 1975, 66

<sup>73</sup> Cf. Kasper, Walter, *El Dios de JesuCristo*, Salamanca: Ed. Sígueme, 2001, 227

<sup>74</sup>Cf. Maria de Carvalho, *A consumação do homem e do mundo*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004, 177.

#### 4. A glória de Cristo

A cruz é a autoglorificação do amor de Deus no mundo. Tal se pode compreender-se, com fé, se refletir sobre acontecimento oculto da cruz: que, ao carregar com todos os pecados e isto precipita-o na mais negra de todas as noites, o amor eterno se entrega às trevas extremas do abandono de Deus, para demonstrar, na fraqueza, ser mais forte do que toda culpa do mundo.

Não é só a morte corporal, mas também experiência daquilo a que leva o pecado, é suportada como uma manifestação do amor eterno e, portanto, da vida eterna; a extrema involuntariedade na experiência do sofrimento (ao físico ser-pregado corresponde o prisionamento espiritual, muito mais terrível) persiste como função de uma extrema voluntariedade: «É por isto que meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois. Ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente. Tenho poder de a oferecer e poder de a retomar» (Jo 10,7-18)<sup>75</sup>.

O poder de dar implica já o poder de retomar. Nenhuma incerteza existe de que o Filho há-de ressurgir; morte e ressurreição são apenas duas faces do mesmo acontecimento de amor; a glória, que se torna visível na Páscoa, habita já na glória velada da Sexta-Feira Santa, tal como a coluna de Deus no deserto podia aparecer ora escura ora luminosa, porque a glória é justamente o amor de Deus que se glorifica perante o mundo inteiro.

Mas toda a transfiguração, toda a iluminação da existência cristã não se pode esquecer de que brota da obscuridade da morte. Já na cruz, e durante a sua descida aos infernos, o tempo é abolido para o paciente. Por isso, este acontecimento não se deve situar atrás de nós, como se fosse um passado *temporal* (a presentificação da morte na Eucaristia deve precaver-nos de o fazer), e de passado só se pode falar na medida em que, entre a cruz e a Páscoa, se insere o elemento irreversível do evento da redenção. No âmago deste evento foi fundada a Igreja<sup>76</sup>.

Desta forma a transfiguração pascal é o fruto que abre as portas da vida eterna àquele que neste lado morre: ao Cristo integral, espírito, alma e corpo.

---

<sup>75</sup> Cf. H.U. von Balthasar, *Cordula Ovverosia il caso serio*, Brescia: Ed. Quiriniana, 1968, 51.

<sup>76</sup> *Ibidem*, 52

Existem dois aspetos por destacar: primeiro, que o elemento cismontano das «últimas coisas» (*éschaton*) é a morte de cruz; em seguida, que a Igreja e o cristão individual estão sempre imersos no duplo mistério unitário da cruz e da ressurreição: «Quero conformar-me com Ele na morte, para ver se atinjo a ressurreição de entre os mortos» (cf. Fl 3,11)<sup>77</sup>. «Sepultados com Cristo por meio do batismo, foi realmente com Ele que fostes ressuscitados, pela fé que tendes no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos» (cf. Cl 2,12).

Paradoxalmente, já no Antigo Testamento a glória de Deus, apesar da proibição das imagens é visível. Visível para os Patriarcas, para Moisés, para o povo no Sinai, para David e Salomão, para os profetas. E quem conhece esta visibilidade, poderá então olhar também para todo o cosmos (cf. Sl 19;97, etc). Esta paradoxal visibilidade não só é retomada no Novo Testamento (*kathorátai*, Rm 1, 20), mas levada ao seu cumprimento na «glória» de Jesus Cristo: «contemplamos a sua glória» (*etheasámetha*, Jo 1,14), onde sangue e água fluem do lado trespassado: «aquele que viu estas coisas é que dá testemunho delas» (Jo 19,35)<sup>78</sup>.

Tanto no Antigo Testamento quanto ao Novo Testamento, nota-se a visibilidade daquele que é essencialmente invisível (cf. Jo 1, 18; 1 Tm 6,16), o inacessível como tal suscita uma epifania da glória (Tt 2, 13), não para ser dominado pelos homens, mas para os introduzir no seu âmbito. Visto que a existência neste espaço aberto chama-se fé, a afirmação de ser assumido por Deus em Cristo.

Esta Cidade é eterna, ninguém nela morre; nela é verdadeira e plena felicidade, que não é uma deusa mas um dom de Deus; dela recebemos o penhor da fé para todo o tempo durante o qual, peregrinando, suspiramos pela sua beleza; nela o sol já não se levanta para os bons e para os maus, o Sol da justiça apenas protege os bons; nela não haverá mais esforços para enriquecer o erário público à custa das fortunas privadas, porque o tesouro comum será a verdade<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup>Cf. H.U. von Balthasar, *Cordula Ovverosia il caso serio*, Brescia: Ed. Quiriniana, 1968, 53.

<sup>78</sup> Ibidem, 56

<sup>79</sup>Cf. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus (Livro V cap. XVI)*, Trad. João Dias Pereira, Lisboa: Volume II, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, 2011, 517.

## **CAPÍTULO 2: O CONCEITO E A ORIGEM DA MORTE NA CULTURA LOMWE E OS RITOS FUNERÁRIOS**

Antes de apresentarmos o que o povo lomwe concebe do termo morte e os seus respetivos ritos funerários é importante apresentar a localização geográfica da cultura que iremos estudar e que constitui o tema central.

### **a) Breve historial do Povo Lomwe**

Falar do povo lomwe, geograficamente localiza-se no centro de Moçambique, na província da Zambézia. Faz fronteira a Leste pelo Oceano Índico, a Oeste pelo país vizinho Malawi, ao Norte pelo Rio Ligonha no distrito de Murrupula e ao Sul pelo Rio Licungo. É a região conhecida por alta Zambézia, com as montanhas mais altas da região, como é o caso do Monte Namúl com cerca de 2419 metros de altura, zona rica para a prática da agricultura e a pastorícia. Segundo o mito da criação na cultura lomwe, sublinha-se que o Povo Lomwe e Macua, tem a sua origem no monte Namúl. O povo lomwe é constituído por nove distritos, como ilustra o mapa: Alto Molócue, Gilé, Ile, Namarrói, Gurué, Mulevala, Mulumbo, Pebane e Mocubela.

A região de Moçambique foi evangelizada a partir do século XVI pelos Jesusítas. Nas primeiras décadas do séc. XX, devido às dificuldades climáticas e as perseguições religiosas, o território foi abandonado por completo<sup>80</sup>. Em 1947, chegam os missionários SCJ- Dehonianos e os Capuchinhos que foram obrigados a começar a obra de evangelização segundo o esquema tradicional e na construção das escolas e centros de saúde, para o povo, e houve a presença dos Irmãos Maristas, Irmãos de São João de Deus para cuidado dos leprosos como é o caso da famosa (Leprosaria de Gafaria- Chapala em Alto Molócuè) e algumas congregações femininas. O povo da alta Zambézia tem como a fonte de alimentação a prática da agricultura e na recolha dos frutos silvestres para a alimentação. E para a organização social é feita por clãs (Mahimo), chefes das aldeias *Mamwenes*.

---

<sup>80</sup>Cf. Ciscato, Elia, *Ao serviço deste Homem, Apontamentos de Iniciação Cultural* : Edições Paulistas-África, (Maputo- Moçambique, 1989), 7.

*Mamwenes*, é plural de mwene, que na cultura lomwe significa chefe, que tem a missão de organizar e o orientar a sociedade, tem o poder de resolver os problemas e conflitos da sociedade. Em caso, do problema for grave é obrigado a direcionar as instâncias competentes, como por exemplo, o tribunais.

Com a presença dos missionários é notável a publicação de algumas gramáticas, vocabulários, os dicionários e os estudos direcionados à cultura lomwe, ligados a catequese e aos sacramentos. E depois do Concílio Vaticano II, os missionários com apoio dos cristãos, traduziram a Bíblia para a língua Elomwe e os livros litúrgicos. Foi uma época marcada por um repensar da vida da Igreja e o envolvimento dos leigos na vida da Igreja. Como afirma Manuel Clemente que: “a nova evangelização visa proporcionar aos nossos contemporâneos o encontro com Cristo; em todas elas urge reavivar uma fé contrariada por contextos culturais que lhe resistem, bem como à sua incidência social<sup>81</sup>. Neste sentido os cristãos fizeram um caminho importante ao lado dos missionários.

#### **b) Conceito e origem da morte na cultura lomwe**

Morte para a cultura lomwe é a cessação de todas as atividades da respiração e a paragem total do cérebro.

A morte acontece de várias formas tais como, o suicídio, o homicídio, e destaca-se o estado de saúde que é um sinal revelador da situação ética da pessoa, se chegar uma desgraça, é porque ela mesma é um sinal de que a pessoa cometeu um erro, violou um interdito, ou desestabilizou a ordem social. Neste caso, a doença é considerada como um aviso ou punição.

Os Bantu, distinguem entre as doenças de origem natural e as de origem moral: as primeiras seriam “*doenças de Deus*”; e as segundas “*doenças dos homens*”. Há doenças, que provém de uma disfunção fisiológica do organismo, e há doenças causadas pelos agentes humanos malfazejos (*akwiri*<sup>82</sup>= feiticeiros), por antepassados ou defuntos da família descontentes com a conduta de um seu descendente, ou com a sua negligência em relação a eles, pelos espíritos maus (zangados), ou pela quebra de um interdito<sup>83</sup>.

---

<sup>81</sup>Cf. Manuel, Clemente, *O tempo pede uma Nova Evangelização*, Portugal: 3ª edição, Edições Paulinas, 2013, 66.

<sup>82</sup> *Akwiri*, feiticeiro, *Okwiri*, feitiço, encantamento, mau-olhar, malefício, sortilégio. Prata, A. Pires, *Dicionário Macua- Português*, (Lisboa: MP: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1990), 102.

<sup>83</sup>Cf. Elia Ciscato, *Introdução à cultura da área: Makhuwa/ Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012, 66.

Existe morte que é “*punição*”, por causa de uma transgressão ou desobediência a um interdito primordial (um acidente, ou uma missão falhada, por exemplo dos feiticeiros que durante o exercício das suas atividades noturnas de feitiçaria, encontram a casa já minada, falhando desta forma o trabalho, como se diz a nível popular o feitiço virou contra feiticeiro). O mito da encomenda diz que a mulher, curiosa, quis ir ver e, ao abrir a encomenda, saiu de lá a doença e a morte.

A morte é necessária, como condição de regeneração; faz parte do ciclo da existência; a chegada ao mundo, e a saída ao mundo, são dois nascimentos: um no seio da mãe, e outro no seio da terra. Ainda que o indivíduo morra, a etnia sobrevive: a vida é pedra angular, o único verdadeiro valor supremo.

## **2.1 A morte segundo o povo lomwe é uma viagem sem retorno**

A morte é uma metamorfose: inicia a nova maneira de ser do novo ente “*Munepa*”, é um novo ser, em relação ao que ele era, em vida, e, ao mesmo tempo, é sua parcial continuação<sup>84</sup>.

O povo Lomwe, dá tanta relevância à vida e de tudo o que possa vir a defender, preservar e transmitir, considerando-a como um valor absoluto, encontra na morte o seu maior inimigo. É desta forma que eles utilizam todos os meios ao seu alcance para integrar adequadamente a morte na sua cosmovisão e dessa forma reinterpreta-la, dando-lhe um lugar típico e um significado novo no seu contexto cultural e social. A morte é vista como a separação desta força, que também é chamada força vital.

Por meio da realização dos ritos fúnebres o povo lomwe vive momentos decisivos do ciclo vital: a passagem definitiva do estado visível a um estado invisível. No contexto cultural lomwe, a morte não é considerada como o fim da vida nem como a rutura do ciclo vital, mas como continuação da existência sob outras formas e outras circunstâncias.

A morte é uma mudança de estado, que supõe, ao mesmo tempo, rutura e continuidade. O que subsiste do antigo estado no novo é, fundamentalmente, a identidade essencial da

---

<sup>84</sup> Ibidem, 67

peessoa, os laços familiares (quem morre continua a pertencer à sua própria família) e sociais (o falecido continua a ser membro da sociedade a quem pertence)<sup>85</sup>.

Apesar do povo lomwe, considerar a morte como aquela viagem, sem retorno, tomam em consideração que os que deixam esse mundo para outro, continuam a fazer parte da família e a sociedade que os acolheu em vida. A morte é o limiar, que se abre para um novo nascimento; e é também viagem: por isso temos a comida e os utensílios, no túmulo e dentro da cova. A tumba é mais uma casa daquela aldeia, que é o cemitério.

Com a morte o indivíduo, adota novos elementos tais como: sai de um estado passageiro para um estado definitivo (viagem sem retorno); passa de um estado visível para um estado invisível; passa a ser chamado antepassado da sociedade em que viveu onde vem a adquirir novos poderes, para dar benefícios a sua própria comunidade, onde transforma-se em mediano entre o Ser Supremo e os seres vivos.

Segundo senhor Lucas Miropo, por nós contactado via telefónica no dia 12 de junho de 2025, disse que “a vida que os mortos enfrentam, tem a mesma semelhança com à vida visível, tendo desta forma uma série de relações entre os defuntos e os seres vivos, os defuntos na vida do além precisam de comida, pelo que os vivos do mundo visível devem oferecer- lhes sacrifícios; os defuntos têm sentimentos e reagem perante as situações da vida dos homens, os defuntos são respeitados e temidos, segundo a sua importância social e o seu procedimento social”.

A morte, na sociedade lomwe, é considerada como a passagem da pessoa a outro estado de vida, qualitativa e existencialmente diferente do que tinha no momento da morte; esta passagem é vivida ritualmente através dos ritos fúnebres. Nestes ritos distinguem-se as três fases normais de qualquer rito de passagem: separação do mundo anterior, período de margem de margem e agregação definitiva ao novo estado.

## **2.2 A compreensão socio-cultural da morte: moribundo- morte- funerais**

Para o povo lomwe, ao notarem que o familiar, apresenta a saúde debilitada, se reforçam o cuidado, e em tudo que for necessário, os familiares distantes são contactados, informando-se sobre o estado e a situação em que se encontra o que está passando privações de saúde, para que o enfermo sinta o amparo da família até ao

---

<sup>85</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 207.

último dia de sua vida os familiares mais próximos se reúnem para lhe cuidarem. Desta forma, seguem-se algumas etapas:

#### **a) O moribundo preste à sua partida para a eternidade**

No momento em que já se perde toda a esperança de vida de um familiar que se encontra doente, ao se aproximar a agonia, põe-se o corpo do agonizante sobre as pernas do familiar mais próximo, íntimo e presente, que sentado no chão, numa esteira, recebe o corpo da pessoa que está gravemente doente; desta forma o moribundo fica apoiado ao peito do familiar íntimo, que tem a missão de o assistir e cuidar nos últimos momentos da vida com gesto acolhedor. Neste momento as mulheres saem para aquecer a água, que servirá para humedecer a boca daquele que irá partir e massaja-lhe o peito com água morna.

Quando chega aquele momento triste, em que o moribundo expira (*mulipa oluwela*), o familiar que anteriormente lhe humedecia a boca diz aos presentes: «Deixou o coração» (*ohiya murima*). É um eufemismo que equivale a dizer: «morreu!». Então, fecham-lhe os olhos e a boca e colocam-no deitado na esteira, coberto com um pano. Imediatamente as mulheres presentes gritam e choram de dor. Os homens não devem gritar nem chorar, podem somente soluçar<sup>86</sup>.

Com o passar do tempo, dependendo do género do finado, por exemplo, se for um homem, são os homens que irão lavar o cadáver; e se for uma mulher, também são as outras mulheres irão fazer a lavagem do corpo. O banho que é dado ao cadáver na cultura lomwe possui duplo valor, nomeadamente o higiénico e o purificador. Por norma, este banho é feito com água morna, que é preparada no momento em que se pretende lavar o corpo. Esta água é aquecida por mulheres que fazem parte da família do morto e as amigas da família.

A morte é uma derrota, um xeque tanto para o indivíduo como para a comunidade. Talvez ele seja reconhecido como culpado, mas também a comunidade se vê humilhada, porque não conseguiu protegê-lo contra a agressão externa do *mukhwiri*<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 210

<sup>87</sup> *Mukwiri*- palavra que vem do lomwe que quer dizer feiticeiro, ou aquele que causa mal no outrem. São geralmente pessoas que possuem maldade no coração e não tem outra função na sociedade senão de

Assim, o povo lomwe tem reagido com muita tristeza e preocupação perante a morte na sociedade, com a paragem da vida normal, agressão contra a morte, e sua recusa, esconjurar a morte, no plano imaginário, e fazê-la entrar na filosofia da vida, no fim, o movimento é invertido: o defunto será útil aos vivos.

#### **b) Morte e comunicação da triste notícia aos familiares e amigos**

Outrora, antes da evolução tecnológica, principalmente na área da comunicação por meio das redes sociais, que facilitam a troca de informações na sociedade, após um determinado acontecimento. A cultura lomwe, não foge da norma. Neste sentido, a comunicação da morte de um membro da família deve ser feita imediatamente a todos os familiares que vivem na mesma aldeia ou aldeias próximas. Aos familiares que vivem longe enviam-se mensageiros, a fim de irem comunicar, às vezes vão de bicicleta ou mesmo percorrem longas distâncias a pé, para só irem comunicar sobre a notícia de morte, para que possam assistir ao enterro, e eles procurarão cumprir essa missão, se a distância entre as suas casas e a aldeia do morto. A triste notícia é também comunicada ao chefe da aldeia a que denominamos *mwene* e as outras pessoas mais importantes da região.

#### **c) Organização para as cerimónias fúnebres**

A organização do enterro, segundo o povo lomwe, é especialmente reservado ao tio materno mais velho do falecido ou, na ausência deste, segue por ordem de importância na família assume a responsabilidade de orientar a cerimónia para a realização dos ritos fúnebres, cabendo a ele, fazer a distribuição das tarefas para os familiares e aos demais amigos mais próximos: uns encarregam-se de tratar do cadáver com banho, abluções, unções, vestir e de envolver num pano grande (geralmente, um pano branco), numa esteira; enquanto outros fazem fila em direção ao lugar escolhido pelo tio mais velho, onde decorrerá o enterro (cemitério familiar ou da zona), aí eles, vão abrir a cova, outro grupo principalmente as mulheres preparam a mandioca, para

---

prejudicar o povo, lançando talismãs= iphiri, que é uma espécie de pauzinhos amarrados com linha preta, ou outros elementos que causam mal e até à morte.

levarem ao cemitério a fim de que os que estão a abrir a sepultura, tomem o pequeno-almoço, a mandioca ou qualquer tubérculo é preparado sem salgar, já que é um dia de luto e tristeza, e preparam a outra comida para todos os que participarão no funeral e a água para as abluções.

#### **d) O local do sepultamento do morto**

A sepultura do cadáver faz-se, normalmente, num lugar escolhido pelo tio materno mais velho do defunto, fora da aldeia, afastado dos caminhos, entre as árvores do bosque. Quando se trata do chefe da aldeia ou do régulo, costuma escolher-se um lugar especial, perto da sua casa<sup>88</sup>.

Chegando-se ao local, ou seja, ao cemitério da região, o familiar destacado para orientar aos homens que farão abertura da cova, ele indica o sítio, limpa-se o capim em volta. Por sua vez, o familiar começa a abrir a cova, em direção ao poente, ou seja ao pôr-do-sol, Monte Namúl, onde acreditamos que é monte das origens do povo Macua/Lomwe.

A cova (*Nihiye*) tem um ou mais metros de profundidade, conforme a idade do falecido (mais ou menos, conforme o defunto se é mais velho ou mais novo), tem, no fundo ou ao lado esquerdo, conforme os gostos, um nicho ou cova secundária, que é o lugar exato onde é deposto o cadáver<sup>89</sup>.

Senhor Ribeiro Khaneya por nós contactado por chamada de voz no dia 18 de julho de 2025, sublinhou que a morte é tempo de desordem e de inversão: não se trabalha, as roupas andam esfarrapadas, não se tomam regularmente as refeições; em alguns lugares, trabalha-se mais com a mão esquerda do que com a direita.

---

<sup>88</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 211.

<sup>89</sup> *Ibidem*, 211.

### 2.3. Os ritos e práticas funerárias: realidade comunitária em ligação com os antepassados

Para o povo lomwe os ritos e as práticas funerárias constituem celebrações comunitárias, visto que com a morte de uma determinada pessoa, a comunidade paralisa todas as atividades. Nisto desde o velório até a sepultura é ato comunitário.

O **velório** é o momento em que familiares e amigos se empenham em demonstrar o amor e consideração para com o defunto. E o tempo necessário para se preparar a sepultura, para a cultura lomwe, antigamente era muito raro que passassem mais de 24 horas desde a morte até à sepultura, devido a falta de sistemas de conservações dos corpos, como é o caso das morgues.

Além disso, é preciso tratar da impureza: tratar cuidadosamente o cadáver (*toilette do defunto*) por parte de um certo número restrito de mulheres (morte é o nascimento no além). Parece a *toilette* de um recém-nascido, mas em sentido inverso (por isso, começa-se pelos pés), conservação, “*maquillage*” roupas (cor branca, como no casamento<sup>90</sup>).

O cadáver (*Muruthxu*), devidamente preparado com abluções e unções, feitas pelos familiares mais próximos e outros anciãos da aldeia, é envolvido num lençol branco e colocado no chão, em cima da esteira que o falecido usava em vida para dormir. Junto do cadáver, sentadas no chão, vestidas com roupas velhas, sem adornos e despenteadas, todas fazem o velório deste as mulheres, familiares e os amigos. Observam, em silêncio, interrompido de vez em quando por soluços de profunda tristeza e por gritos inquisitórios, dirigidos ao defunto, interrogando-o sobre os motivos da sua morte, sobre a sua situação e sobre os familiares vivos que ele deixa. Nas suas lamentações, as mulheres também interrogam os antepassados sobre as incógnitas provocadas pela morte do seu ente querido<sup>91</sup>.

Assim, os homens, familiares e conhecidos do falecido, reúnem-se num outro lugar à parte, sempre perto do lugar onde jaz o cadáver, normalmente no pátio da casa. Os participantes esperam que o tempo passe, compartilham a dor e a tristeza pela morte do familiar e amigo.

---

<sup>90</sup> Cf. Elia Ciscato, *Introdução à cultura da área: Makhuwa/ Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012, 68.

<sup>91</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 212.

Todos os conhecidos, familiares do defunto e os habitantes da aldeia deixam os seus trabalhos e ocupações habituais para poder participar no velório e nos outros ritos fúnebres. Ficam excluídas destes ritos todas as pessoas que não passaram na circuncisão e nos ritos de iniciação. Os familiares mais chegados cortam o cabelo, rapam mesmo a cabeça e vestem-se com roupas velhas, como sinal de luto e tristeza.

O processo de funeral é dividido pelas seguintes fases:

**a) A tumba e o material**

Quando os encarregados de abrir a sepultura acabam o trabalho, avisam os familiares que ficaram em casa a velar o morto. Então, o chefe da família ou, faltando este, o familiar mais íntimo envia dois homens, escolhidos entre os familiares, para verificarem o estado da sepultura e o cumprimento dos costumes tradicionais. Estes emissários comunicam em que parte da cova se deve fazer o nicho secundário, ou ao lado no interior da cova ou no centro da mesma, no qual se depositará o cadáver.

A tumba é vista como a casa eterna do defunto, por isso é constante ouvir os *lomwes* falando de *ennpá* que quer dizer casa. Nisso é utilizado o material de construção locais como: os paus, capim e as cordas. Enquanto os homens mais jovens cavam a sepultura, faz-se uma organização e a distribuição dos grupos de trabalhos para tornar a cerimónia mais participativa: um grupo vai cortar os paus, mas sendo de uma árvore típica usada para funerais denominada *Murotxo* que é usado para proteger o cadáver do contacto directo com a terra; outro grupo principalmente composta de mulheres, que vão tirar o capim, com uma técnica de arrancar (*Ophola malassi*) até a raiz, com uma enxada, não se usa foice para o corte do capim.

**b) O cortejo fúnebre e as técnicas tradicionais para o transporte do cadáver em direção a sua última morada**

Os enviados para verificarem o estado da cova no cemitério, quando regressam ao local onde estão a velar o corpo, desta forma organizam o cortejo fúnebre. A procissão inicia carregando-se o morto em direção ao cemitério. Os homens vão à frente, levando o cadáver envolvido numa esteira; atrás, a uma certa distância, seguem as mulheres. Em

certas povoações onde a influência muçulmana é acentuada, as mães com crianças recém-nascidas, essas mulheres não participam nesta fase do funeral, ficando em casa com grupo que prepara a comida para a refeição a que denominamos comunitária.

O corpo é transportado numa maca feita de paus (*murotxo*), geralmente por dois homens e o carregamento tem sido pelo lado esquerdo. Com tanta dor e consternação, todos os participantes no cortejo fúnebre acompanham o cadáver até ao cemitério, observando profundo silêncio durante o caminho. Porém, nos últimos anos com a influência do cristianismo, o momento de silêncio é substituído com a reza do terço da casa do defunto até ao cemitério, acompanhado com os cantos típicos do funeral.

### c) O último adeus ao defunto

Após longo percurso, quando o cortejo fúnebre chega ao cemitério (*Mahiye*), o chefe da família ou outro membro indicado para este rito entra dentro da cova preparada e recebe nas mãos o cadáver. Podem-no ajudar uma ou duas pessoas; mas será sempre ele que recebe em seus braços o cadáver, pela parte da cabeça. O cadáver é depositado no nicho secundário, feito na sepultura, como demos a conhecer anteriormente, ficando a cabeça voltada para o monte Namúl, que é o local da origem do povo lomwe. Com uns paus fixa-se a posição do cadáver. Em algumas aldeias, neste momento, descobre-se a cabeça do defunto para lhe dizer o último adeus, o da despedida (*Olaxera*)<sup>92</sup>.

De referir que junto do cadáver coloca-se a esteira e a manta que o morto usava em vida, assim como os objetos de uso pessoal, para indicar duas coisas: o defunto abandonou definitivamente esta vida, pelo que não se pode tocar em nenhum dos seus objetos pessoais; é tabu (*Mwikho*) para os vivos; o defunto iniciou a viagem para o mundo dos antepassados, por isso precisa dos seus bens para outro mundo onde estará.

Terminado a despedida, seis homens, três em cada parte da cova, auxiliando-se de três cordas, descem o cadáver até ao fundo da cova. O nicho onde se depôs o cadáver, no interior da cova, é tapado com paus e capim, ficando o cadáver isolado do contacto direto com a terra que se deita para tapar a cova. Com essa proteção do contacto direto do corpo com a terra pretende-se retardar a decomposição e evitar que as feras o

---

<sup>92</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 214.

descubram e devorem o corpo, favorecendo a passagem progressiva do defunto ao grupo dos antepassados.

Estando o cadáver protegido com os paus e o capim, onde o lomwe considera a sepultura casa eterna, o chefe de família, agora de joelhos, junto da cova, virando as costas, atira um pouco de terra na direção da cabeça do defunto; caso o que morreu era casado, segue-se a viúva virando as costas e atira um pouco da terra com a mão direita em direção a cabeça do defunto, repete a mesma operação com a mão esquerda e depois faz o mesmo na direção dos pés. Seguem a mesma dinâmica, os outros familiares e o resto dos participantes no rito deitam na cova para tapar por completo, mas sem calcar, até uma altura de meio metro acima do nível do terreno. Misturados com a terra, deitam-se paus, folhas, capim, palha e tudo o que se encontra na limpeza final à volta da sepultura.

Cada morte é suspeita. É preciso encontrar-lhe a causa: temos a interrogação do defunto, em certos lugares de África como é o caso do povo lomwe, e o veredito, como resposta oficial. A inumação, talvez em posição fetal, ou *acocorados* dentro de uma cova redonda, é regresso ao seio da terra mãe. A terra é lugar de transformação (morrer e renascer), para passar à condição de espírito=*munepa*. A família do defunto e a comunidade começam a sentir-se aliviados, e entram na fase positiva<sup>93</sup>.

Na tradição lomwe, a limpeza deve ser rigorosa, em que não deve em nenhum momento restar pegada, pois no dia seguinte, de madrugada, os familiares e as pessoas mais próximas voltarão para controlar o estado da sepultura e ver se é que alguém se aproximou para danificar como é o caso dos animais ou algumas pessoas que usam algumas bruxarias e só fazem as práticas mágicas, na noite após o enterro. Verifica-se também se é que o morto não ressuscitou durante a noite, onde com tentativa de sair, a sepultura apresenta algumas fissuras, aí nota-se que algo não correu bem, ou o enterro foi tão rápido, talvez podia sobreviver.

---

<sup>93</sup> Cf. Elia Ciscato, *Introdução à cultura da área: Makhuwa/ Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012, 68.

### 2.3.1 Os ritos após o sepultamento

Quanto aos ritos depois das cerimônias fúnebres, a cultura lomwe traz algumas recomendações fundamentais para que cada participante de um determinado enterro, tome consciência do que a sociedade está vivendo, e com ela estar unida. Nisto passamos a destacar o seguinte:

#### a) Banho como elemento purificador

Acabando o funeral, todos os participantes no enterro, dirigem-se ao rio mais próximo ou, onde não haja rio, a um lugar onde se preparou água para o efeito, e ali se lavam, assim como os instrumentos usados na preparação da sepultura. Primeiro tomam banho os homens e em seguida as mulheres. E a lavagem dos instrumentos usados na sepultura são da responsabilidade das mulheres. Após o banho purificador, todos regressam à aldeia por um caminho diferente daquele que foi utilizado na ida para o cemitério onde decorreu o enterro.

Na casa do defunto, todos os que participaram do funeral decorrido no cemitério devem lavar as mãos com água e um remédio preparado para a ocasião. Por norma, todos os que participam no enterro não vão para casa, sem primeiro terem lavado as mãos com esse medicamento para ficarem purificados.

O enterro não fecha o luto, mas atenua-o. Elia Ciscato apresenta três elementos dos ritos de passagem nomeadamente:

1. Inumação
2. Travessia do defunto, em direção ao além
3. Fim do luto

Para Elia Ciscato, o período que vai entre a inumação e fim do luto é uma fase positiva. Neste período a angústia está ultrapassada: o morto já está instalado no mundo dos defuntos, e, fazendo-lhe ofertas, ele pode, agora, voltar como antepassado. É o período do repor em ordem a sociedade, e de retomar a vida normal, embora seja paulatinamente.

O **primeiro sinal** de restauração da ordem é tomar banho, ao sair do cemitério, e aquela refeição, que se faz, logo depois da inumação, ou alguns dias mais tarde, talvez

sem sal e sem piripiri; depois vem o regresso às roupas usuais e o corte do cabelo (para outros, o luto é mais pesado e prolongado). O defunto é chamado a participar, simbolicamente, neste processo: deposição de alimentos, em cima da campa, ou fazendo penetrar a bebida, através de um buraco aberto no lado da cabeceira do túmulo;

O **segundo sinal** é o reajustamento das pessoas, em particular da viúva ou do viúvo, e o reajustamento dos bens móveis e imóveis do defunto: problema delicado, se o falecido não tem filhos, se a morte chegou de improviso, ou se o cônjuge, que ficou, for acusado da morte do falecido. Mas tudo vai na direção de se querer reestabelecer a ordem.

#### **b) A refeição comunitária na casa do defunto ou de um parente mais próximo**

Embora seja momento de tristeza, aos que participam no enterro é-lhes oferecida uma refeição por parte dos familiares do defunto, em sinal de comunhão e agradecimento pelo apoio prestado a família enlutada. Esta refeição possui o significado de comunhão íntima com o falecido e com os demais antepassados e de união social entre os familiares e os membros da comunidade, sem distinção.

Após a refeição, os participantes começam a regressar nas suas casas, algumas pessoas ficam para fazer companhia à família, principalmente durante as primeiras três noites, que são consideradas críticas e dolorosas, devido a falta que os parentes e amigos sentem pelo desaparecimento físico do seu ente querido. Entretanto, outros vão dormir nas suas casas e só voltarão na madrugada para acompanharem o processo da verificação do estado da sepultura (*othothola nihiye*).

No dia seguinte, depois do enterro, ocorre a verificação da sepultura, leva-se uma enxada, em que os participantes fazem uma fila em direção ao cemitério, sendo os homens vão à frente e as mulheres atrás, ao chegar rodeiam a sepultura olhando cuidadosamente a cada detalhe, a partir das pegadas, até as fissuras do túmulo. Terminando toda averiguação, voltam a casa, e a pessoa mais velha é encarregue de servir a água com remédio para a lavagem das mãos e a enxada que se leva para corrigir qualquer situação que for encontrada na sepultura. Desta forma termina a fase das cerimónias fúnebres, seguem assim, outras etapas.

### 2.3.1 Período de conformação com o sucedido

Tendo-se apresentado todos os momentos dos ritos tradicionais desde o dia em que o ser humano morreu até ao seu dia do enterro, são notáveis alguns elementos inquestionáveis:

#### a) Vivência do luto

A partir do momento em que acaba a celebração do enterro começa o período de vivência do luto por parte dos familiares do falecido. Este período, por norma tem a duração de um ano, dividido em dois momentos: 1º luto grande, com a duração de 40 dias, onde os familiares se reúnem para quadragésimo (40º) dia voltar-se a sepultura para plantio de flores em volta do túmulo; 2º luto pequeno, diz respeito ao resto do tempo até ao primeiro aniversário da morte do familiar.

Durante este tempo, acompanha-se misticamente o defunto na sua viagem ao mundo dos antepassados, com a oferta de vários sacrifícios, para que os espíritos o recebam no seu seio, não lhe falte nada nesta passagem fundamental e se garanta a sua ação benéfica em relação aos vivos<sup>94</sup>.

Se o que faleceu é um homem, então a viúva passa por uma purificação mais rigorosa por causa do laço mais profundo, que a unia ao marido defunto: ela é a outra metade, e não pode ser separada bruscamente. O período da sua reclusão é longo: ela acompanha, de certo modo, o marido, no seu itinerário para o além; em geral, o fim do seu luto corresponde à entrada definitiva do defunto no mundo dos antepassados. Visto que para o povo bantu, o tempo, entre o enterro do cadáver e a conclusão do luto, é considerado como a travessia do defunto para o além. Para o povo lomwe, acredita que o morto na íntegra precisa da ajuda dos vivos, para lá chegar por meio de ritos e comida.

Francisco Lerma Martínez, apresenta alguns sinais exteriores tanto para os *macuas*, quanto para os *lomwes*, para expressarem a tristeza por causa da perda do seu familiar, ou seja, a vivência do luto<sup>95</sup>:

---

<sup>94</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 216.

<sup>95</sup> *Ibidem*, 216

- Outrora, os familiares do defunto vestiam-se com uns panos tradicionais que eram feitos a partir das cascas de árvore (*Onwara nakotxo*);
- Com o desenvolvimento, hoje, o povo lomwe, embora seja momento de luto, veste-se com roupa velha (*Ikiwo sothala*) ou roupa normal com um sinal negro;
- As mulheres não devem usar adornos (colares, brincos, pulseiras, entre outros), e os homens em algumas aldeias costumavam tirar a camisa (*Orula malaya*), durante os primeiros dias de luto; de referir que atualmente esta prática já está a desaparecer;
- Os familiares mais próximos do falecido rapam o cabelo, como sinal de expressar o luto;
- Por influência europeia, os homens costumam usar um laço preto no braço ou na camisa, símbolo de luto.

#### **b) Normas e proibições tradicionais no período de luto**

No percurso de tempo de luto, o povo lomwe segue normas tradicionais que estabelecem determinadas orientações no estilo de vida que os familiares mais próximos devem se guiar, que são essenciais para a cultura lomwe. Desta forma algumas normas e proibições têm como base na sabedoria popular, fruto da experiência de várias gerações; outras normas têm a ver com as interpretações rituais dos fenómenos naturais através do simbolismo e da semelhança.

##### **✓ Normas**

- Todos os familiares têm a obrigação de participar por completo nos ritos fúnebres e observar o luto;
- Em caso de algumas pessoas serem em contacto com qualquer objeto ou artigo que pertenceu ao defunto devem fazer abluções purificadoras;
- Os familiares contribuem para as despesas do funeral e, se necessário, após o funeral, ajudam a sustentar os órfãos e a viúva, mas também os amigos e as outras pessoas da aldeia contribuem para as cerimónias fúnebres com os alimentos tais: farinha, arroz, peixe, sal, ou então em dinheiro;

Caem certas interdições especialmente a morte de chefes. O grupo tenta desdramatizar a desordem, com cenas bastante teatrais, protagonizadas pelos *anarupi*=

*anavili* (aliados que se destacam de “carregar” o peso da morte do parceiro clânico): é ocasião explorada pela sociedade, por breve tempo, para se libertar dos sentimentos de cólera provocados pela perda do ente querido, mas também para se convencer das consequências desastrosas de um mundo, onde dominassem o caos e a violência. A cólera é visível, nas pessoas: quem se desloca, para ir dar aos outros o aviso do falecimento, nem responde às saudações, ao longo do caminho; é visível a fúria (destruir a casa do defunto, matar os animais). É reconhecida a vitória da morte.

Outros sinais desta passagem são: varrer, deitar fora as cinzas, ficar em casa, o “*opana*” (não tocar diretamente com as mãos nos alimentos salgados ou quentes), quer-se banir, expulsar a morte.

#### ✓ Algumas proibições

- No dia do funeral é expressamente proibido o consumo de qualquer que seja carne;
- Proibições alimentares obrigatórias para todos os que participam nos ritos, tais como o jejum total no dia do enterro e o jejum parcial (redundante) nos dias em que se celebram os aniversários;
- Abstinência sexual obrigatória para os familiares mais próximos (tios maternos, pais e irmãos do falecido); é absoluta durante o «grande luto» (primeiros três dias depois do falecimento) e parcial o resto do luto «parcial» (quer dizer que é preciso fazer purificação antes de cada relação sexual).

#### 2.3.2 Momento conclusivo do luto

A conclusão do processo funerário, ou da viagem para o além, coloca o fim o luto, que na nossa área, se designa por vários nomes: *eyinlo*, *marilo*, *mukutxo*, *maxala*, *kwaresma*, *aniversário*. É a instalação definitiva do defunto no além, o fim do período de margem, para os familiares, e a sua reintegração na vida do grupo; é o voltar a normalidade e à revitalização da comunidade, depois da agressão do inimigo número um: a morte. É festa rija, festa do defunto: ele está salvo, jubilado; é a vitória da vida sobre a morte. Era típica neste dia uma famosa dança guerreira (*shopa*), que também se executava no *wina emwali*, com bebida (*Otheka*), comida e as certas liberdades na vida.

O fim do luto coincide com a festa de aniversário, um ano depois. O falecido já chegou ao fim da sua viagem, sendo acolhido pelo grupo dos antepassados. Com eles encontra um estado de felicidade definitiva. Por este motivo, o sacrifício tradicional é realizado de uma forma mais solene. O rito conclui-se com a refeição comunitária. Fica assim consagrada definitivamente a nova situação do defunto e fica vencida a desordem que entrou na sociedade com a morte.

O processo funerário, de progressivo afastamento, e a viagem para além prevêm certas etapas. Como passamos a destacar, uma delas que está presente, só numa zona da nossa área: é o *okusha nluku*<sup>96</sup> = *levar a pedra*. É a chamada transferência do túmulo. Em que vai-se ao cemitério, com algum alimento na mão, e tira-se uma pedrinha do túmulo, dizendo: “De aqui em diante, para receber algo, o nosso encontro será debaixo da árvore de *mutholo ou mussolo*”, lá em casa (árvore de família, onde também o defunto exercia o culto aos mortos, e ao pé da qual, será depositada a pedrinha)<sup>97</sup>. E depois segue-se um outro item importante:

### **Aceitação de que há vida após a nossa partida neste mundo físico**

Com a morte, o povo lomwe toma consciência de que após a nossa partida há outra vida, ou seja, a vida além da morte.

A mesma situação foi tratada por Francisco Lerma Martínez, ao afirmar que o povo macua acredita na outra vida que é a continuação e perfeição da atual. Num recente estudo, cita-se também M. E. Malôa, que diz que «a morte tem o seu futuro. É uma passagem para a terra dos antepassados<sup>98</sup>.»

Com essas palavras dá a entender que com a morte consegue-se regressar às origens, aquilo que podemos afirmar como manancial da existência; na cultura lomwe há um canto que diz: *Hankoni, nikokele omwako Namuli, weiwe niyariwahuwo*, (Vamos, regressemos ao monte Namúl, lugar donde saímos). Nisto afirma-se a permanência do ser, a não destruição da pessoa. Assim, quando morre um lomwe, no seu contexto cultural (na sua própria terra, com descendência e com uma idade

---

<sup>96</sup> Nluku- Palavra de origem Elomwe, singular (Nluku- pedra e plural malukhu- pedras)- a mesma palavra é usada em língua Emacua, e tem o mesmo significado.

<sup>97</sup> Cf. Elia Ciscato, *Introdução à cultura da área: Makhuwa/ Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012, 69.

<sup>98</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 220.

avançada ou velhice), morre sereno, porque já está indo ao encontro de mais vida, ou seja para a vida além da morte e de lá vai ao encontro dos medianeiros da fonte da vida a que denominamos antepassados.

### **2.3.3 A morte, tempo de demonstração da solidariedade com os que choram**

Ao analisarmos a forma que o povo lomwe vive o momento da morte de um dos membros da sociedade, podemos concluir que a morte de uma determinada pessoa constitui o momento mais importante para se solidarizar-se com a família enlutada, ou entre os membros da sociedade.

Costuma-se dizer que faltar às cerimónias de nascimento de uma criança ou à festa da iniciação, circuncisão, ritos de iniciação feminino, casamento ou festa de tomada de posse do chefe da zona, justifica-se facilmente, mas faltar a um determinado funeral, na cultura lomwe, considera-se falta grave, difícil de reparar e de explicar à família enlutada, ou seja, é falta injustificável.

Participar em todos ritos fúnebres, para cultura lomwe, é muito importante, porque quando morre uma certa pessoa, paralisa-se todas as atividades no lar e na aldeia do falecido. Todos os membros sentem a dor da grande perda irreparável. Neste sentido todos sentem a obrigação social de participar no enterro e colaborar nas despesas do funeral com géneros alimentícios ou dinheiro e seguir todas as normas das cerimónias como estabelece a tradição. Sendo os ritos de passagem fundamentais de uma pessoa, ritos definitivos, que marcam a posição final a ocupar no mundo dos antepassados. Desta forma, ninguém deve recusar colaborar.

### **2.3.4 A morte é um processo de passagem para todos**

Como a morte acontece segundo o estabelecido pela tradição (idade, descendência e ritos), então, tanto o indivíduo em questão, como os seus familiares, aceitam-na como um passo que a pessoa tem de dar obrigatoriamente se quiser chegar a

fazer parte do grupo dos antepassados (*Makholo*), que descansam felizes. Para chegar a esse estado, ideal do povo lomwe, é obrigatório passar pela morte<sup>99</sup>.

Ao morrer alguém querido pela sociedade, e embora haja dor, tudo se faz com a maior serenidade e seriedade possível, distante de todos os medos infundados. No além, na aldeia dos antepassados, a existência continua, mas sob uma nova forma. Lá cultivam-se duplicados das nossas plantas e criam-se duplicados dos nossos animais.

Vivos e defuntos entretêm relações mútuas: consultam-se, são oferecidos presentes para pedir proteção. A solidariedade étnica e familiar continua. Também os defuntos podem tomar a iniciativa quando estiverem descontentes, mas as suas visitas inoportunas não são muito apreciadas<sup>100</sup>.

Uma pessoa que deixou filhos atrás de si (uma descendência) continua a existir quase integralmente depois da sua morte. O objetivo da existência humana é a perpetuação da vida por meio da procriação: eu vivo até que a minha descendência vive, enquanto houver alguém que se lembra de mim, que nomeia ou que for chamado com o mesmo nome.

Então, os pilares de toda a construção são:

- A vida presente;
- A procura da vitória sobre a morte;
- A passagem, por meio da morte, à vida não é o fim da existência humana;
- A morte une o passado, o presente e o futuro

A última palavra parece ser: aspiração à imortalidade!

### **3. Classificação da morte e a eutanásia tradicional**

A morte na cultura lomwe é classificada de duas maneiras, nomeadamente morte boa e morte má. Com essa divisão o povo consegue orientar-se para a celebração dos sacrifícios que mais tarde irão dando aqueles que são os protetores da sociedade, nisto

---

<sup>99</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 221.

<sup>100</sup> Cf. Elia Ciscato, *Introdução à cultura da área: Makhwa/ Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012, 70

passamos a destacar os critérios usados para elencar elementos para cada uma das características segundo Elia Ciscato<sup>101</sup>:

### **Morte boa (de Muluku)**

- Morrer na própria terra, entre os seus;
- Ter vivido bem;
- Ter numerosa descendência: os filhos prolongam a vida dos pais; eles irão praticar os ritos necessários, e lembrar-se, fazendo ofertas;
- A morte gerida: conseguir reunir, antes, os familiares em volta de si, dar disposições.

### **Morte má:**

- A morte de um adulto em idade de procriar;
- A morte de uma mulher grávida;
- A morte de um rapaz, no tempo da reclusão iniciática;
- A morte do guerreiro em fuga;
- A morte imprevista, ou improvisa;
- A morte violenta: afogado, atingido por um relâmpago, suicida, atacado por uma fera;
- A morte por acidente;
- A morte por *olowa* (típico trabalho de *mukwiri*);
- A morte sem descendência;
- A morte longe da terra natal (fazem-se ritos paliativos, para levar o defunto, de lá, onde morreu, para cá, e enterrá-lo simbolicamente aqui, debaixo da árvore de *mutholo*).

A maneira de morrer é reveladora o modo de viver. Os que morreram mal não têm acesso ao estatuto de antepassados. Sendo assim, não chegam no outro lado, e continuam a subsistir neste lado, como espíritos errantes e maléficos, ou fantasmas que vêm a incomodar (*mithowa*).

**A eutanásia tradicional:** a morte é também libertação relativa dos males de cá (“ir descansar!”); mas a vida do além não é lá tão invejável; os vivos têm que dar a eles

---

<sup>101</sup> Elia Ciscato, *Introdução à cultura da área: Makhuwa/Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012, 69.

aquilo que lhes falta (especialmente aquilo que aquece a vida). O lugar melhor é aqui. A vida do outro lado é uma cópia descorada da nossa (que sabor pode ter a vida sem corpo?)<sup>102</sup>.

Na cultura lomwe, também acontece a eutanásia com finalidade de aliviar o doente que está bastante tempo a sofrer principalmente o *nikholo*<sup>103</sup>. Nota-se que outrora, alguns idosos ficavam doente por longos anos e o corpo perdia totalmente as capacidades vitais, iniciando desta forma o processo de decomposição, porém, o coração continuava no seu estado normal de funcionamento. Não havendo outra esperança de sobrevivência, os familiares mais próximo reuniam para procurar um curandeiro (*Namuko*), para vir fazer a eutanásia tradicional que consistia na aplicação do moribundo umas raízes e folhas medicinais (*Owassula*), para que o doente partisse para descansar em paz depois de longos anos de sofrimento.

A essas pessoas que morrem por eutanásia tradicional, não entram no estado dos antepassados, porque isso, já é prova de que a pessoa teve uma vida desregrada, e causava males na sociedade, como é o caso dos maldosos.

### **3.1 Noção e concetualização de defunto e antepassado**

A veneração dos defuntos é uma prática que se encontra em todas as culturas, isto é, um fenómeno universal, porque nos mais diferentes povos da superfície da terra, existe qualquer forma de reconhecer os seus defuntos. Para a compreensão deste processo, é preciso antes de mais ter em consideração os dois termos: defunto e antepassado.

O termo defunto, etimologicamente, provém do latim *defunctus* que significa aquele que cumpriu a sua tarefa, ou seja, aquele que já morreu. Esta aceção diz respeito aquele que deixou de cumprir a sua missão no mundo, isto é, aquele que não exerce mais a sua função. Por sua vez, a palavra antepassado, em genealogia, é o nome que

---

<sup>102</sup> Elia Ciscato, *Introdução à cultura da área: Makhuwa/Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012, 70.

<sup>103</sup> Nikholo: singular de Makholo. Os antepassados, os grandes da família, os pilares. Agente grande de há muito tempo. Os anciãos, os maiores.

normalmente se atribui ao antecedente já morto ou que se localiza em várias gerações anteriores na representação gráfica da árvore genealógica<sup>104</sup>.

Por sua vez, a palavra antepassado, etimologicamente deriva do latim “*ante*” que significa “antes” ou “à frente” e “*passare*”, que significa “passar” ou “caminhar”. Portanto, “antepassado” pode ser entendido como aqueles que passaram antes, ou seja, indivíduos que viveram em épocas anteriores e de quem se descende.

Na Sagrada Escritura podemos encontrar a definição do antepassado principalmente no livro do Deuterónimo (cf. Dt 4,32), sendo aquele que viveu antes de nós desde o dia em que Deus criou o homem sobre a face da terra.

Na perspectiva de Francisco Lerma Martínez, não se pode falar do verdadeiro culto aos mortos logo a seguir ao falecimento, nas cerimónias realizadas aquando da sepultura. O culto surge mais tarde, numa fase em que se estabelece um relacionamento durável entre os vivos e os mortos<sup>105</sup>. E para entrar no reino dos antepassados, é necessário percorrer algumas categorias. Existem elementos essenciais no culto dos antepassados. Há um sentimento de piedade e de afeição pelos mortos. Encontra-se uma grande significação nas cerimónias fúnebres. Tais cerimónias reduzem-se a fazer que o defunto esteja bem e que nada lhe falte. O africano não atribui o mal a Deus mas às forças invisíveis que estão presentes nos defuntos. Às vezes, procura-se despertar nos defuntos os mesmos sentimentos que tinham em vida: se era boa, será sempre boa, se não teve filhos, tê-los-ão depois.

Na classe dos defuntos são considerados antepassados geralmente todos aqueles que morrem com uma idade avançada ou aqueles que guiaram o povo com as suas revelações e decisões, compreendendo os costumes da sua gente e tendo palavras sábias para instruir.

---

<sup>104</sup>Cf. Francisco Martínez, Francisco Lerma, *Religiões Africanas Hoje: Introdução ao estudo das Religiões Tradicionais Africanas*, Maputo: EdiBosco, 1995, 68.

<sup>105</sup>Cf. Francisco Lerma Martínez, *Religiões Africanas Hoje: Introdução ao estudo das Religiões Tradicionais Africanas*, Maputo: EdiBosco, 1995, 68.

A veneração propiciatória prestada aos defuntos será mais incompatível com a mentalidade cristã. O africano concebe o mundo visível e invisível como antropocêntrico. Tudo se relaciona connosco, com o homem. Os espíritos são maus para nós. Daí essa mentalidade antropocêntrica distingue-se da mentalidade bíblica que é essencialmente teocêntrica, o louvor pertencente unicamente à Deus e assim a Ele invocamos.

Na mentalidade da religião tradicional nota que os defuntos estão mais relacionados connosco que ainda estamos vivos, e nele colocamos a nossa confiança para com aqueles que passaram antes de nós, do que com Deus. No ato de veneração dos defuntos, estabelece-se uma comunhão recíproca entre os vivos e os mortos. Os mortos têm que ter as necessárias qualificações, e alguns procedimentos devem ser seguidos antes de chegar ao status de antepassado. Essas qualificações variam de sociedade para sociedade. A maior parte das sociedades não admitem que a morte sozinha converta alguém em antepassado e estas fazem uma clara distinção entre os mortos que são antepassados e aqueles que não o são.

Desta maneira, é melhor para a nossa terminologia ao usar o termo antepassado para aqueles mortos que foram reconhecidos e podem ser especialmente venerados. Estes são lembrados por razões estruturais, especialmente nos clãs dos chefes ou das suas genealogias<sup>106</sup>. Enquanto a palavra fantasma deve ser empregue para os mortos que se tornaram espíritos malignos vagueantes.

### **3.2 O espaço dos antepassados na cultura africana**

Os antepassados na cultura africana, concretamente na África subsariana, desempenham um papel muito importante, na medida em que eles servem como elo entre Deus e aos seres humanos em vida. Por isso, os antepassados continuam vivos no coração do povo em que viveram antes de tomar a outra vida. Assim sendo, nota-se, como dissemos, uma grande comunhão entre os vivos e os seus antepassados.

---

<sup>106</sup>Cf. AA.VV, *Os antepassados e a sua veneração*: Ata da segunda Semana Teológica da Beira, de 3-8 de setembro de 1997, 79.

A cultura africana, de modo particular a cultura bantu, acredita que os antepassados estão sempre dispostos em ajudar os seus descendentes independentemente do tipo de dificuldades que terão que enfrentar. Deste modo, a relevância dos antepassados engrandece-se a nível social na medida em que proporcionam auxílio aos que o necessitam e castigam todos aqueles que desobedecem as suas orientações que servem para organizar e manter a boa convivência entre os membros da sociedade.

O povo rural ou agrícola enterra os mortos perto das suas aldeias com ritos fúnebres bem elaborados e têm santuários para lembrá-los. Os antepassados ainda estão com eles, a terra pertence-lhe, razão pela qual esses povos desenvolveram o culto dos mortos. Os antepassados são criadores da sociedade, eles estão em permanente relação com os vivos e formam uma comunidade com eles. Pensa-se que os antepassados são conscientes aos pensamentos dos vivos e têm feitos poderosos, facto pelo qual são respeitados e reverenciados. Neste contexto, há uma interdependência onde os vivos precisam do favor dos antepassados nos empenhos diários, e, por sua vez os antepassados precisam da oração dos vivos.

Os antepassados são mediadores que vivem num lugar próprio, mas ao mesmo tempo estão próximos de Deus, como é o caso de um chefe morto que partilha com Deus o poder de mandar chuva. Ele vai pedir Deus a chuva em nome dos vivos. Estes são chamados espíritos de lugar ou de chefe<sup>107</sup>. Por isso, afirma que os espíritos familiares e do clã são invocados diretamente, e, através deles, se consegue falar com Deus, pois eles são porta-vozes do povo.

### **3.3. O processo de culto aos antepassados**

No culto, os antepassados são invocados junto com o Ser Supremo dependendo da sua relação com Deus e do lugar que ocupa em relação aos vivos. Os antepassados não são aproximados como fonte última de poder nem como simples intermediários. Qualquer culto que lhes é dado, não é para seu bem-estar, mas para fortalecer o papel vital deles. Mesmo que sejam vistos como estando próximos de Deus e como

---

<sup>107</sup> Cf. AA.VV, *Os antepassados e a sua veneração*: Ata da segunda Semana Teológica da Beira, de 3-8 de setembro de 1997,80.

mediadores entre Ele e o povo, eles só são considerados mortos vivos glorificados membros da família. As orações dirigidas a eles são diretas, os pedidos feitos diretamente são do interesse deles. Eles só podem intervir onde lhes é dada autoridade. O culto aos antepassados não é para proporcionar uma vida mais virtuosa ou para obter o perdão, mas sim está unido à ideia de vida depois da morte, isto é, a morte não é considerada como o fim da vida humana. Acredita-se que a pessoa continua a viver depois da morte.

O mundo dos espíritos não é um lugar de prazer em contraste com o nosso mundo de sofrimento. Pelo contrário, a pessoa viva é mais feliz que a pessoa morta. Assim sendo, a única diferença é que a pessoa morta torna-se mais poderosa<sup>108</sup>.

Entretanto, afirma-se que aqueles que viveram de forma digna e responsável e com exemplo, para serem seguidos, estes são aceites na comunidade, também são admitidos no mundo dos espíritos; e os que durante a vida tiveram mau comportamento e a sociedade os rejeitou, ou seja, os marginais são excluídos no mundo dos espíritos. Enfim, os bantus veem a vida depois da morte como uma continuação da vida em diferentes condições.

### **3.3.1 Funções e finalidades do culto aos antepassados**

Os antepassados são aqueles que ficam disponíveis para os seus descendentes e que são responsáveis pelo seu bem-estar, acima de tudo são bons espíritos. Os antepassados são aqueles que estão perto do Ser Supremo e numa posição de atuar como intermediários entre Deus e os membros da família. Eles têm o poder de advertir os seus descendentes e os membros do clã de um próximo desastre e aconselhar-lhes o que fazer para evitá-lo e atrair para si toda a fortuna. Acima de tudo eles estão preocupados com a continuidade do seu clã e das suas famílias, por isso fortalecem em cada perigo.

Por outro lado, os antepassados são considerados custódios das leis tradicionais e dos costumes de que depende a sobrevivência do clã. Assim sendo, eles desempenham

---

<sup>108</sup> AA.VV, *Os antepassados e a sua veneração*: Ata da segunda Semana Teológica da Beira, de 3-8 de setembro de 1997, 85.

um papel de relevo castigando com doenças àqueles que abandonam as suas leis. E, ao mesmo tempo, abençoam aqueles que guardam as suas leis. Francisco Lerma Martínez, cita o pensamento de Mbiti, ao dizer que eles voltam às suas famílias e partilham comida com eles, embora simbolicamente. Porque eles sabem todos os acontecimentos da família, por esta mesma razão eles tornam guardas dos assuntos familiares, tradições, a moral e em todas as atividades da família. Neste caso, uma pessoa digna na sociedade bantu, é aquela que honra os antepassados vivendo como eles viveram.

As ofertas têm uma dupla finalidade: de um lado, são feitas em benefício do próprio falecido desejando o bem-estar para que a sua passagem para a outra vida se tornem agradável e, de outro, em favor dos que oferecem, isto é, para o bem-estar dos vivos. “Este bem-estar concretiza-se na realidade em alimentação suficiente sobretudo em períodos de fome, em chuvas, nos tempos de seca e em saúde no momento da doença”<sup>109</sup>. Nesta ordem de ideias, há sacrifícios de memória, de comunhão, de petição, de satisfação e de agradecimento.

### **3.3.2 Os instrumentos e locais usados no culto dos antepassados**

No culto dos antepassados são usados os instrumentos que provêm da vida quotidiana, que são os utensílios que em vida usaram. De entre vários, destacam-se os seguintes: as zagaias, facas, enxadas, moedas, a comida, o tabaco (*o rapé*), bebida e outros alimentos que fazem um ponto de ligação. Estes instrumentos dão ao antepassado a oportunidade de continuar as suas atividades em qualquer lugar onde se encontram. E considera-se a farinha, a comida, o tabaco e a bebida como sendo indispensáveis quase em todas as culturas.

É pertinente salientar que os instrumentos e alimentos para o culto dos antepassados não podem ser utilizados por qualquer pessoa, principalmente a farinha, que é usada no ato da invocação dos antepassados. Esta deve ser pilada por uma donzela que ainda preserva a sua virgindade.

---

<sup>109</sup>Cf. Francisco Lerma Martínez., *Religiões Africanas Hoje: Introdução ao estudo das Religiões Tradicionais Africanas*, Maputo: EdiBosco, 1995, 69.

O local de culto dos antepassados varia de sociedade para sociedade e de acordo com o tipo de sacrifício, isto é, pequenos e grandes sacrifícios. Uns realizam junto dos rios, praias ou mares, ainda outros fazem por baixo das árvores como é o caso dos embondeiros e outros arbustos que têm um carácter sagrado.

### **3.3.3 O antepassado na tradição lomwe: uma análise a partir do distrito de Alto Molócué- Zambézia**

A tradição lomwe sendo uma parte do povo bantu tem traços comuns com as outras culturas no que diz respeito à veneração dos defuntos, etapas e principais características que acompanham o defunto para ser considerado antepassado, os momentos para a entrada em comunhão com os seus antepassados e o tipo dos instrumentos usados na invocação dos antepassados. Os lomwes, sendo uma parte do povo bantu, tem traços comuns com as outras culturas no que diz respeito à veneração dos defuntos, etapas e principais características que acompanham o defunto para ser considerado antepassado, os momentos para a entrada em comunhão com os seus antepassados e o tipo de instrumentos usados na invocação dos antepassados.

Os lomwes de Alto Molócuè, consideram defuntos (*alipa okwa*), todo aquele que morreu independentemente das circunstâncias, porque para eles a morte significa o desaparecimento físico de uma determinada pessoa. Mas existem elementos específicos que elevam um defunto à categoria do antepassado (*nikholo*)<sup>110</sup>

Na tradição lomwe, eleva-se ao status dos antepassados, todo aquele que morreu numa idade avançada, isto é, quem é *nikholo* (que quer dizer mais velho ou idoso) e que teve uma vida digna na sociedade em que vivia. E destacam-se dois tipos de sacrifícios que são prestados a estes que já estão nesta categoria:

O pequeno sacrifício (*omuhela makheya*)- é um sacrifício no qual não se imola um animal, mas pode-se usar farinha, tabaco e água num copo. Para o ato mistura-se um pouco de farinha com um pouco de água no copo e, à medida que se vai invocando o

---

<sup>110</sup> Cf. Ciscato, Elia, *Ao serviço deste Homem: Apontamentos de iniciação cultural*, Maputo: 1ª edição, Edições Paulistas- África, 1987, 103.

nome do mais velho da família, deita-se aos poucos no local escolhido. Este tipo de sacrifício procura resolver a necessidade da família.

O outro é o sacrifício grande (*essathaka*)- chama-se sacrifício grande porque se imola um animal, com objetivo de introduzir o espírito à casa, reconciliação na família, nascimento, morte, doença, caça, pesca, colheita, pedido de chuva e outros pedidos que podem ser realizado em vários lugares de acordo com a sociedade. Mas geralmente são feitos por baixo de uma árvore sagrada (*mussolo/mutholo*) ou junto ao rio (*ehanó/eyowa*)<sup>111</sup>.

Geralmente, o sacrifício grande é participado por todos os membros da família, por exemplo, o sacrifício grande que é destinado ao pedido de chuva, todos chefes e alguns membros da aldeia são convidados a fazerem parte, porque tal desgraça, assola toda a comunidade. Razão pela qual, cada *mwene*, é responsável para participar nesse evento de muita relevância para o bem-estar da sociedade.

Em ocasião de uma crise como por exemplo, seca, guerra, epidemia, ou outras situações dos males sociais, os sítios escolhidos para oferecer farinha aos antepassados, ou para fazer pedidos, constituem um lugar misterioso (*olava*), porque é um lugar típico dos espíritos da natureza. O pedido é apresentado a *Muluku* e aos *Anaminepa* (o conjunto dos espíritos), e esta ação ritual recebe o nome de *Omulapa Muluku* ou *Olapa minepa* que quer dizer, agradar a Deus ou agradar os espíritos<sup>112</sup>.

As ofertas são colocadas nos locais acima elencados, são de reverência, e só destinadas aos antepassados. Desta forma, nenhum ser vivo deve se atrever a levar para casa, nem saborear a comida que é destinada aos antepassados, muito menos ao dinheiro que é dado aos antepassados, para que lá onde se encontram continuem com a sua vida normal.

---

<sup>111</sup> **Mihikwé**: um buraco geralmente situado numa árvore grande onde os lomwes, consideram local onde habitam os espíritos dos seus antepassados;

**Ehanó**: local do culto aos antepassados localizados num rio;

**Mussolo/Mutholo**: é uma árvore sagrada onde são depositadas as ofertas aos antepassados querem nos sacrifícios pequenos ou então nos sacrifícios grandes;

**Minepa** é plural (*espíritos*): minepa sonanara (*espíritos maus*), minepa sapama (*espíritos bons*). Enquanto **Munepa**, é o espírito de alguém que viveu connosco, que já passou pela morte e que, agora, se encontra no mundo invisível.\

<sup>112</sup>Cf. Ciscato, Elia, *Ao serviço deste Homem: Apontamentos de iniciação cultural*, Maputo: 1ª edição, Edições Paulistas- África, 1987, 104.

### 3.3.4 Os elementos essenciais na preparação do sacrifício grande

Os anciãos Paulino Mutxawa Olima e Verónica Amiravo Amala, por nós entrevistados por telefone no dia 20 de maio de 2025, numa chamada telefónica, nos forneceram as seguintes informações no que diz respeito aos sacrifícios grandes:

- a) Reunião dos grandes e dos chefes para avaliarem a necessidade da sociedade;
- b) Proclamação do sacrifício verbalmente;
- c) Preparação das ofertas voluntariamente pelos participantes, constituída por comida e bebida (farinha de mapira, de milho, de arroz, mexoeira, cerveja de mapira (*otheka*) ou aguardente de cajú, de manga, de laranja, de cana-doce, xima de mapira, massa de mandioca ou de outros cereais, carne de galinha assada ou cozida geralmente sem tempero nem óleo, laranjas, bananas, tabaco, cigarro entre outros, consoante as possibilidades;
- d) A realização inicia com uma reunião dos participantes em casa do chefe (*mwene*), trazendo o contributo para o banquete que se segue o sacrifício;
- e) Separação das ofertas que serão consumidas pelos participantes;
- f) O ato da oferta da outra parte (que não será consumida), realizado pelos chefes e pelas respectivas mulheres, acompanhado por invocações aos antepassados;
- g) Todos os participantes ficam de joelho ao redor do local em sinal de humildade, enquanto o chefe ou sacerdote tradicional dá a oferta e as orações ocasionais pelas circunstâncias do sacrifício às quais outros respondem batendo palmas;
- h) E, por fim, das invocações retorna-se à residência do chefe para o banquete das ofertas reservadas para o consumo dos participantes, terminando desta forma a cerimónia.

#### A classificação dos mortos e os antepassados

Francisco Lerma Martínez, na sua obra abaixo citada apresenta a seguinte classificação<sup>113</sup>:

- 1) **Falecidos:** todos os que morrem
- 2) **Antepassados:**

---

<sup>113</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez., *Religiões Africanas Hoje: Introdução ao estudo das Religiões Tradicionais Africanas*, Maputo: EdiBosco, 1995, 103.

- Só alguns;
- Em relação ao seu *status* social de vida;
- Tendo em conta o seu comportamento exemplar;
- São recentes, pertencem às três ou quatro últimas gerações;
- Os seus nomes e vidas são conhecidos.

### 3) Antepassado mítico

- É fundador do clã ou da aldeia;
- Pertence aos tempos longínquos;
- Não é conhecido.

### 3.3.5 Algumas práticas do culto dos antepassados

Existem várias práticas de culto dos antepassados de acordo com as dificuldades que o povo lomwe enfrenta no seu dia-a-dia, sendo de mencionar as seguintes:

#### a) Cerimónias de pedido de chuva

Quando há falta de chuva, geralmente o povo se reúne em casa do chefe (*mwene*) para estudarem o caso, e depois faz-se o combino do dia, local e as ofertas para o pedido de chuva. Quando chega o tempo, a pessoa escolhida, ou o sacerdote tradicional, que tem o poder de mediar com os antepassados, fica à frente e os peticionários atrás em direção ao local das cerimónias, podendo ser por baixo de uma árvore (*mussolo*) ou *mihikwé* ou então *ehanó*.

E chegando ao local da invocação, todos ficam de joelhos. O ritual obedece às seguintes fórmulas de pedido de chuva: “*Senhor Lokho, pai Minukhu, chefe Rokhomwé, todos os régulos e chefes que viviam nesta área. Recebei esta nossa cerveja para refrescar a vossa garganta. O vosso cigarro preferido é este, a massa que gostava está aqui. Olhai nesta região, nós estamos a sofrer por falta de chuva e comida. Queremos que chova*”. Ou então usa-se a seguinte fórmula: “*Shonte Apwiya Muluku, Minepa mitatari vathi va sokhumana, nnamovekani wi munikhavihere wa makhatxamiho othene ananrwela*”. Neste momento o sacerdote tradicional começa a pôr a farinha no chão de modo a formar uma montanha, e se começar a se demolir significa que os antepassados estão felizes por aquilo, e se não partir, quer dizer eles ainda não estão felizes. No fim

disso, batem-se palmas e todos retiram-se do lugar em direção à casa do chefe, para beberem *otheka* e festejarem.

#### **b) Sementeira e colheita**

É importante ressaltar que antes do período da sementeira, a semente é guardada num lugar próprio em forma de cesto, onde possa ser atingido pelo fumo, evitando assim a penetração de bichos que possam danificar a semente para não germinar. Chegando o tempo da sementeira pede-se o favor dos antepassados desta maneira: “a todos os espíritos eu vos invoco para que esta semente germine”.

No momento de colheita, cada família oferece os sacrifícios para os seus antepassados mais próximos. Para o feito, levam-se as primícias, isto é, um pouco de tudo que se produziu na primeira colheita como por exemplo: massarocas assadas ou cozidas, mapira crua. Isso geralmente é oferecido por uma mulher num lugar devidamente preparado e limpo quer ao redor da casa ou debaixo de uma árvore, que é colocada nas folhas de bananeira. A melhor forma de dar gratidão pelos benefícios concedidos, o povo põe-se de joelho e faz a seguinte oração: “Pais e avós, provai esta comida que nos destes neste ano. Dai-nos mais forças de produzir outros alimentos”. Só deste modo é que se poderá comer do fruto da produção.

Algumas pessoas afirmam que após a realização dessa cerimônia se o que se pediu tornar uma realidade é porque «houve, por certo, nisto uma coincidência, porque não foi intervenção dos espíritos que operaram o milagre. Entretanto, estas cerimônias têm o mesmo fundo e são análogas às preces que, antigamente, quando havia mais religiões, se faziam em todos os nossos templos.

#### 4.A cultura e a religião: duas asas que conduzem o povo lomwe

Francisco Lerma Martínez, no seu livro ``Religiões Africanas Hoje``, apresenta o seguinte esquema, a que chama de linha vital<sup>114</sup>:

- DEUS

- Ser invisível
- Ser único, supremo
- Criador: origem de todas as formas da vida
- Consistência do ciclo vital



- ANTEPASSADOS

- Seres invisíveis;
- Pertencem ao grupo dos defuntos;
- São muitos;
- Existe hierarquia entre eles;
- São transmissores de vida-elo de união com a origem;
- Mas eles não são a origem;
- São mediadores entre Deus e os restantes seres em tudo;
- São protetores dos seres vivos;
- Podem provocar ações malignas ou benignas;
- São exemplares, modelo de vida;
- São honrados e venerados: culto



- OS RESTANTES DEFUNTOS

---

<sup>114</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez,, *Religiões Africanas Hoje*: Introdução ao estudo das Religiões Tradicionais Africanas, Maputo: EdiBosco, 1995, 102.

- Os falecidos que não atingiram a condição de antepassado.



- **OUTROS ESPÍRITOS**

- Outras forças do mundo invisível desconhecidas, mas que sentimos experimentalmente a sua ação.



- **SERES VISÍVEIS**

- As pessoas;
- Os animais;
- A natureza;
- Todo o cosmos e suas forças.

É pertinente sublinhar que na “linha vital” ninguém é esquecido. Tudo é considerado como um grande ciclo vital onde todos os seres (visíveis ou invisíveis) e as coisas têm o seu próprio lugar e todos estão relacionados intimamente. Em primeiro lugar, ou seja, no topo de todo ciclo encontra-se o manancial da vida, o Ser Supremo, Deus, onde toda forma de vida tem a sua origem ou a sua consistência. Para tal, entre os seres invisíveis e especialmente entre os defuntos, há um grupo que ocupa um lugar especial, são os antepassados, pedra angular onde se apoia todo o edifício. Sem eles não se compreende a Religião Africana.

Para melhor compreensão é necessário ter em conta as duas linhas pertinentes para conseguir decifrar a situação de antepassado, a linha biológica, isto é, a linha da sucessão e por fim a linha ética, o comportamento anterior durante a vida visível. Também tem a sua importância o *status* social que o falecido tinha durante a sua vida terrena. O antepassado é alguém mais do que um simples antecessor biológico. Ele está na ordem ética, um fundamento biológico enraizado no quadro genérico do parentesco. É por isso que ele é para o seu grupo modelo de vida<sup>115</sup>.

---

<sup>115</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez,, *Religiões Africanas Hoje: Introdução ao estudo das Religiões Tradicionais Africanas*, Maputo: EdiBosco, 1995, 103.

Os antepassados são intermediários entre Deus e os seres invisíveis, são objeto do culto que é sempre relativo, pois o seu ponto final é sempre, direta ou indiretamente, Deus. Obviamente, os antepassados são também transmissores de vida. No pensamento africano, a pessoa nunca morre definitivamente, ela continua viva no grupo familiar através dos descendentes. Daí a importância da imposição dos nomes dos antepassados e outras pessoas da família.

É pertinente sublinhar que: Para o Lomwe, o mundo sem Deus não faz sentido, pois é mesma coisa acreditar a contradição da própria existência. Se existe, se o processo vital de tudo o que tem vida continua, assim afirma o povo lomwe numa das expressões mais famosas entre eles que se diz *Muluku okhala* (Deus existe).

Na sociedade lomwe tanto a sociedade macua não existe culto directo a Deus propriamente dito. No culto lomwe, consiste fundamentalmente, no sacrifício de farinha, oferecido aos antepassados, honra-se especialmente os espíritos ancestrais e antepassados mais importantes da família e da aldeia, considerados como autênticos intermediários entre Deus e os homens. Só indiretamente este culto é dirigido a Deus<sup>116</sup>.

Para os lomwes não têm um culto próprio dirigido a Deus, por dois motivos que levam a não se fazerem essas práticas:

- Em primeiro lugar, diz-se que não há um culto direto dirigido ao Ser Supremo, porque Deus, no pensamento lomwe, é considerado dono e Senhor da vida e de todas as coisas do universo, pelo que não precisa de nada da parte dos homens. Não precisa das nossas ofertas materiais.
- Em segundo lugar, não há um culto direto ao Ser Supremo, na sociedade lomwe, porque, se lhe fosse prestado tal culto, como se faz com os defuntos, seria considerar Deus em plano de igualdade com os antepassados, e por conseguinte, equivaleria a rebaixá-lo. Deus, como nos ensina a tradição macua, não é como as pessoas nem como os espíritos dos antepassados, Deus é Pai da vida.

---

<sup>116</sup> Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 243.

### **CAPÍTULO 3: CONTRIBUTOS DA CULTURA LOMWE PARA REFLEXÃO MORAL E TEOLÓGICA SOBRE A MORTE**

Para a cultura lomwe a morte é uma metamorfose: inicia a nova maneira de ser do novo ente *munepa* (*espírito*) é novo ser, em relação ao que ele era, em vida, e ao mesmo tempo, é sua parcial continuação<sup>117</sup>. Realmente a morte abre um novo modo de pensar que é novo nascimento e é também uma viagem sem retorno, mas há sempre a esperança.

Ao afirmarmos que há vida além- túmulo não quer dizer que a vida presente continua tal qual é, após a morte. Neste sentido, já não é uma vida “humana”, visto que o corpo não participa das condições vitais, ou seja, um ser sem corpo já não pode chamar- se de homem.

O cristianismo fala da vida e da morte, morte que é a consequência da desobediência. Para nós cristãos, a morte é um chamamento de amor. Crescemos, cheios de tanto medo e preconceito contra a morte que nem a fé num Deus- Amor, que um dia conheceremos através da morte, nos ajuda a vê-la com bons olhos<sup>118</sup>.

Desde o dia em que o ser humano nasce deve tomar conhecimento de que neste mundo vivemos como hóspedes, passageiros, turistas, ou seja não temos uma morada fixa. Na verdade a nossa morada é lá no Céu. Lembramos do canto do saudoso Felisberto Roque, que dizia “*Empanyu etokhotokho, mahiyé*” que quer dizer a nossa grande casa é o túmulo. Como afirma o salmista: o túmulo será a sua morada para sempre (cf. Sal 49, 12). Mas temos a esperança de ressurreição no último dia para alcançar a vida eterna.

Para maior parte das pessoas, a morte é um acontecimento feio, indesejável e cruel, pintam a morte de negro, transformam em algo negativo. Para essas pessoas a morte é o contrário da vida. Mas a morte de milhões de pessoas desmente isso. A vida está para a morte.

---

<sup>117</sup>Cf. Elia Ciscato, *Introdução à cultura da área: Makhuwa/ Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012. 67.

<sup>118</sup> Cf. José Torres, *O caminho da vida humana*, Lisboa: Editorial Hospitalidade, 2011, 474.

Durante o percurso terreno, é importante educar para a consciência dos nossos limites: a velhice, a perda de energia, a doença, acidentes fatais, o sofrimento; e não esconder a morte no dia-a-dia, de modo que se possa ir integrando aquilo que é inevitável e faz parte da existência humana. A morte existe e é para todo o ser humano, pode demorar chegar, mas qualquer dia irá nos surpreender, qualquer dia iremos deixar esse mundo dos vivos, aliás, morreremos.

De sublinhar que a maior parte das pessoas vêem a morte como o fim da vida. Ela arrecada para si positividade: quebra a maneira de nos ligar com o universo, tira-nos dos entes queridos e separa-nos do corpo que amamos. A morte é dolorosa e triste como o fim de um evento. Podemos comparar a morte como um momento de começo para uma outra vida, por exemplo, temos que ter em mente que o fim não significa negatividade mas positividade. A morte é realmente o fim da vida. Nisso considera-se meta alcançada, a plenitude almejada e local do verdadeiro nascimento. A morte é o prolongamento da vida, não é o fim, mas sim uma renovação. É como que retirar-se da escuridão para ir à presença da luz, e ser amparado com o Amor de Deus- Pai.

Para a cultura lomwe, o morto continua fazendo parte da sociedade em que viveu, nisto o povo reconhece que de acordo com o seu estilo de vida, está junto de Deus Pai, intercedendo para o bem- estar dos seus.

### **3.1 Os valores fundamentais da compreensão lomwe da morte numa tensão com as questões bioéticas contemporâneas sobre a morte**

A cultura lomwe, a exemplo das outras culturas, dá grande importância à vida. Porém, há circunstâncias em que o povo vê com estranheza as questões que são contrárias à vida. Nisto temos a bioética, em que no entender de Maria Julia Kovács é o ramo da ética que enfoca questões relativas à vida e à morte, propondo discussões sobre alguns temas, entre os quais: prolongamento da vida, morrer com dignidade, eutanásia e suicídio assistido<sup>119</sup>”.

---

<sup>119</sup> Cf. Maria Julia Kovács, *Bioética nas questões da vida e da morte*, Instituto de Psicologia-USP, 2003, 117.

É pertinente adotar uma bioética para os países menos desenvolvidos, nisso deve-se pensar na situação dos pobres e excluídos, onde não se discute a eutanásia voluntária e involuntária. Estes pobres morrem antes do momento, não pela vontade, mas pela deficiência durante o atendimento sem se verificar o valor da vida humana. Muitos morrem nos centros de saúde por falta dos medicamentos ou mesmo por falta das máquinas hospitalares capazes de descobrir a enfermidade para prosseguir com o tratamento.

Häring, afirma que Binding e Hoche propuseram, sob o nome de eutanásia, o extermínio premeditado e planejado, em grande escala, de pessoas social e economicamente inaptas, especialmente os doentes mentais, os aleijados que podem impedir o progresso económico. Esta é a eutanásia que Hitler pôs em prática; juntamente com milhões de judeus “indesejados”, executou centenas de milhares de deficientes mentais e físicos da sua própria nação. Nisto passamos a atuar as questões bioéticas contemporâneas sobre a morte, nomeadamente<sup>120</sup>:

Os médicos distinguem frequentemente entre eutanásia positiva e eutanásia negativa. Por eutanásia negativa entende-se a omissão planeada de cuidados que provavelmente prolongariam a vida. A eutanásia positiva refere-se à instituição planeada de uma “terapia” destinada a provocar a morte mais cedo do que seria de esperar.

A cultura lomwe mostra-se preocupada em matérias da eutanásia, principalmente quando se trata da sua legalização. Embora na própria cultura lomwe tenha acontecido um gênero de eutanásia tradicional, aplicada naquelas pessoas mais velhas, em que durante as suas vidas dedicaram-se em magia negra, ou seja, vacinaram vários remédios tradicionais, chegando o momento de deixar esse mundo, ocorre a perda total dos sentidos e a morte cerebral, porém, o coração continua a funcionar. Mesmo que o corpo comece a entrar em decomposição, o coração continua a palpitar. Só para aliviar o doente assim convidam um curandeiro para fazer o tratamento para que o moribundo descanse em paz.

- a) *Suicídio*- consiste na ação que o sujeito perpetua contra si próprio, e que provoca a morte.

---

<sup>120</sup> Ibidem, 123.

*E falar do suicídio assistido-* é na medida em que há ajuda para a realização do suicídio, a pedido do paciente. Esta situação é considerada crime, do ponto de vista legal.

O padre da Igreja Santo Agostinho sublinhava que “todos os que contra si próprios perpetraram este crime, talvez sejam dignos de admiração pela sua fortaleza de ânimo, mas não devem ser louvados pela sanidade da sua razão. Se mais cuidadosamente consultar a razão, nem sequer lhe poderemos chamar fortaleza de ânimo pois entregaram-se à morte por não poderem suportar as contrariedades da vida ou os pecados alheios<sup>121</sup>”.

Mas o certo é que muitos se mataram para não caírem nas mãos do inimigo... não se mataram os patriarcas, nem os profetas, nem os Apóstolos. O próprio Cristo Senhor, quando os aconselhou a fugirem de uma cidade para outra cidade em caso de perseguição, poderia com certeza tê-los aconselhado a morrerem às suas próprias mãos para não caírem nas mãos dos perseguidores. Mas não: ele não ordenou nem aconselhou aos seus que assim deixassem esta vida: prometeu-lhes, que prepararia morada eterna.

Esta situação de pedido de morte por causa do sentimento de invalidez na sociedade é sublinhada por Mishara, autor que Maria Julia Kovács, cita: « Mishara observou que a dor e o sofrimento estão na base de inúmeros pedidos para morrer. Também foi encontrado pelo autor, forte relação com depressão clínica. Observa, ainda, que está havendo maior incidência de pedidos de eutanásia, suicídio e comportamentos autodestrutivos em pessoas com os seguintes problemas psicossociais: depressão, perdas significativas, falta de apoio social e dificuldades da vida<sup>122</sup>».

Nos dias atuais tem se verificado uma relação considerável entre suicídio e a demência. Nessa situação muitas pessoas pedem para morrer e outras tiram a própria vida ou seja, cometem o suicídio, ao se notarem mergulhados na situação de dependência ligada a um sentimento de perda de dignidade. Outras situações estão

---

<sup>121</sup> Cf. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Lisboa: Volume II, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, 2011 (LIVRO I CAP.XXII), 163.

<sup>122</sup>Cf. Maria Julia Kovács, *Bioética nas questões da vida e da morte*, Instituto de Psicologia-USP, 2003, 125.

ligadas algumas enfermidades cujo tratamento pode causar desespero por exemplo, Sida e o Cancro.

Para a cultura lomwe quem comete o suicídio é vista como uma pessoa amaldiçoada, neste sentido tem um funeral diferenciado, isto é, se a pessoa suicidou-se por meio de uma corda pendurando-se numa árvore corta-se a árvore e cava-se até às profundezas da raízes para que o mal não volte acontecer para os que cá ficam.

Toda pessoa que morre por suicídio, os restos mortais não são depositadas no cemitério da aldeia, ou seja, a pessoa é enterrada longe e separada das outras, que morreram por situações consideradas naturais. Esta separação dá a indicação que aquele que se suicidou não fará parte do grupo dos antepassados.

Por esta razão, tanto a eutanásia, quanto ao suicídio é considerado um mal para a cultura lomwe. Porém, com a falta dos hospitais qualificados nos últimos anos, o povo ao escutar do suicídio assistido, considera novidade. Mas na mesma instância, independentemente da situação, já que a maior parte das mortes acontecem no seio familiar em que o moribundo morre lateados com os seus familiares mais próximos. Esses dois temas da ética, deixa o povo lomwe confuso, já que a valorização da vida é fundamental para a sociedade.

### **3.2. Da ética relacional e comunitária da cultura lomwe a uma teologia moral da morte de matriz comunitária (normas morais)**

A ética relacional e comunitária da cultura lomwe, consiste em concretizar que a morte para o lomwe é o momento de união familiar, amigos e até os que nunca viram o defunto em vida, em caso das mortes que acontecem fora da aldeia, aproximam-se para viverem essa dor juntamente com a comunidade.

Como sublinhamos anteriormente de que para o povo lomwe os ritos e as práticas funerárias constituem celebrações comunitárias, visto que com a morte de uma determinada pessoa, a comunidade paralisa todas as atividades. Nisto desde o velório até a sepultura é ato comunitário. Onde todos os conhecidos, familiares do defunto e os habitantes da aldeia deixam os seus trabalhos e ocupações habituais para poder

participar no velório e nos outros ritos fúnebres. Ficam excluídas destes ritos todas as pessoas que não passaram pela circuncisão e nos ritos de iniciação, porque para os lomwes, não passar nos ritos de iniciação é gravíssimo, o indivíduo é ainda considerado *mwana* (criança). Porém, tem alguns elementos reservados aos familiares mais chegados como é o caso, do corte de cabelo, rapar a cabeça e vestir-se de roupas velhas, como sinal de demonstrar *okweliwa*, (perder um familiar), luto e tristeza.

Trata-se, pelo menos em primeiro lugar, de um discurso parenético, ou seja, que aponta para o comportamento ético e não orienta para a definição de uma doutrina. Não é a doutrina em si que ocupa o centro do ensinamento, mas sim a intenção de ajudar os homens a evitar o mal e a fazer o bem. É neste contexto que nos interrogamos sobre o carácter literário de tal discurso e sobre as condições a que está sujeito<sup>123</sup>.

eticamente, a morte é um dado universal e é vivido no modo semelhante, embora algumas culturas tendem a celebrar esse momento de passagem da vida terrena para outra, como um momento de festa e outras culturas como é o caso da cultura lomwe que vive esse momento de morte com tanta tristeza.

### 3.2.1 Dedicar a oração aos defuntos

Para os lomwes, mesmo no período da invocação dos defuntos, como é o caso da apresentação dos sacrifícios quer seja pequeno ou grande, iniciam sempre com a seguinte fórmula: “*Shonte Apwiya Muluku*”<sup>124</sup>, *Minepa mitatari vathi va sokhumana, nnamovekani wi munikhavihere wa makhatxamiho othene ananrwela*”. Que quer dizer « Por favor Senhor Deus, espíritos são como raízes que se encontram por baixo da terra, pedimos proteção perante todas as dificuldades que nos preocupam». Nota-se a adoração a Deus em primeiro lugar, antes dos defuntos.

---

<sup>123</sup> Cf. Francesc Abel, Edouard Bone, John C. Harvey, *La vida humana: Origen y desarrollo- Reflexiones bióticas de científicos y moralistas*, Barcelona: Ed. Universidad Pontificia Comillas Madrid, 1989, 263.

<sup>124</sup> *Shonte Apwiya Muluku*, que quer dizer “Por favor Senhor Deus”, e a partir desta fórmula seguem-se outras palavras que são típicas para mostrar o espírito de humildade para colocar o pedido a Deus. Em todas as orações principais dos sacrifícios tradicionais, antes de nomear os antepassados da família ou da comunidade, invoca-se sempre Deus, com a expressão *Shonte Apwiya Muluku*, ou uma outra expressão semelhante.

No contexto da Igreja temos três situações a destacar: de peregrinação na Terra, de purificação no Purgatório e de bem-aventurança no Céu. E assim, a fé consiste em acreditar que cada um de nós encontra-se inscrito no eterno amor de Deus onde a morte não pode destruir. De sublinhar que quem crê que os defuntos se encontram com Cristo e com todos os seus, ao rezar tem que compreender que não se reza por eles, mas rezamos com eles e eles também estão unidos connosco em oração, porque estão em Deus.

E, porque acreditamos que a vida continua para além do túmulo, o fazer memória dos que nos precederam ou rezar pelos nossos entes queridos tem sentido, porque «a vida não acaba, mas apenas se transforma». Aqueles por quem rezamos estão na morada de Deus; e nós, ainda “neste vale de lágrimas”, vamos a caminho para nos juntarmos um dia com eles. São Cipriano dizia que não perdemos as pessoas queridas, «simplesmente foram à nossa frente». E Santo Agostinho afirmava: «Os mortos não estão ausentes. Estão invisíveis. Eles têm os olhos cheios de luz, fixos em nós e cheios de lágrimas<sup>125</sup>».

No que se concerne na Liturgia cristã, desde nos primórdios, nas fórmulas da Missa, está patente o momento de oração pelos nossos irmãos defuntos. Nesta vertente, encontramos a afirmação de Tertuliano, no século II, destaca que os cristãos, no aniversário da morte de seus parentes costumavam oferecer a Missa pelo eterno descanso das almas dos seus ente queridos que partiram deste mundo e já que se encontram junto do Pai.

Orar pelos defuntos é muito importante, por exemplo, o Papa João XXIII, sublinha que devemos pedir pelas pessoas que sofrem no Purgatório, pois esperam os nossos sufrágios para poderem entrar na glória celeste<sup>126</sup>. Na nossa vida temos que demonstrar que orar pelos defuntos é obra de misericórdia, como afirma a Bíblia: “*É um santo e piedoso pensamento oferecer sacrifícios de expiação pelos mortos, para que sejam libertos dos seus pecados*” (cf. 2Mac 12,45).

#### **a) A celebração de todos os Santos e dos fiéis defuntos**

A Igreja instituiu duas festas na Igreja que demonstram essa hierarquia no reconhecimento do papel de cada pessoa, o primeiro momento é da festa de todos os

---

<sup>125</sup> Cf. José Torres, *O caminho da vida humana*, Lisboa: Editorial Hospitalidade, 2011, 566.

<sup>126</sup> *Ibidem*, 567

Santos, que são pessoas que conviveram connosco, mas tiveram um bom comportamento, ou seja, viveram conforme as orientações cristãs e no seguimento dos Decálogos e com boa reputação, virtudes reconhecidas pela Santa Igreja Católica.

A celebração de todos os fiéis defuntos é uma celebração que tem um valor profundamente teológico, porque chama nossa atenção para todo o mistério da existência humana, desde suas origens até o seu fim. A novidade introduzida pela nossa fé é a esperança: nós os cristãos acreditamos em um Deus, que não é apenas Criador, mas também juiz.<sup>127</sup>

Se morremos em Cristo, porque vivemos a nossa vida em comunhão com Ele, seremos admitidos na comunhão dos Santos. A celebração do dia 02 de novembro (fiéis defuntos), se insere nesta perspectiva: a Igreja não esquece seus irmãos falecidos, mas reza por eles, oferece sufrágios, celebra Missas e oferece esmolas, para que também as almas, que ainda precisam de purificação, após a morte, possam alcançar a visão de Deus<sup>128</sup>.

A “*pietas*” humana para com os defuntos remonta aos primórdios da humanidade. Os primeiros cristãos, como podemos facilmente observar nas catacumbas, esculpiam a figura de Lázaro nos túmulos, como anseio de seus entes queridos pudessem também voltar à vida, por intermédio de Cristo. No entanto, somente no século IX começou a celebração litúrgica de um falecido, como herança do uso monacal, já em vigor no século VII, de empregar, dentro dos mosteiros, um dia inteiro de oração por um falecido. Este costume, porém, já existia no rito bizantino, que celebrava os mortos no sábado anterior à sexagésima, um período entre o fim de janeiro e o mês de fevereiro. Mais tarde, no ano 809, o Bispo de Trier, Dom Amalário Fortunato de Metz, inseriu a memória litúrgica dos falecidos que inspiram ao céu, no dia seguinte é dedicado a todos os Santos que já estão no Céu. Enfim, em 998, por ordem do abade de Cluny, Odilone de Mercoeur, a solenidade de finados foi marcada para o dia 02 de novembro, precedida por um período de

---

<sup>127</sup> <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/11/02/comemoracao-de-todos-os-fieis-defuntos.html>,  
acedido no dia 26 de outubro de 2025.

<sup>128</sup> Ibidem

preparação de nove dias, conhecido como Novena dos Defuntos, que começava no dia 24 de outubro<sup>129</sup>.

O CIC nº 1032, sublinha a importância da oração que os cristãos têm que fazer como forma de demonstrar a caridade para as almas do Purgatório de todos os defuntos. A Igreja reservou o dia 2 de novembro, para que os cristãos dedicassem as suas orações a todos os finados.

Na cultura lomwe o dia 2 de novembro é celebrado com entusiasmo, como sinal de lembrar os defuntos. Com a instituição desse momento de oração pelos defuntos, a cultura lomwe foi influenciada com essa prática a partir do cristianismo em que os lomwes, tanto os cristãos católicos quanto os não católicos se unem nesse dia para participarem nas celebrações do dia dos defuntos, nas paróquias ou nos locais onde tem sacerdotes, faz-se a celebração da missa dos defuntos e nas comunidades onde há falta dos sacerdotes, é feita a celebração da Palavra, segue-se outras orações e o Terço. Terminada a oração, nas capelas o povo dirige aos cemitérios onde se encontram os defuntos, para a limpeza das campas. Terminado a limpeza das campas faz-se as orações espontâneas para que Deus, continue cuidando as almas dos defuntos, e cada qual volta para sua casa.

Portanto, com a presença do cristianismo na cultura lomwe e a presença dessas duas celebrações, o povo lomwe faz a relação entre a cultura e os ensinamentos teológicos. Nisso, se antes o povo lomwe considerava o antepassado aquela pessoa que viveu dignamente, ao ouvir no cristianismo que existem Santos, que a Igreja reconheceu por terem uma boa vida e por seguirem fielmente os passos de Cristo, aqueles em que a sua celebração está reservada para o dia 1 de novembro. Enquanto, os defuntos é o resto de todos os que morreram e que não entram na categoria dos antepassados, como afirma a cultura lomwe, este pensamento encontramos no cristianismo ao celebrarmos o dia 2 de novembro que é o dia de todos os defuntos. Para lomwe, falar dos Santos equivale aqueles a que a cultura chama de pessoas dignas capazes de ajudar o seu povo (antepassados), pessoas que deixaram legado. Enquanto os defuntos é o resto de todos entes queridos que já partiram desse mundo e estão junto do Pai.

---

<sup>129</sup> <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/11/02/comemoracao-de-todos-os-fieis-defuntos.html>,  
acedido no dia 26 de outubro de 2025.

Por esta razão, a Igreja reservou um dia dedicado aos fiéis defuntos, que celebramos no dia 2 de novembro, para nos unir para com aquelas pessoas que tanto amamos e que avançaram primeiro para junto do Pai. Nesse dia rendemos graças por estes nossos irmãos defuntos que as suas almas continuem descansando na paz do Senhor.

Honremos e dediquemos com grande respeito para com os defuntos, zelando pelas suas campas ou jazigos, mas devemos acabar com o exagero das flores nos funerais, porque a finalidade delas é apodrecer nos cemitérios. O que se devia fazer seria levar uma única flor, para demonstrar nossa amizade. Neste caso, pouparíamos o dinheiro para canalizar às obras de solidariedade social, famílias carenciadas que precisam do apoio. «É em vida que se deve mostrar o carinho e afeto por aqueles que nos são queridos. Por vezes, gasta-se tanto dinheiro em flores para os defuntos, mas antes não se lhes prestou a devida assistência<sup>130</sup>».

### **3.2.2 Os Santos Intercedem junto do Pai**

Desde o princípio, a comunidade cristã não só rezou pelos seus defuntos, mas invoca-os para obter por meio deles a proteção. Nos locais em que outrora fora local de sepultamento dos mártires dos primeiros séculos do cristianismo, podemos ler “Vive em Cristo e pede por nós”. “Seja feliz a tua alma e reza pelos teus filhos”; também referente aos Santos: “Pedro e Paulo, rogai por nós”. A Igreja Católica, quando se dirige aos Santos, inclusive no culto da Virgem Maria, só lhes pede que rezem connosco, que intercedam por nós junto de Deus<sup>131</sup>».

Vários acontecimentos elucidam a influência exercida no coração de Deus pela oração dos nossos protectores celestes, eles olham para os vivos.

José Torres, sublinha a ideia do padre Chaignon, jesuíta que diz: «No céu não há ingratos. Essas pessoas bem-aventuradas, cujos sofrimentos abreviaremos e cuja felicidade anteciparemos, ainda que seja de um dia ou de algumas horas, olhar-nos-ão

---

<sup>130</sup> Cf. José Torres, *O caminho da vida humana*, Lisboa: Editorial Hospitalidade, 2011, 547.

<sup>131</sup> *Ibidem*, 573

sempre como a seus insignes benfeitores. Elas pedirão e obterão para nós tudo o que for verdadeiramente útil ou necessário. A verdadeira piedade para com os mortos é um penhor de predestinação<sup>132</sup>».

À intervenção dos seus mortos têm os fiéis sempre atribuído conversões sem número, graças de todas as espécies, curas, os mais variados benefícios. E a Igreja não receia comprometer a sua autoridade ao reconhecer autenticidade a apreciável número destes milagres no decorrer de processos organizados para a canonização ou beatificação de servos de Deus, que morreram com fama de santidade<sup>133</sup>.

Temos confiança nos Santos que alcançaram a perfeição e que já estão junto do Pai e olham por nós. Por esta razão temos a celebração de vários Santos que nós cristãos católicos, confiamos que eles intercedem por nós e que ao elevarmos as nossas orações eles fazem chegar a Deus.

### **3.2.3 As exéquias fúnebres e a cremação dos corpos**

A nível mundial são conhecidas duas maneiras de sepultar os defuntos: o enterro tradicional e a cremação. Neste caso o enterro tradicional é feito de forma diversificada, por exemplo, o enterro do cadáver na terra, em nichos (paredes), em ossários ou em cemitérios, jazigos, etc. A cremação consiste na incineração do corpo para em seguida, conservar as cinzas numa urna, que pode ser enterrada, colocada num columbário ou guardada<sup>134</sup>. Para além dessas duas formas nos dias atuais nota-se avanços na forma de enterrar os defuntos, como é o caso das ditas sepulturas ecológicas.

A inumação dos corpos dos defuntos sofreu, ao longo dos tempos, alguma variedade de ritos. A tradição cristã utilizou o enterro ou sepultamento, mas a prática comum do enterro dos cadáveres, também chamada inumação, tem progressivamente perdido adeptos, que defendem a cremação ou incineração<sup>135</sup>.

---

<sup>132</sup> Ibidem, 534

<sup>133</sup> Ibidem, 573.

<sup>134</sup> <https://cicloassist.com.br/blog/descubra-os-diferentes-tipos-de-sepultamento-disponiveis-hoje-em-dia>. Acedido no dia 23 de outubro de 2025.

<sup>135</sup> Cf. José Torres, *O caminho da vida humana*, Lisboa: Editorial Hospitalidade, 2011, 534.

A nível da história, a cremação remonta-se ao ano 4000 a. C, na Índia. Outrora, alguns autores afirmam que o grande chefe lusitano, Viriato, foi queimado numa grande pira.

Por sua vez, o Cristianismo defende o sepultamento segundo a imitação da sepultura de Jesus Cristo que marca o respeito pelos corpos dos mortos. É por causa disso que os cristãos, em vez de dizer palavra necrópole (*pólis* dos mortos), substituíam por cemitério (dormitório), na visão deles a morte é vista como sono sereno à espera do dia da ressurreição dos corpos que Deus preparou para o último dia. Assim, a cremação veio a desaparecer em toda a Europa, mas há alguns teólogos que aceitavam essa prática em caso da existência de epidemias graves que dizimavam o povo.

Para a cultura lomwe a única forma que até nos dias atuais é notável é o sepultamento dos corpos seguindo a exemplo da sepultura de Jesus Cristo.

Quanto ao ressurgimento da cremação remonta a Revolução Francesa, com o único escopo de deixar cair por terra a crença do povo no que diz respeito a imortalidade, neste sentido esse pensamento não teve avanços. No século XIX, nova tentativa pelo mesmo motivo anti- religioso, acompanhado com os argumentos que tem a ver com questões de higiene e falta de espaços nos cemitérios públicos. Na Itália apareceram rapidamente trinta sociedades de cremação, embora nessa época a Igreja tenha proibido a sua execução. De sublinhar que, em Portugal, o primeiro forno crematório foi inaugurado em 1925, no Alto de São João, em Lisboa; e no ano 1995, na cidade do Porto. Onde a cremação era feita em menos de uma hora, restando apenas as cinzas<sup>136</sup>.

De referir que a Igreja não se opõe à cremação explicando que tal opção não seja tomada com um olhar desprezível do corpo de quem já partiu, visto que antes era morada da alma, conforme se encontra na atual legislação do cânone 1176:

«Devem fazer-se as exéquias eclesiásticas aos fiéis defuntos, com as quais a Igreja implora o auxílio espiritual para os defuntos e honra os seus corpos, e ao mesmo tempo leva aos vivos a consolação da esperança... A Igreja recomenda vivamente que

---

<sup>136</sup> José Torres, *O caminho da vida humana*, Lisboa: Editorial Hospitalidade, 2011, 534

se conserve o piedoso costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido preferida por razões contrária à Doutrina cristã<sup>137</sup>».

Para aqueles que se inquietam ao verem a Liturgia cristã dos funerais, temos que sublinhar que é uma celebração da Morte e Ressurreição de Cristo. Nesta celebração exequial, a Igreja pede a Deus que os seus filhos, incorporados em Cristo pelo Batismo, de uma alma purificada, sejam associados aos Santos e eleitos no Céu, enquanto o corpo aguarda a última vinda de Cristo e a ressurreição.

Na comunhão dos santos, a Igreja oferece pelos fiéis defuntos o sacrifício eucarístico, orações e sufrágios, e aos que choram a morte dá-lhes auxílio espiritual da consolação e esperança na vida eterna.

«Agostinho e seu irmão Navígio estavam junto da mãe moribunda. Navígio suspira, lamentando que ela não possa terminar os dias na pátria, e que morra no estrangeiro. Mas Santa Mónica, moribunda diz-lhes: “Sepultai este corpo em qualquer parte e não vos preocupeis com ele. Só vos peço que vos lembreis de mim diante do altar do Senhor, onde quer que estejais<sup>138</sup>”». Este mesmo Santo Agostinho, depois da morte da sua querida e santa mãe, afirmava: «Não fiquemos tristes por tê-la perdido; agradeçamos antes por tê-la tido».

#### **4.A emergência de uma ética teológica da morte a partir da cultura lomwe**

No contexto cultural lomwe pode-se falar de uma boa morte ou má morte. Para o lomwe, uma boa morte é a que chega conforme o previsto pela tradição, tendo em conta vários factores: tempo (idade avançada); descendência (deixar muitos filhos), lugar (morrer na própria aldeia e na própria casa), e algumas modalidades (morrer sem grande sofrimento, em presença dos familiares mais chegados, não deixando questões pendentes de solução e em paz com a família e a sociedade. Esta é morte de uma pessoa que vivia fielmente e seguia os princípios e a moral da sua cultura.

---

<sup>137</sup> Cf. Código de Direito Canónico, Cân.1176.

<sup>138</sup>Cf. Santo Agostinho, Confissões, Trad. Ambrósio de Pina, Braga: Ed. Livraria Apostolado da Imprensa, Livro IX, XI, 1990, 230.

A morte é uma metamorfose: com a morte inicia a nova maneira de ser do novo ente “*Munepa*”, o que outrora era um ser vivo, com a sua morte surge um novo ser, em relação ao que ele era, em vida, e, ao mesmo tempo, é sua parcial continuação.

Como nos referimos anteriormente, para a cultura lomwe, a morte é uma mudança de estado, que supõe, ao mesmo tempo, ruptura e continuidade. O que subsiste do antigo estado no novo é, fundamentalmente, a identidade essencial da pessoa, os laços familiares (quem morre continua a pertencer à sua própria família) e sociais (o falecido continua a ser membro da sociedade a que pertenceu em vida)<sup>139</sup>.

Biblicamente temos a parábola que diz “*Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto*” (Jo 12, 24). Esta passagem transmite a relevância do sacrifício individual e do morrer, para ganhar uma vida eterna.

#### **4.1 Duma possível aplicabilidade do legado dos diversos campos de estudos sobre a morte na cultura lomwe.**

Na verdade, a morte é um problema que é refletido por vários campos dos estudos nisto a cultura lomwe, embora tendo as práticas próprias, vem assumindo outras realidades, como fruto das influências. Destacamos as ciências humanas, como é o caso da ética, a filosofia, a bioética, por fim as influências vindas do cristianismo. Para uma boa convivência e apesar de manter algumas raízes típicas da cultura, no modo de se lidar com a situação da morte, houve mudanças, desde o momento da agonia do defunto, até o momento do reconhecimento do antepassado, a partir do estilo de vida que levava.

No campo da ética a morte aparece, ligada a realidades como: guerra, terrorismo, tiranicídio, doenças e outras situações. Também são notáveis aquelas realidades que são agressivas à vida humana que dá a morte: suicídio, homicídio, greve de fome, etc. Outras vezes, pretende-se justificar ética e juridicamente a morte imposta: é o caso da pena de morte<sup>140</sup>.

---

<sup>139</sup>Cf. Francisco Lerma Martínez, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: 1989, 207.

<sup>140</sup> Cf. Marciano, Vidal, *Diccionario de Ética Teológica*. Estella- Navarra: Editorial Verbo Divino, 1991, 405.

A nível clínico, Marciano Vidal define a morte como sendo a supressão de toda a manifestação de vida do organismo no seu conjunto, enquanto a extinção duma determinada parte do corpo denomina-se necrose. Para classificar a morte clínica, é importante frisar que nos primeiros séculos considerava-se o final da vida a última palpitação do coração. Mas essa teoria caiu por terra na medida em que atualmente diz-se uma pessoa está clinicamente morta quando nela se produziu uma degeneração irreversível da massa cerebral.

Nesta situação podemos verificar que antigamente na cultura lomwe, considerava-se uma pessoa morta, quando faltava a respiração (*omala n`wiya*), paragem do batimento cardíaco e mais tarde foram vendo que uma pessoa é dita morta quando apresenta uma paragem total do cérebro (*wuma wa otxopare* que significa paragem cerebral). Para a cultura lomwe, embora não tendo um estudo científico, fazem uma avaliação do corpo do finado, a semelhança a do que encontramos na avaliação clínica: ausência de resposta cerebral, com perda absoluta de consciência, ausência de respiração espontânea.

#### **4.2 Evangelho na cultura lomwe: uma análise crítica- contributiva para mudança do comportamento e abandono das práticas concernentes a morte**

Com a chegada do Evangelho de Jesus Cristo, na cultura lomwe, através do trabalho árduo dos missionários foi possível a mudança de mentalidades, em certas práticas durante o tempo da morte, desde o momento da agonia, cerimónias fúnebres, vivência do luto até o momento da veneração dos antepassados.

Mas também é notável a permanência de algumas raízes típicas da cultura concernentes a todo processo do morto até a sua respetiva veneração do defunto. Podendo afirmar que houve inculturação do evangelho na cultura lomwe, e há aquilo que é tipo da cultura lomwe.

Do ponto de vista histórico-cultural, a encarnação do Evangelho nas culturas deve ser realizada através das seguintes etapas<sup>141</sup>: inculturação dos agentes da pastoral; encarnação da mensagem e da fé; e a indigenização da Igreja.

O processo deve começar com a adaptação dos agentes à nova cultura a evangelizar. Eles devem fazer todo o possível para chegar à alma cultural do povo, a fim de sentir e valorizar as coisas como elas são.

A encarnação da mensagem refere-se mais à comunidade e pressupõe, em primeiro lugar, discernir o conteúdo essencial do kerygma de Jesus Cristo para despojá-lo de todo revestimento cultural estranho à nova cultura e apresentá-lo em seus elementos universalmente válidos.

O Cristianismo dos Apóstolos e dos Mártires tem alastrado por todos os lados, difundindo-se e espelhando-se por povos, nações e culturas. A força cristã do Reino, que não é deste mundo, penetra nos homens, que o Espírito Divino transforma em homens crentes<sup>142</sup>.

Na verdade com o Evangelho houve tanta mudança no modo de vivência e assumir a realidade da morte, assim como todo tipo do luto, os ritos fúnebres. Neste sentido durante o velório foi retirada a parte dos cantos e danças tradicionais, dando lugar a reza do terço, acompanhado com os cantos que dão a esperança na ressurreição.

A expansão do cristianismo está na força divina da existência de Deus, que se revela com bondade e evidência<sup>143</sup>.

A expansão do cristianismo trouxe muitos avanços no modo de pensar e de ver a morte, com base no exemplo que Jesus demonstrou com a sua morte e ressurreição, que Deus é Pai que dá a vida aos seus filhos.

Além disso, caberá à comunidade assimilar essa mensagem, já discernida, a partir dos seus esquemas de vida e das aspirações mais profundas do seu coração, sempre abertas a uma plenitude de identidade étnico-histórico-cultural, na qual a própria

---

<sup>141</sup>Cf. Domingo, Salado, *Inculturacion y nueva evangelizacion*, Salamanca: Editorial San Esteban, 1991, 55.

<sup>142</sup>Cf. Dias, Mário Simões, *A imitação de Cristo (Vidas de Santos)*, Portugal: Gráfica de Coimbra, 2012, 25.

<sup>143</sup> Cf. *Ibidem*, 36.

comunidade valorizará a contribuição plenificante para essa identidade, proveniente da descoberta de Jesus Cristo<sup>144</sup>. Por fim, a indigenização visa já a reexpressão da fé, da Igreja, de tudo o que é cristão, de acordo com a linguagem, as categorias, os valores e o génio cultural do próprio povo. Para isso, serve de estímulo e força transformadora o sentido de libertação integral contido e proclamado no Evangelho cristão.

Nos primeiros dias do cristianismo na cultura lomwe, nos dias das ordenações sacerdotais, ao se entoar o cântico de invocação dos Santos (Ladainhas), a cultura também era presente em que duas senhoras faziam a invocação dos antepassados por meio da farinha. Neste sentido eram quatro senhoras (duas faziam a invocação dos antepassados sendo uma em cada lado, deitando farinha ao chão, como acontece nas cerimónias tradicionais; e outras duas, em cada lado, possuíam painéis de barro com brasas para queimar o incenso, que é típico da Igreja em Moçambique). Porém, alguns anos a invocação dos antepassados durante as ordenações por meio da farinha, foi suprimida, permanecendo apenas o uso do incenso.

#### **4.2.1 O local da veneração dos antepassados vs adoração de Deus Pai**

Os antepassados na cultura africana, concretamente na África subsariana, desempenham um papel muito importante, na medida em que eles servem como elo entre Deus e aos seres humanos em vida. Por isso, os antepassados continuam vivos no coração do povo em que vivia antes de tomar a outra vida. Assim sendo, nota-se, como dissemos, uma grande comunhão entre os vivos e os seus antepassados.

Ao longo do nosso percurso sobre a veneração dos antepassados, sublinhamos que a cultura africana, de modo particular a cultura bantu, acredita que os antepassados estão sempre dispostos em ajudar os seus descendentes independentemente do tipo de dificuldades que terão que enfrentar. Deste modo, a relevância dos antepassados engrandece-se a nível social na medida em que proporcionam auxílio aos que necessitam e castigam todos aqueles que desobedecem as suas orientações que servem para organizar e manter a boa convivência entre os membros da sociedade.

---

<sup>144</sup>Cf. Domingo, Salado, *Inculturacion y nueva evangelizacion*, Salamanca: Editorial San Esteban, 1991, 55.

A Igreja sempre respeitou o corpo humano, mesmo quando este se torna defunto, aspergindo-o e incensando-o; e continua a venerar as relíquias dos que são proclamados Bem- Aventurados<sup>145</sup>.

A cultura lomwe embora venera os antepassados, não exclui aquela adoração dirigida ao Ser Supremo, Deus Criador de todas as coisas. Para o povo lomwe, os antepassados tem como local específico para venerá-los debaixo de uma árvore consagrada, geralmente denominada *mussolo*, embondeiro. Por conseguinte, Deus é adorado e glorificado em todos os lugares.

#### **4.2.2 Veneração dos antepassados na cultura lomwe vs veneração dos santos e dos mártires**

Na cultura lomwe a invocação dos antepassados é sempre acompanhada com algumas orações e sacrifícios. As orações do sacrifício tradicional lomwe (*Mukhutxo*), são geralmente, orações espontâneas. Há sempre uma oração inicial ou mais simples solene que é feita por aquele que é confiado para presidir as cerimónias. Todas as orações embora algumas sejam espontâneas, seguem uma estrutura quase semelhante: a primeira é a que denominamos invocação inicial que é dirigida a Deus «*Shonte Muluku...*» que quer dizer (Por favor Deus...); a segunda invocação, é dirigida aos antepassados, porque em caso dos sacrifícios são oferecidos diretamente a eles.

Em caso da petição, quem dirige a oração principal expõe aos antepassados a situação em que se encontra a família ou aldeia, os motivos por que resolveram fazer sacrifício e fazem-se as petições concretas, que esperam que sejam atendidas: Por exemplo, *Shonte, nvekeni Muluku yele nivenkahu: yolya, ekumi, epula, ikhorowa, enama, niwi niweleliweke navekaka mutheko*<sup>146</sup>, que quer dizer: Por favor, pedi a Deus em favor dos que pedimos: alimentação, saúde, chuva, dinheiro, carne e que sejamos atendidos e aceites quando pedirmos trabalho.

---

<sup>145</sup> Cf. José Torres, *O caminho da vida humana*, Lisboa: Editorial Hospitalidade, 2011, 544.

<sup>146</sup> Cf. Martínez, Francisco Lerma, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989, 262.

A partir da prática encontrada nos locais de missões, em diversas partes da cultura lomwe, foi tão importante na construção do novo modo de pensar e de tomada de consciência em tudo aquilo que acontecia. A tarefa dos missionários foi de dizer, ao em vez de passar muito tempo por baixo da árvore a invocar os vossos antepassados, há um ser Supremo a que temos de adorar que é Deus, Criador de todas as coisas. O cristianismo trouxe inovação, para a invocação dos Santos e os mártires que tanto deram a sua vida em nome de Cristo.

Como nos referimos anteriormente de que a Igreja estabeleceu dois momentos que nos dão uma esperança no amor de Deus para com todos os vivos e defuntos. Temos duas celebrações: 1º A festa de todos os Santos, no dia 1 de novembro, em que nos dedicamos todas as nossas orações, aqueles homens e mulheres que viveram fielmente seguindo os preceitos de Deus. Por conseguinte, no dia 2 de novembro nos unimos com os nossos defuntos que já terminaram o seu tempo de vida cá na terra.

O fenómeno das perseguições, que acompanhou a expansão do cristianismo até à paz constantiniana, deu origem a dois tipos de literatura: a apologética e a dos mártires. Os primeiros três séculos do cristianismo ficaram conhecidos como era dos mártires, devido as inúmeras vítimas provocadas pela hostilidade e intolerância da parte do império e da sociedade em geral<sup>147</sup>.

Santo Agostinho diz: «nós não instituímos para estes mesmos mártires nem templos, nem sacerdócio, nem ritos sagrados, nem sacrifícios porque, para nós, eles não são deuses: o Deus deles é o nosso Deus. É certo que veneramos as suas «memórias» como santos homens de Deus, que até à morte combateram pela verdade para fazerem conhecer a verdadeira religião, provando a falsidade, a mentira do paganismo. Se antes deles homens houve que partilharam de tais sentimentos, por medo esses homens tais sentimentos reprimiam<sup>148</sup>.

Todas as homenagens trazidas pelos fiéis aos túmulos dos mártires são, portanto, testemunhos prestados à sua memória, não são ritos nem sacrifícios oferecidos aos mortos como se deuses fossem.

---

<sup>147</sup>Cf. Isidro Pereira Lamelas, *Os Padres da Igreja: Dos Apóstolos a Constantino*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2000, 132.

<sup>148</sup>Cf. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Lisboa: Volume I, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, (LIVRO VIII, CAP. XXVII), 2011, 787.

Santo Agostinho (VIII, XXVII) sublinha que alguns transportam para lá mesmo alimentos, o que não fazem os melhores cristãos e, maior parte das terras não há esse costume. Aliás, os que o fazem, depois de colocarem os alimentos sobre o túmulo e de recitarem as suas orações, levam-nos para os comerem ou mesmo para os distribuírem pelos indigentes, desejando apenas santificá-los pelos méritos dos mártires em nome do Senhor dos mártires. Mas quem conhece o único sacrifício dos cristãos que também lá é oferecido, sabe que não se trata de sacrifícios oferecidos aos mártires. O martírio cristão: o que distingue o martírio cristão é exatamente a referência a Cristo, o protótipo do mártir cristão. «Mártir» é aquele que testemunha a fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Como ensina Santo Inácio, com o testemunho das palavras e do próprio sangue, o mártir imita a paixão de Cristo, «amor até ao fim» consumado na Paixão de Cristo<sup>149</sup>.

O amor a Cristo e o anúncio da verdade é o que levou muitos homens e mulheres a manterem a fé, e deram a vida como próprio Jesus Cristo derramou o seu sangue ao amor que tem para com a humanidade.

O mártir não só dá testemunho da fé em Cristo, como se une e participa da morte e ressurreição de Cristo: «Este título de mártir é reservado a Cristo, o testemunho fiel e verdadeiro, o Primogénito de entre os mortos, o autor da vida divina». Ser mártir não consiste em sofrer ou morrer heroicamente, mas no sofrer com Cristo<sup>150</sup>.

Foram muitos mártires, antes e ainda depois de Constantino. O Martirológio Jeronimiano enumera uns 979 mártires, mas só contempla os mais ilustres. Segundo Tácito, na grande perseguição desencadeada por Nero, padeceu o martírio uma grande multidão. São Clemente Romano fala também de uma grande multidão de eleitos. São Cipriano, em seguida escreverá que o povo dos mártires foi incalculável. Nas Catacumbas encontraremos numerosos testemunhos dos que deram a vida pela fé, boa parte dos quais permanecerá no anonimato. Só nas Catacumbas de São Calisto foram sepultados uns 46 mártires, conhecidos pelo nome<sup>151</sup>.

Os mártires merecem a veneração porque acreditamos que esses homens e mulheres morreram na fé em Cristo que deu a vida a toda a humanidade. Os mártires

---

<sup>149</sup> Cf. Isidro Pereira Lamelas, *Os Padres da Igreja: Dos Apóstolos a Constantino*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2000, 139.

<sup>150</sup> *Ibidem*, 139.

<sup>151</sup> *Ibidem*, 138.

seguiram de perto a Paixão de Cristo, já que Cristo morreu para a salvação de cada um de nós. Quem morre em Cristo, com ele ressuscitará no último dia.

Portanto, enquanto a cultura lomwe empenha-se a invocar os seus antepassados por meio dos sacrifícios e orações, para que peçam a Deus para aliviar a sociedade nas dificuldades do dia-a-dia. Para o cristianismo, nota-se algo diferente embora com algum ponto que é semelhante, que é a questão da veneração dos defuntos e pede-se a eles que roguem a Deus, para que o povo alcance as misericórdias divinas e o bem-estar.

## **5.Cristo é único mediador entre Deus e a humanidade**

Ao longo da reflexão da veneração dos antepassados na cultura lomwe, ficamos a perceber que nos primeiros momentos e antes da presença do cristianismo, o povo tinha a ideia de que os mortos principalmente os antepassados tinham o poder de proteger os seus familiares ainda em vida ou a sociedade em que eles viveram. Para tal com trabalho árduo dos missionários naquela cultura, foi preciso longos anos para que o povo tomasse a consciência de que apesar da existência dos antepassados que foram modelos durante a vida e que podem fazer alguma coisa para aliviar a situação crítica do povo. Mas com o cristianismo, o povo lomwe nos dias atuais já compreende que o único mediador é Jesus Cristo.

E para caminhar mais confiadamente nessa fé para a verdade a própria verdade, Deus Filho de Deus, assumindo o homem sem anular a Deus, fundou e estabeleceu essa mesma fé para que o homem por intermédio do Homem-Deus. Este é que é, realmente, o Mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus: é Mediador por ser homem e como tal é caminho<sup>152</sup>.

Na Sagrada Escritura, encontramos Jesus Cristo afirmando que Ele é o caminho a Verdade e a Vida (cf. Jo 14,6). É importante crer em Jesus e nas suas respetivas obras (cf. Jo 14,11). E nisso somos convidados a dirigirmos os nossos pedidos a Ele (Jo 14, 13-14). Por sua vez afirma-se que “Há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os

---

<sup>152</sup> Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Lisboa: Volume II, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, 2011 (LIVRO XI, CAP.II), 990.

homens, um homem: Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como resgate por todos (1Tm 2,5-6).

Papa Pio XII, na sua encíclica “*Mediator Dei*”, onde relata sobre a Sagrada Liturgia, no primeiro ponto diz: “O mediador entre Deus e os homens é Cristo”, o grande pontífice que penetrou os céus, Jesus Filho de Deus, assumindo a obra de misericórdia com a qual enriqueceu o gênero humano de benefícios sobrenaturais, visou sem dúvida a restabelecer entre os homens e o Criador... a fim de que, com sua pessoal colaboração na obra da própria santificação, fruto de sangue imaculado do Cordeiro, dessem a Deus glória que lhe é devida<sup>153</sup>.

Com isto, dá para perceber que a ponte que liga entre Homem e Deus é somente Jesus Cristo que veio ao mundo com único objetivo de salvar a humanidade que se encontrava no pecado. É importante confiar nesse Jesus Cristo que nos leva para o Pai. Somente a Ele, é reservado o papel da mediação, para que todo aquele que confiar, alcance a glória que Deus reservou para todos os que O amam.

Na mesma Carta encíclica, Pio XII no nº 15, reforça o pensamento: “De facto, apenas “o Verbo se fez carne” manifesta-se ao mundo no seu ofício sacerdotal, fazendo ao Pai Eterno um ato de submissão que durará por todo tempo: “entrando no mundo, diz... eis que venho...para fazer, ó Deus, a tua vontade<sup>154</sup>”.

Jesus Cristo, fez-se carne, assumindo a condição frágil como qualquer ser humano, para que conseguisse alcançar a humanidade e dela conduzir- nos ao Pai. O Verbo fez-se carne, para que tornasse semelhante ao ser humano menos naquilo que é o pecado que nos afasta dos olhos de Deus.

Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2, 18)<sup>155</sup>.

É pertinente sublinhar o papel fundamental que Cristo tem para com a humanidade, de ser esse único que nos leva para o Pai, que é mediador. Damos graças a

---

<sup>153</sup> Pio XII, *Carta encíclica Mediator Dei: Sobre a Sagrada Liturgia*, do dia 20 de novembro de 1947.

<sup>154</sup>Cf. Pio XII, *Carta encíclica Mediator Dei: Sobre a Sagrada Liturgia*, do dia 20 de novembro de 1947.

<sup>155</sup>Cf. Constituição dogmática Dei Verbum: Sobre a revelação divina, do dia 18 de novembro de 1965.

esse papel de Jesus ao desempenhar essa parte de nos ligar com o Pai por meio do Espírito Santo.

## CONCLUSÃO

Depois da reflexão em torno do tema: “*A Compreensão da morte: uma visão ética a partir da cultura Lomwe*”, notou-se que a ética propõe uma educação que visa aperfeiçoar o Homem, a tomar consciência no que tange à morte. Esse projeto de ensinar os seres humanos a viverem com tranquilidade de que a morte é um rito de passagem, que tem a sua origem nas doenças, ou por agressões da vida como é o caso da fome, guerra e entre outras situações. Os temas que tratamos neste trabalho acerca da morte no contexto cultural lomwe, foram elaborados por meio de um auxílio da obra com o tema o povo Macua e a sua cultura. E sem deixar de lado as outras obras concernentes ao tema, para que dela conseguíssemos extrair o saber.

De referir que não foi fácil fazer este estudo da morte no pensamento ético, entrando no que é específico da cultura lomwe. Mas ciente de que cada cultura possui algumas orientações que ajudam a moldar um determinado estilo de vida. Porque o que torna o povo naquilo que é, sem dúvida é a própria cultura.

Quanto ao primeiro capítulo foi de conceptualizar e contextualizar a morte, começando com o pensamento vindo da ética. Colocados em debate a ética e várias matérias de estudo sobre a morte, destacamos algumas situações, tais como a eutanásia e suicídio assistido e o aborto, quer ele espontâneo ou provocado. A “eutanásia”, significa uma morte boa e digna. Este conceito na antiguidade era visto como o tipo de cuidado que o médico dispensava ao paciente moribundo para aliviar o seu sofrimento e a dor. Só mais tarde esta palavra passou a significar a ação direta de aliviar a dor do doente deixando desta forma que ele morre. Enquanto, o suicídio assistido consiste na ajuda para realização do suicídio, muitas vezes a pedido do próprio paciente, ou seja, o suicídio assistido é uma forma de morte planejada, sendo esta condição de assumir tanto a própria morte com dignidade. E por fim, o aborto que é a morte prematura, também origina de duas maneiras, espontaneamente ou de forma propositada.

Ao longo do estudo notamos que clinicamente existe uma forma de avaliar e decretar que uma pessoa está clinicamente morta, quando apresenta alguns elementos que são suficientes. Para Marciano Vidal, nesta perspetiva define o momento da morte clínica tomando como parâmetro não o coração, mas o cérebro. Considera-se uma pessoa morta clinicamente quando nela se produziu uma degenerescência irreversível da

massa cerebral<sup>156</sup>. Verificada a morte irreversível do cérebro, o homem é considerado clinicamente morto. Ficando comprovado o conceito da morte do ser humano como morte do cérebro, torna-se necessário ter em conta um conjunto de critérios para comprovar a perda irreversível e total do funcionamento do cérebro.

No nosso estudo sublinhamos que quanto à doutrina bíblica, a morte veio ao mundo por causa do pecado, o pecado é fruto da desobediência a Deus. O Diabo enganou o homem a desobedecer a Deus e “*foi por inveja do Diabo que a morte entrou no mundo (Sb 2,24)*”, a morte está presente no mundo por causa de Diabo. “A morte que o Diabo faz entrar no mundo é a morte espiritual, com sua consequência a morte física (cf. Sb1,13)”. No Novo Testamento continua o mesmo pensamento de que Adão e Eva sejam os promotores da morte (Rm 5,12-14)”. Para Paulo, expressa a ideia de que a morte é a consequência do pecado do primeiro homem. São João chama sempre ao Diabo de homicida desde o princípio “Vos sois do Diabo, vosso pai, e que quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não se manteve na verdade, porque nele não há verdade (Jo 8,44).

A Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, o número 18: dá a entender que a Igreja no mundo atual, tem o papel fundamental para instruir os cristãos, de que por causa do pecado original, o homem está sujeito a padecer a morte corporal, esse mal só seria evitado se o homem não cometesse o pecado”. Por sua vez Santo Agostinho, dizia «deve-se reconhecer que os primeiros homens, na verdade, foram criados para não sofrerem a qualquer género de morte se não tivessem pecado. Para além, dessa morte que veio por causa do pecado, ao longo da história Deus enviou o Seu próprio Filho, que por meio da sua morte e ressurreição libertasse a humanidade conduzindo a salvação.

Segundo capítulo que é o ponto mais alto desta pesquisa é de perceber como é que a cultura lomwe encara essa realidade da morte de uma determinada pessoa. A morte é condição de regeneração; faz parte do ciclo da existência; a chegada ao mundo, e a saída ao mundo, são dois nascimentos: um no seio da mãe, e outro no seio da terra. Os Bantu, distinguem entre as doenças de origem natural e as de origem moral: as primeiras seriam “doenças de Deus” e as segundas “doenças dos homens”. Há doenças,

---

<sup>156</sup> Cf. Vidal, Marciano. *Diccionario de Ética Teológica*. Estella –Navarra: Editorial Verbo Divino, 1991, 407

que provém de uma disfunção fisiológica do organismo, e há doenças causadas pelos agentes humanos malfazejos (*akwiri*= feiticeiros), por antepassados ou defuntos da família descontentes com a conduta de um seu descendente, ou com a sua negligência em relação a eles, pelos espíritos maus (zangados), ou pela quebra de um interdito.

Uma outra instância é da percepção do cuidado que o povo lomwe tem para com aqueles que estão numa fase terminal de doença, passando no momento de suspiro até o período de sepultamento. Para o povo lomwe os ritos e as práticas funerárias constituem celebrações comunitárias, visto que com a morte de uma determinada pessoa, a comunidade paralisa todas as atividades. Nisto desde o velório até a sepultura é ato comunitário. Seguindo alguns preceitos culturais. O acompanhar o morto até ao cemitério onde está a tumba é ato de caridade e comunitário porque a tumba é a casa eterna do defunto, por isso é constante ouvir os lomwes falando de *ennpá* que quer dizer casa.

Terminando esta primeira fase, vem a outra a que denominamos a fase de conformação, visto que a partir do momento em que acaba a celebração do enterro começa o período de vivência do luto por parte dos familiares do falecido. Este período, por norma tem a duração de um ano, dividido em dois momentos: 1º luto grande, com a duração de 40 dias, onde os familiares se reúnem no quadragésimo (40º) dia para voltarem a sepultura para plantio de flores em volta do túmulo; 2º luto pequeno, diz respeito ao resto do tempo até ao primeiro aniversário da morte do familiar.

O que marca uma união entre os vivos e os mortos é o que denominamos o momento da invocação dos antepassados, que é acompanhado por alguns sacrifícios, para se fazer orações, pedidos ou agradecimentos. O povo lomwe, durante os momentos difíceis e não tendo respostas para as situações em que se encontram, se reúnem para fazer algum sacrifício aos antepassados, em vista a terem paz e tranquilidade na sociedade, estes sacrifícios são divididos em dois grupos, o primeiro é o sacrifício pequeno que tem a ver com a cerimónias que são realizada de forma familiar e o sacrifício grande é o que envolve todos membros de uma determinada aldeia, é feito em caso, de pedido de chuva, quando se nota a seca. Por outro lado, os antepassados são considerados custódios das leis tradicionais e dos costumes de que depende a sobrevivência do clã. Assim sendo, eles desempenham um papel de relevo castigando

com doenças àqueles que abandonam as suas leis. E, ao mesmo tempo, abençoam aqueles que guardam as suas leis.

Enfim, no terceiro capítulo demonstrou-se a necessidade de abertura com a questão teológica e moral e sem pôr em questão os elementos típicos da cultura, foi apenas a mudança do paradigma, por exemplo, a partir da prática encontrada nos locais de missões, em diversas partes da cultura lomwe, foi tão importante na construção do novo modo de pensar e de tomada de consciência em tudo aquilo que acontecia. A tarefa dos missionários foi de dizer, ao em vez de passarem muito tempo por baixo da árvore a invocar os vossos antepassados, há um ser Supremo, a Ele devemos adorar, é o Deus, Criador de todas as coisas. O cristianismo trouxe inovação, para a invocação dos Santos e os mártires que tanto deram a sua vida em nome de Cristo.

Ao convergir o pensamento da veneração dos antepassados na Sagrada Escritura e na Cultura Lomwe foi possível identificar que tanto na Sagrada Escritura, quanto na cultura lomwe, essa prática está presente.

Portanto, chegamos a perceber que não é a veneração dos deuses ou dos antepassados que podemos chamar a eles de nossos mediadores, porque temos o único Mediador que é Cristo. Como afirma Papa Pio XII, na sua encíclica “*Mediator Dei*”, onde relata sobre a Sagrada Liturgia, no primeiro ponto diz: “O mediador entre Deus e os homens é Cristo”, o grande pontífice que penetrou os céus, Jesus Filho de Deus, assumindo a obra de misericórdia com a qual enriqueceu o gênero humano de benefícios sobrenaturais, visou sem dúvida a restabelecer entre os homens e o Criador. Neste sentido os nossos antepassados apenas reconheceram como aqueles que viveram antes de nós.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Fontes**

AA.VV, *Os antepassados e a sua veneração: Ata da segunda Semana Teológica da Beira*, de 3-8 de setembro de 1997.

Ciscato, Elia, *Ao serviço deste Homem: Apontamentos de iniciação cultural*, Maputo: 1ª edição, Edições Paulistas- África, 1987.

\_\_\_\_\_, *Introdução à cultura da área: Makhuwa/ Lomwe*, Porto: Artes Gráficas, 2012.

\_\_\_\_\_, *Apontamentos de iniciação cultural*, Diocese de Quelimane, 1987.

Martínez, Francisco Lerma, *O povo macua e a sua cultura*, Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989.

\_\_\_\_\_, *Religiões Africanas Hoje: Introdução ao estudo das Religiões Tradicionais Africanas*, Maputo: EdiBosco, 1995.

### **Documentos do Magistério**

Conferência Episcopal Portuguesa, *Cuidar da vida até à morte: Contributo para a reflexão ética sobre o morrer*, 2009.

Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium: A Santa Igreja*, Braga: 10ª edição, Editorial A. O, 1987.

\_\_\_\_\_, Constituição pastoral *Gaudium et Spes: A Igreja no Mundo Atual*, Braga: 10ª edição, Editorial A. O, 1987.

Catecismo da Igreja Católica, <https://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/m/morte.html>, acessado no dia 30/09/2025.

Constituição dogmática *Dei Verbum: Sobre a revelação divina*, do dia 18 de novembro de 1965.

Pio XII, *Carta encíclica Mediator Dei: Sobre a Sagrada Liturgia*, do dia 20 de novembro 1947.

## Estudos

AA. VV. *Morreste-me: a morte e a esperança cristã*, Porto: 2010.

Abel, Francesc, Edouard Bone, John C. Harvey, *La vida humana: Origen y desarrollo- Reflexiones biorticas de científicos y moralistas*, Barcelona: Ed. Universidad Pontificia Comillas Madrid, 1989.

Aristóteles, *Ética a Eudemo*, Trad. J. A. Amaral (Livros I e II) e Artur Morão (Livros III, VII, VIII e notas), Lisboa: 2005.

Aristóteles, *Ética a Nicómaco: Edição bilingue*, Trad. Dimas de Almeida, Porto: Edições Universitárias Lusofonas, 2012.

Cardedal, Olegario González, *Sobre la muerte*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.

Carvalho, Maria Manuela Dias, *A consumação do homem e do mundo*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

Cipire, Felizardo, *A educação Tradicional em Moçambique*, Maputo: 2ª edição, Publicações Emedil, 1998.

Clemente, Manuel, *O tempo pede uma Nova Evangelização*, Portugal: 3ª edição, Edições Paulinas, 2013.

Código de Direito Canónico, Promulgado pela S. S. O Papa João Paulo II, Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1983.

Cortina, Adelia e Emílio Martínez, *Ética*, Trad. Rque Junge, São Paulo: Ed. Loyola, 2005

Dias, Mário Simões, *A imitação de Cristo (Vidas de Santos)*, Portugal: Gráfica de Coimbra, 2012.

Gauthier, René Antoine, *Introdução à moral de Aristóteles*, Trad. Maria José Ribeiro, Portugal: Publicações Europa- América.

H. U. von Balthasar, *Mistério Pascal, in Mysterium Salutis*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1994.

H.U. von Balthasar, *Cordula Ovverosia il caso serio*, Brescia: Ed. Quiriniana, 1968.

<https://cicloassist.com.br/blog/descubra-os-diferentes-tipos-de-sepultamento-disponiveis-hoje-em-dia>. Acedido no dia 23 de outubro de 2025.

José Torres, *O caminho da vida humana*, Lisboa: Editorial Hospitalidade, 2011

Justino de Roma, I e II Apologias e Diálogo com Trifão, Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, Brasil: 2ª edição, Paulus, 1995. I Apologia 24.

Kasper, Walter, *El Dios de Jesu Cristo*, Salamanca: Ed. Sígueme, 2001.

Kasper, Walter, *Gesú il Cristo*, Bréscia: Ed. Queriniana, 1975.

Kovács, Maria Julia *Bioética nas questões da vida e da morte*, Instituto de Psicologia-USP, 2003.

Patrício D. T. J; Alexandre, A e Jorge, A. D. *O Povo lomwe, sua expansão e a influência da modernização nos seus hábitos costumes*, Vol. 3, nº2, 2023. Acedido aos 26 de junho de 2025, <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1312/1061>.

Platão, Fédon, *Diálogo sobre a alma e a morte de Sócrates*, Trad. Ângelo Ribeiro, Porto:1919.

Platão, *A República*, Trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

Platão, Diálogos III Apologia de Sócrates, Críton e Fédon, Trad. Fernando Melro, Mira Sintra: **1982**

Platão, *Êutifron- Apologia de Sócrates- Críton*, Trad. M. Oliveira Pulquério, Lisboa:1972

Rahner, Karl, *Sentido teológico de la muerte*, Barcelona: Herder, 1965

Salado, Domingo, *Inculturacion y nueva evangelizacion*, Salamanca: Editorial San Esteban, 1991

Salvador Vascano, *Un cuerpo destinado a la muerte*, Madrid: Estudios y ensayos, 2006.

Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Lisboa: Volume I, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, 2011.

Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Trad. B. Dombart e A. Kalb, Lisboa: Volume II, 4ª edição, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian- Serviços de Educação e Bolsas, 2011, 1191.

Santo Agostinho, *Confissões*, Trad. Ambrósio de Pina, Braga: Ed. Livraria Apostolado da Imprensa, Livro IX, XI, 1990.

The New International *Dictionary of New Testament Theology*, United States of America: Vol. 1. Editor: Colin Brown, 1971.

Vidal, Marciano. *Diccionario de Ética Teológica*. Estella –Navarra: Editorial Verbo Divino, 1991.